



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – UAHG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

NITA KEOMA LUSTOSA DE SOUSA

“MENTE SÃ EM CORPO SÃO”:

**A CULTURA FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE, (1966-
1978)**

CAMPINA GRANDE – PB

2018

“MENTE SÃ EM CORPO SÃO”:
A CULTURA FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE, (1966-1978)

NITA KEOMA LUSTOSA DE SOUSA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: História Cultural das Práticas Educativas

Orientador: Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S725m Sousa, Nita Keoma Lustosa de.
 “Mente sã em corpo são”: a cultura física no Colégio Estadual de
 Campina Grande, (1966-1978) / Nita Keoma Lustosa de Sousa. – Campina
 Grande, 2018.
 167 f. : il. color.

 Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina
 Grande, Centro de Humanidades, 2018.
 "Orientação: Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva".

 1. Cultura Física. 2. Colégio Estadual de Campina Grande. 3. Práticas
 Educativas. 4. Cultura Escolar. 5. Corpo. I. Silva, Ramsés Nunes e.
 II. Título.

CDU 94:39(043)

NITA KEOMA LUSTOSA DE SOUSA

“MENTE SÃ EM CORPO SÃO”:

A CULTURA FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE, (1966-1978)

Aprovada em: 20/03/2018

BANCA EXAMINADORA

Ramsés Nunes e Silva

Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva (UEPB/UFCG)

Orientador

Maria Lúcia Nunes da Silva

Prof.^a. Dr.^a. Maria Lúcia Nunes da Silva (UFPB)

Examinadora Externa

Azemar dos Santos Soares Júnior

Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior (UFRN/UFCG)

Examinador Interno

Prof. Dr. Mateus da Cruz e Zica

Examinador Interno – Suplente

Prof. Dra. Silêde Leila Cavalcante

Examinadora Externa -Suplente

AGRADECIMENTOS

Desde que iniciei esta caminhada no Programa de Pós-Graduação em História, em 2016, pela Universidade Federal de Campina Grande, tive a oportunidade de conhecer pessoas iluminadas que tornaram este caminho mais suave e feliz. Ter com quem compartilhar as alegrias e frustrações do mestrado e as conversas “fiadas” nas mesas dos bares ou na praça de alimentação da UFCG foram os principais ganhos que tive durante esses dois anos. Gostaria de agradecer a todos que me acompanharam durante este percurso, a toda a turma do Mestrado em História de 2016, amigos de companhia gostosa que tornaram as minhas manhãs e tardes de aulas divertidas, a turma da linha História Cultural das Práticas Educativas, pela união, parceria e apoio, em especial, a Marinalva Vilar (a mãezona da turma), pessoa mais acolhedora na qual eu tive o prazer de conhecer, Diogo Trindade, Janaina Leandro, Raquel Moraes, Elaine Santana, Talita Mariana, Kelly Kempes, Osmael Oliveira, Marco Antônio e todos aqueles que andaram comigo neste caminho, ao amigo Wilker, que apesar de ter partido tão bruscamente, sua boa energia sempre esteve em minha memória. Agradeço também aos amigos da turma de 2017 da linha História Cultural das Práticas Educativas, pelo acolhimento quando frequentei as disciplinas da turma. Não poderia deixar de agradecer a Eulina Souto e a Luciano Duarte por todo apoio que me deram muito antes de iniciar essa jornada.

Agradeço também a todos os professores, pelo saber compartilhado, aos professores da Linha História das Práticas Educativas pelas aulas leves, sensíveis e emocionantes, em especial ao Prof. Dr. Iranilson Buriti que sempre se mostrou disposto a me ajudar, ao Prof. Dr. Azemar Soares por ter me acolhido e me ajudado em uma fase desesperadora, pois nem só de risos se faz um mestrado. Graças ao apoio de vocês, hoje eu me encontro feliz por concluir esta etapa que tem muita importância para a minha vida pessoal e profissional. Agradeço ao Prof. Dr. Ramsés Nunes por ter aceitado ser o meu orientador no meio do percurso e por ter compartilhado comigo o seu conhecimento, para que eu fizesse um bom trabalho. A Prof.^a. Dra. Maria Lúcia Nunes e ao Prof. Dr. Mateus Zica por aceitarem o convite de serem os meus avaliadores, pelas suas leituras, críticas e sugestões que tornaram possível a construção e conclusão deste texto.

Agradeço a Arnaldo e a Felipe pela eficiência em resolver os problemas burocráticos, em especial a Felipe, que me ajudou quando nem tinha a obrigação de fazê-lo. Também não poderia deixar de agradecer aos colaboradores desta pesquisa, os meus entrevistados que me receberam com simpatia e generosidade em me ceder material para a realização da minha

pesquisa, ao Colégio Estadual da Prata, na figura do diretor Prof. Carlos Daniel, por ter me autorizado a pesquisar no arquivo da instituição.

Também agradeço a CAPES pela bolsa que me possibilitou estudar, pois sem esse auxílio eu não teria conseguido realizar o mestrado. Assim como eu, milhares de estudantes universitários vivem o dilema de abrir mão da sua formação para trabalhar por necessidade e não por desejo. Por tanto, peço ao governo que não entregue as universidades públicas às baratas com o pretexto de privatizá-las, muitos estudantes dependem destas instituições e dos seus auxílios para se especializar, profissionalizar e produzir conhecimento e tecnologia para o país, o ensino superior não deve ser um privilégio de poucos. Por fim, agradeço a todas as forças que me possibilitaram concluir esta etapa e que me apontam para novos caminhos.

RESUMO

A dissertação intitulada “MENTE SÃ EM CORPO SÃO”: a cultura física no *Colégio Estadual de Campina Grande* (1966-1978), tem como objetivo entender as práticas educativas do corpo presentes na disciplina de Educação Física e no Desporto do *Colégio Estadual de Campina Grande*, durante os anos de 1966 a 1978, que produziram uma cultura física na instituição supracitada. As fontes utilizadas para a realização desta pesquisa são compostas por fotografias da época, os periódicos do Diário da Borborema e relatos orais de ex-alunos e ex-alunas do *Colégio Estadual de Campina Grande* que estudaram no recorte selecionado por este trabalho. Como metodologia de análise das fontes, adoto a análise de discurso, dialogando com Michel Foucault (2012) sobre como o colégio buscava produzir corpos sãos, através dos discursos sobre higiene, disciplina, beleza e competição da Educação Física. Esta dissertação tem como objeto de estudo a cultura física do *Colégio Estadual de Campina Grande*, portanto, dialogo com Azemar Soares Junior (2015), para refletir sobre cultura física como categoria de análise, entendendo que no colégio estudado se desenvolveu uma cultura física pautada no desporto, que desejava inculcar nos corpos dos seus estudantes os discursos sobre os corpos sãos. Esta cultura física fez parte de um projeto político educacional da Ditadura Militar (1964-1985) para o Brasil e foi abraçada pelas instituições escolares, religiosas, políticas, e pela imprensa campinense. A disciplina de Educação Física e o desporto tinha como propósito produzir corpos saudáveis para servir a nação, através do patriotismo e do trabalho, contudo, suas práticas foram ressignificadas pelos estudantes do colégio que se apropriaram da Educação Física e do Desporto para atender os seus próprios desejos e interesses.

Palavras-chave: Cultura física; *Colégio Estadual de Campina Grande*; Práticas educativas; cultura escolar; corpo.

ABSTRACT

The dissertation entitled “A healthy mind in healthy body”: Physical culture of “State College de Campina Grande (1966-1978)” intend to analyze the body educational practices, present in Physical Education and Sports Class of the State College of Campina Grande during the years 1966 to 1978, that produced a physical culture in the above mentioned institution. The resources used to carry out this research are composed of photographs, Borborema Daily newspaper, and oral reports of former students of the State College of Campina Grande who studied in the period embraced by this thesis. The methodology adopted in this thesis is the discourse analysis, dialoguing with Michel Foucault (2012) about how the college sought to produce healthy bodies through the discourses about hygiene, discipline, beauty and competition of Physical Education. The object of study of this dissertation is the physical culture of the Campina Grande State College, then, I dialogue with Azemar Soares Junior (2015) to reflect about the physical culture thought as a category of meanings, understanding that in the researched college it was developed a physical culture based on sport, which intend to instill the healthy bodies discourses in the student’s bodies. This physical culture was part of a "political educational" project of the Military Dictatorship (1964-1985) for Brazil and was embraced by school, religious, political institutions, and the Campina’s press. The Physical Education and Sports Class was intended to produce healthy bodies to serve the nation through patriotism and work, however, its practices were re-signified by the college’s students who appropriated The Physical Education and Sports Class to serve their own desires and interests.

Keywords: Physical culture; State College de Campina Grande; Sport; Educational practices; school culture; body.

LISTA DE SIGLAS

ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CECG	Colégio Estadual de Campina Grande
CEC	Centro Estudantal Campinense
CEV	Comissão Estadual da Verdade
CIE	Centro de Investigação do Exército
CEV	Centro Esportivo Virtual
ENEFF	Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física
FUNDACT	Fundação para o desenvolvimento da Ciência e Técnica
FURNE	Fundação Universidade Regional do Nordeste
LDB	Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MEC	Ministério de Educação e Cultura
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PMDB	Partido Movimento Democrático Brasileiro
PP	Partido Popular
RBED	Revista Brasileira de Educação Física e Desportos
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UUC	União Universitária Campinense
UDN	União Democrática Nacional

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Colégio Estadual da Prata (DIÁRIO DA BORBOREMA, 31 jan., 1978, p. 4).....	30
Figura 2: Colégio Estadual da Prata (DIÁRIO DA BORBOREMA, 31 jan., 1978, p. 4).....	33
Figura 3: Ensino de Segundo Grau (DIÁRIO DA BORBOREMA, 17 fev. 1978, p. 4)	36
Figura 4: Atestado médico/1971. [grifo meu]	47
Figura 5: Curso de Atualização em Educação Física-1973.....	50
Figura 6: Percurso feito por Theagenes	59
Figura 7: Medalha de eficiência em Educação Física, frente e trás/1969.....	61
Figura 8: Demonstrações de ginástica olímpica: plinto/ década de 1970.	65
Figura 9: Agradecimentos/ Meados dos anos de 1970	67
Figura 10: Demonstrações de ginástica olímpica I/ Meados dos anos de 1970.	69
Figura 11: Demonstrações de ginástica II/ Meados dos anos de 1970.	71
Figura 12: Farda de Educação Física.	81
Figura 13: Prova de arremesso/Meados dos anos de 1970	83
Figura 14: Prova de atletismo feminino - Década de 1970.....	84
Figura 15: Time de atletismo - Década de 1970.....	85
Figura 16: Equipe de atletismo/meados dos anos de 1960-1970.....	88
Figura 17: “O lance requer pensar”.	91
Figura 18: “O povo prestigiou a abertura das Olimpíadas do Exército” (20 de agosto de 1978, capa).....	107
Figura 19: “Ginkana do Diário fez a estudantada vibrar”. (Diário da Borborema, 04 de outubro de 1973, última página).....	113
Figura 20: “Mente sã em corpo sã”	115
Figura 21: Banda Marcial do CECG de 1968.	124
Figura 22: Desfile de 7 de setembro de 1975.	125
Figura 23: Alunas desfilando no desfile de 7 de setembro de 1956	150
Figura 24: Convite do Coral Villa-Lobos (parte I).....	151
Figura 25: Convite do Coral Villa-Lobos (parte II).....	152
Figura 26: Parecer do Comitê de Ética	153
Figura 27: Autorização do Diários Associados Press/S.A.	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dispêndio em Educação e Cultura-Feito pela União- como porcentagem da Receita de impostos-dados de balanço, elaborada por Melchior (1979).....	38
Tabela 2: Tabela sintetizada pela autora a partir dos quesitos apresentados no Jornal Diário da Borborema de 16 de agosto de 1978.....	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS.....	2
OS MARCOS HISTORIOGRÁFICOS E METODOLÓGICOS.....	7
CAPÍTULO I: O COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE EDUCA CORPO... E “MENTE”	
.....	24
“O PREÇO DA EDUCAÇÃO”: O CECG E O ENSINO DE SEGUNDO GRAU NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.	24
1.2. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CECG.....	46
CAPÍTULO II: AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO DESPORTO NO	
COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE.....	64
2.1. AS DEMONSTRAÇÕES DE GINÁSTICA E A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO OLHAR.....	64
2. 2. OS UNIFORMES ESPORTIVOS.....	73
2.3. “A BELEZA É A TÔNICA”: AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA BELEZA.....	87
CAPÍTULO III: “A GRANDE FESTA ESTUDANTIL”: OS EVENTOS CÍVICOS-DESSPORTIVOS E AS	
APROPRIAÇÕES DOS ESTUDANTES DO CECG.....	98
3.1. “O IMPORTANTE É COMPETIR”: OS JOGOS COLEGIAIS.....	98
3.2. “O DB É A MAIOR”: AS GINCANAS DO DIÁRIO DA BORBOREMA.....	110
3.3. NOS TEMPOS DA BRILHANTINA GLOSTORA: AS APROPRIAÇÕES DOS DESFILES CÍVICOS PELOS ESTUDANTES	
DO CECG.....	115
3.4. “A MOÇA E SEUS PROBLEMAS”: CURIOSIDADE E SEXUALIDADE NO CECG.....	130
3.5. “PAPAGAIOS DO GOVERNO X PAPAI PAGOU, PASSOU. ”: A APROPRIAÇÃO DA COMPETIÇÃO NOS DESFILES	
CÍVICOS.....	135
CONCLUSÃO.....	137
REFERÊNCIAS.....	141
FONTES PRIMÁRIAS.....	141
BIBLIOGRAFIA.....	142
ANEXOS.....	150
ANEXO I:.....	150
ANEXO II:.....	151
ANEXO III:.....	152
ANEXO IV:.....	153
ANEXO V:.....	154
ARQUIVOS E ACERVOS.....	155

INTRODUÇÃO

Deves rezar para ter uma mente sã em um corpo sã. Pede um espírito valente, que está livre do medo da morte, que considera a reta final da vida como um presente da natureza, que seja capaz de suportar qualquer inconveniente, que ignore a cólera, que não anseie nada e considere os trabalhos de Hércules e seus sofrimentos incomuns superiores ao prazer sexual, aos banquetes e as plumas de Sardanapalo. Te indico o que pode dar-te a ti mesmo. O único caminho para a vida tranquila que temos alcance desde já é a virtude. Não existe para ti nenhum poder divino, se tens inteligência: nós, Fortuna, nós fazemos de ti deusa e te colocamos no céu.

JUVENAL – Sátira X, 114 d.C.

Na *Sátira X*, o poeta Juvenal orienta os romanos do século I a cultivar uma mente sã em um corpo sã, abandonando os desejos mundanos e efêmeros, que se voltam contra o próprio homem levando-lhe ao sofrimento e a tragédia, para investir sobre si o cuidado e o trabalho em busca de tornar-se virtuoso. Ao longo do tempo, a célebre frase do poeta romano ganhou ressignificações e, a partir da modernidade, “uma mente sã em um corpo sã” passou a ser associada à saúde do corpo e da mente através da atividade física. A Educação Física, como ciência, não se voltou para o homem buscando o cuidado de si como um princípio filosófico do bem viver, mas para transformá-lo biologicamente, corrigindo as “imperfeições” físicas, livrando o corpo das doenças e vícios degenerativos, cultivando a beleza e a longevidade. O caminho a ser alcançado por este corpo “sã” não é a virtude desejada pelos romanos antigos, mas a civilização, através do “melhoramento da raça”, do trabalho, do desenvolvimento econômico e material.

Em 1975, estudantes do *Colégio Estadual de Campina Grande* desfilaram pelas ruas da cidade de Campina Grande com uma faixa, cujos dizeres repetiam a célebre frase latina, mas não com o mesmo significado. Tratava-se de um desfile cívico de *7 de setembro*, uma comemoração contraditória, que celebrou a independência do Brasil à Portugal, enquanto os brasileiros viviam sob uma Ditadura Militar violenta, com as liberdades ameaçadas pelo autoritarismo do Estado. Os estudantes do *Colégio Estadual de Campina Grande* carregavam a faixa que expressava o desejo do Estado em construir “corpos sãos” para servi-lo, e não para servir aos interesses e desejos daqueles sujeitos que encenavam o ritual cívico. “Uma mente sã em um corpo sã” tornou-se um ideal nacional que buscava alcançar a juventude brasileira, entre elas, a juventude campinense, através das práticas educativas da Educação Física e dos desportos nas escolas.

TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS

Minha história com o *Colégio Estadual de Campina Grande*¹ começou bem antes de me tornar aluna do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande. Essa história iniciou no ano de 2006, na época, o colégio já se chamava Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida². Porém, desde a década de 1960 a escola ficou conhecida popularmente como *Colégio Estadual da Prata*³, após a construção e funcionamento de sucursais do colégio, e assim é chamado até os dias atuais.

Durante o período de 1960-1970, foram construídas quatro escolas que receberam o nome dos bairros em que estavam localizados: *Colégio Estadual da Liberdade*, localizado no bairro da Liberdade; *Colégio Estadual da Palmeira*, localizado no bairro da Palmeira; o *Colégio Estadual de Bodocongó*, localizado no bairro do Bodocongó; e o *Colégio Estadual do José Pinheiro*, localizado no bairro do José Pinheiro, sendo este a primeira filial.

Assim, para diferenciar o *Colégio Estadual de Campina Grande* dos demais, este passou a ser chamado popularmente de *Colégio Estadual da Prata*, por estar localizado no bairro da Prata. De modo a tentar evitar confusões referentes ao nome do colégio, neste primeiro momento, irei chamá-lo de *EEEM Dr. Elpídio de Almeida*, quando eu estiver me referindo as minhas experiências como aluna desta instituição, e *Colégio Estadual de Campina Grande*, quando se tratar do período em que o colégio ainda recebia este nome.

Iniciei meus estudos na *EEEM Dr. Elpídio de Almeida* no primeiro ano do Ensino Médio (o que seria, na década de 1970, o 2º grau). Lembro-me que as memórias dos “tempos de ouro” da escola eram invocadas pelos professores constantemente. Alguns professores foram alunos do colégio quando ele ainda se chamava *Colégio Estadual de Campina Grande*. Estes professores diziam que nós, alunos do “*Estadual da Prata*”, deveríamos ter orgulho de estudar

1 O colégio foi inaugurado no ano de 1953, na cidade de Campina Grande-PB no então governo de José Américo de Almeida (1951-1956), porém sua construção teve início em 1948 sob o governo de Oswaldo trigueiro (1947-1950). Tratarei melhor sobre a história do colégio no I capítulo desta dissertação.

2 A alteração do nome se deu no ano de 1997, após a resolução nº 145/97 do Conselho Estadual de Educação que alterou os nomes as escolas públicas do estado, dentre elas o Estadual de Campina Grande, que passou a se chamar Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida. (Cf.: ALBUQUERQUE, 2001, p. 18). Atualmente, após a Reforma do Ensino Médio, MPV nº 756 de 2016, sancionada pelo Governo Federal, o colégio acrescentou o nível Profissionalizante em seu nome, passando a se chamar Escola Estadual de Ensino Médio e Profissionalizante Dr. Elpídio de Almeida.

3 É comum encontrar referências ao *Colégio Estadual de Campina Grande* com os nomes de “Gigantão da Prata” e “Colégio Estadual”.

naquela escola que já foi a “melhor de Campina”; na qual estudaram políticos e artistas conhecidos no país, que revelou atletas, e que realizava desfiles “memoráveis”. Na fala desses professores, os discentes deveriam imitar a disciplina dos alunos de outrora, que, em sinal de respeito, levantavam-se sempre que alguém chegava à porta, e não “abriam a boca nem para dar um piu”.

Quando estudei neste colégio, não era apenas o seu nome que havia mudado, o uniforme também havia passado por mudanças. O primeiro fardamento adotado pela da escola se constituía de uma camiseta de botão branco e uma saia rodada de cor cáqui, para as meninas; e camiseta de botão e calça de cor cáqui, no estilo militar, para os meninos. As meninas da minha geração usavam o uniforme composto de calça jeans, que podia ser preta ou azul, uma blusa branca com uma listra vermelha, na horizontal, com os nomes “PRATA” - “CEPES” no peito, e um par de tênis, semelhante ao uniforme dos meninos. A mudança no uniforme ocorreu durante a década de 1980 em todas as escolas públicas do estado. Posteriormente, as escolas particulares da cidade também mudaram o seu padrão para camiseta, calça e tênis.

No ano de 2009, concluí o ensino médio na mesma escola e, em seguida, ingressei no curso de *Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG*. Até então, pensava que a minha história com o colégio havia terminado, e apenas me restariam as lembranças para contar. Ao iniciar meus estudos na *UFCG*, conheci professores inspiradores. Foi na disciplina *História do Brasil III*, ministrada pelo professor Dr. Iranilson Buriti de Oliveira, que tive contato com os estudos sobre as práticas educativas, sobre os discursos médicos-higienistas, eugenistas, e sobre disciplinarização dos corpos e as sensibilidades. Através dessa disciplina, estudei sobre as normas disciplinares das instituições modernas, entre elas, a escola, e pude perceber o desejo de disciplinar os corpos, presente em algumas práticas e normas da *EEEM Dr. Elpídio de Almeida*.

Embora as regras do colégio tivessem mudado com o passar dos anos, ainda haviam algumas permanências, como a proibição aos alunos de utilizarem a escada central, uma norma antiga, segundo os ex-alunos da instituição. Por diversas vezes, eu fui repreendida e advertida por insistir em subir pela escada central. Sempre que eu arriscava, o inspetor aparecia de repente na minha frente, ameaçando com punições que chegavam à suspensão das aulas. Na época, eu não entendia o motivo dessa proibição, porém, após as aulas de *História do Brasil III*, passei a entender melhor sobre as normas escolares, enquanto *tecnologias de poder* que buscavam docilizar e normatizar os corpos. As aulas dessa disciplina iniciavam com a leitura de poemas

para os alunos e alunas, estabelecendo conexões com o assunto da aula. A metodologia de ensino utilizada era muito criativa, uma inspiração para mim, aspirante à professora.

Ainda no sexto período do curso, participei de um minicurso sobre *Metodologia em História*, ministrado pelo professor Dr. Antônio Clarindo. Neste minicurso, o professor mencionou seu interesse em desenvolver uma pesquisa sobre o “Colégio Estadual da Prata”. Ao término do minicurso, dirigi-me a ele, e falei da minha vontade em colaborar com a sua pesquisa, pois me interessava os estudos relativos à História da Educação. Foi a partir desse momento que iniciei minha pesquisa sobre o colégio, sob a orientação do professor Dr. Antônio Clarindo.

Em 2014, iniciei no *Programa Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID*, sob a coordenação das professoras Dr. ^a Eronildes Câmara de Araújo e Dr. ^a Silêde Leila Cavalcante, que sabiam do meu interesse pela *EEEM. Dr. Elpídio de Almeida*, e me encaminharam para o colégio. Através do *PIBID*, retornei às salas de aula do meu antigo colégio, porém, não mais como aluna, mas como alguém que estava iniciando a sua carreira como professora, aprendendo com o professor José Reneudo e com os discentes do *segundo ano D* do ensino médio a difícil e prazerosa tarefa de lecionar História.

Com o *PIBID* também tive acesso ao acervo físico da escola, chamado pelos professores e alunos de “*Resgate Histórico do Estadual da Prata*”, que fica localizado no salão nobre⁴ do colégio. Não consegui muito material para a pesquisa de monografia, mas só em retornar à escola, passear pelos seus corredores e salas, pude olhá-la de forma diferente, entender a sua arquitetura, as suas normas, sua representação na cidade de Campina Grande, sua fama historicamente construída.

O Professor José Reneudo foi a primeira pessoa que colaborou com a minha pesquisa, antes de ser meu supervisor, indicando-me uma ex-professora do colégio, que foi a minha primeira entrevistada. Através dela, consegui reunir boa parte do acervo fotográfico e audiovisual sobre a instituição. Este material foi resultado de um projeto desenvolvido por ela, juntamente com os seus alunos, intitulado “A Prata que vale ouro”, que serviu de inspiração para o título da minha monografia: ““A prata que vale ouro” na História da Educação

4 O “salão nobre” do colégio corresponde à antiga sala da direção, fica localizado no segundo andar do prédio, permitindo uma visão privilegiada da frente do colégio. Atualmente, a sala comporta o acervo do colégio, com alguns móveis antigos, troféus, quadros e fotografias antigas.

campinense: memórias e representações sobre o *Colégio Estadual de Campina Grande* (1953-1959) ”.

Em meu trabalho de conclusão de curso, discuti sobre a produção de uma memória positiva acerca do colégio, analisando as representações construídas em torno dele através da História Oral, fotografias, documentos administrativos da escola e matérias jornalísticas. Após a conclusão da graduação, o colégio continuou a se fazer presente no meu cotidiano através das redes sociais. Orsippus⁵, ex-aluno do colégio e colaborador desta pesquisa como entrevistado, criou um grupo na rede social *Facebook*, chamado “*amigos_estadual_prata*”, que reúne vários ex-alunos.

Através deste grupo, pude acompanhar as conversas dos ex-alunos e ex-alunas sobre suas juventudes. Os membros do grupo compartilhavam fotos da época em que estudaram na escola e comentavam saudosos, reconhecendo os seus antigos professores, os colegas de classe e de time. Foi acompanhando estas publicações que cheguei ao tema desta pesquisa. Algumas imagens postadas retratavam os alunos participando de competições, atividades físicas e desfiles cívicos. Uma, em especial, chamou minha atenção.

A imagem retratava um desfile cívico de 1975, no qual os alunos do *Colégio Estadual de Campina Grande* carregavam uma faixa com a seguinte frase: “Mente sã em corpo são”, uma frase do poeta latino Juvenal, já citada anteriormente, em que ele aconselha os homens a pedir aos deuses uma mente sã em um corpo são, em vez aspirar futilidades.

Senti vontade de entender o que a frase do poeta Juvenal significava para aquela época, já que, nas aulas do professor Iranilson Buriti, eu havia estudado sobre a questão higienista, eugenista e militar da Educação Física nas primeiras décadas do século XX. Como a imagem correspondia à década de 1970, período de maior repressão do Regime Militar devido ao AI-5⁶, fiquei curiosa em saber qual o papel da Educação Física e os discursos sobre o corpo neste período. Iniciei uma pesquisa bibliográfica sobre a disciplina de Educação Física no Regime Militar e, após o contato com as fontes orais e com os Jornais do Diário da Borborema, novas

5 Os nomes dos entrevistados serão substituídos por pseudônimos para preservar seu direito de privacidade e confidencialidade, assegurados por lei após a Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Seus nomes fictícios foram inspirados nos heróis e heroínas da mitologia grega que realizaram feitos olímpicos ou se destacaram por suas habilidades físicas.

6 Em 1968 foi promulgado o Ato Constitucional n° 5, (AI-5), que deu poder de exceção aos militares para punir arbitrariamente os “inimigos” políticos. Os anos de vigência do AI-5 são considerados o período de maior repressão da ditadura.

histórias sobre Campina Grande se revelaram diante de mim: uma cidade que vivia sob a violência e a repressão do Estado, e, ao mesmo tempo, sob a vibração das competições desportivas.

Durante as décadas de 1960 e 1970, a realização de eventos desportivos na cidade era intensa, e vários atletas foram revelados, o que resultou no apelido de cidade “celeiro de craques⁷”. Lembrei-me dos troféus expostos no salão nobre da *EEEM Dr. Elpídio de Almeida*, e das histórias que meus professores contavam sobre as vitórias do colégio que “tinha os melhores atletas” e que realizava os “melhores desfiles cívicos”.

Eu queria entender como foi possível àquela instituição escolar construir sua fama no desporto, visto que, em minha época de estudante, as aulas de Educação Física eram desestimulantes e o colégio disponibilizava de poucos times de futebol de salão, que eram formados por iniciativa de alguns alunos que gostavam da modalidade, visando participar dos poucos eventos esportivos que ocorriam na cidade. Assim, interessava-me saber: 1) como o colégio conseguia estimular tantos alunos à prática desportiva, diferente da minha época de aluna; 2) e como os alunos dessa época se apropriavam desses eventos.

Nos anos de 1960-70, houve uma cultura física pautada na exercitação do corpo e nos desportos, que se fez presente na legislação da época através da obrigatoriedade da disciplina de Educação Física nas escolas, na produção e circulação de saberes sobre o corpo educado pelos exercícios físicos, nas brincadeiras, na publicidade e na televisão. A participação do Brasil na Copa do Mundo de 1970, sediada no México, foi um marco importante para o desporto brasileiro. A seleção conquistou o tricampeonato mundial, e os seus atletas foram considerados heróis nacionais, entre eles, Pelé, considerado o “rei do futebol” e uma das principais referências brasileiras no esporte.

Partindo dessas premissas, estabeleci como objetivo geral dessa pesquisa, entender as práticas educativas⁸ do corpo, presentes na disciplina de Educação Física e do desporto, que construiu uma cultura física no *Colégio Estadual de Campina Grande*, durante os anos de 1966 a 1978, momento em que galgava a formação de uma “mente sã em um corpo sã” através do desporto nas escolas. Para tanto: 1) conhecer a história do colégio e refletir sobre a Educação

⁷Informação encontrada no Museu Virtual do Esporte de Campina Grande.

⁸Entendo por práticas educativas, as práticas que buscam inculcar discursos, educar os corpos e as sensibilidades dos sujeitos, inscrever neles, identidades e comportamentos.

Física que se desenvolveu no *Colégio Estadual de Campina Grande*; 2) analisar as práticas educativas presentes na disciplina de Educação Física e do Desporto 3) discutir sobre a competição nos eventos desportivos e as apropriações dos ex-alunos aos eventos desportivos e cívicos, buscando perceber as suas ressignificações.

Afirmo, ainda, que esta dissertação é uma continuidade da pesquisa sobre o *Colégio Estadual de Campina Grande* que iniciei durante a graduação, porém, em outra temporalidade e temática. Embora houvesse a participação de outras escolas nos eventos desportivos que ocorriam na cidade, não estendi a análise aos outros educandários para tentar me aprofundar na história dessa escola, e, desta maneira, contribuir através da escrita com a produção sobre a história do colégio e sobre a História da Educação em Campina Grande. Entretanto, mencionarei outras escolas quando julgar conveniente ao assunto discutido.

O recorte temporal deste trabalho contemplou os anos de 1966 até 1978. Em 1966 foi realizada pela Secretaria de Educação e Cultura de Campina Grande o I Jogos Ginásio-Colegiais, evento desportivo que promoveu, durante a segunda metade da década de 1960 e na década de 1970, jogos competitivos entre os educandários campinenses. Portanto, justifico o meu recorte inicial com a abertura desse evento que mobilizou a comunidade escolar e campinense no geral, a participar e prestigiar esse espetáculo do corpo, que também era educativo e cívico.

Como marco final, estabeleci o ano de 1978, ano em que foi realizado a VII Olimpíadas do Exército, que teve maior repercussão no Diário da Borborema, com anúncios da comissão organizadoras, as regras dos desfiles de abertura e a cobertura do evento. 1978 também marca o limite das fontes jornalísticas disponíveis no acervo do Diários Associados, presentes na Biblioteca Átila Almeida. Após 1978, os cadernos encontram-se incompletos, e as informações encontradas sobre os eventos desportivos realizados na década de 1980 apresentam lacunas, dificultando a investigação. Entre essas lacunas está a ausência de noticiários sobre a realização dos Jogos Ginásio-Colegiais, deixando a dúvida se, no intervalo de 1978 a 1982, o evento deixou de ser realizado ou se mudou o nome do evento, já que durante a década de 1980, outros eventos desportivos foram realizados.

OS MARCOS HISTORIOGRÁFICOS E METODOLÓGICOS

A História da historiografia é composta por reflexões sobre as correntes de pensamento que, em épocas distintas, desenvolveram compreensões sobre o que era a História, e

estabeleceram metodologias para o fazer historiográfico com suas concepções de verdade. Essas reflexões possibilitaram o desenvolvimento dos métodos de análises e pesquisas e a própria concepção do que é a História e como escrevê-la, com um repertório teórico e temático vasto para abordar questões do passado e suas implicações no presente. As teorias são reflexões que nos servem de modelos explicativos e metodológicos. Nós nos apropriamos desses modelos para realizar as nossas pesquisas, porém, nossas escolhas teóricas não são escolhas avulsas, elas estão muito ligadas à nossa visão política e a compreensão do mundo que nos guiam pelos caminhos teóricos, e nossas escolhas metodologias são reflexos daquilo que acreditamos, defendemos e renegamos. Certeau (1982, p. 67) entende que nossas escolhas são subjetivas. Segundo ele:

[...] mostrou-se que toda interpretação histórica depende de um sistema de referência: que este sistema permanece uma “filosofia” implícita particular, que infiltrando-se no trabalho de análise, organizando-o à sua revelia, remete à “subjetividade” do autor.

Portanto, as escolhas temáticas, teóricas e metodológicas para esse trabalho são reflexos do meu olhar sobre o mundo e do meu lugar social enquanto historiadora que busca, na cultura, entender como são produzidos os discursos sobre o corpo, que o constroem, sufocam, educam, e redesenham suas formas a partir das relações de poder que lhe atravessam. Partindo dessas escolhas, a presente pesquisa se concentra nos domínios da Nova História Cultural, por compreender que as práticas, as subjetividades as verdades sobre o corpo são historicamente construídas a partir dos elementos culturais, que possibilitam a sua existência, em determinado tempo e lugar, por determinados grupos, além de dispor de conceitos e temas que dialogam com a discussão desenvolvida nesta pesquisa. Sobre a cultura, Pesavento (2001, p. 15) nos explica que:

[...] é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa.

Através dos estudos culturais, é possível analisar as questões que estão postas no cotidiano, buscando traduzir as suas cifras e as relações de poder que instituem formas de ser, de se comportar e de enxergar o mundo. Desde a “crise dos paradigmas” da segunda metade do século XX, os regimes de verdades vigentes foram postos em dúvida quanto a sua capacidade de explicar o real. Foi a partir desses questionamentos que os historiadores, antropólogos,

sociólogos e outros estudiosos das Humanidades se voltaram para a cultura, desenvolvendo novos métodos de análises, e apresentando outros caminhos para e explicar a sociedade. A presente pesquisa é resultado das possibilidades que a Nova História Cultural nos oferece de se pensar a História.

Partindo das possibilidades de abordagem da Nova História Cultural, esta pesquisa concentra seus estudos na História da Educação e das Práticas Educativas, entendendo que História da Educação abarca questões como práticas de ensino, currículo, políticas educacionais, produção e circulação de saberes, entre outros temas referidos à educação escolar, mas que não se limita a isso, pois a educação não é um processo exclusivo da escola. Os estudos das práticas educativas nos possibilitam analisar outros procedimentos do educar que estão dispostos dentro e fora do espaço escolar. Concordo com Veiga e Fonseca (2008, p. 8) no que diz respeito aos estudos sobre a educação dos sujeitos:

Investigar os processos do aprender é fundamental para ampliarmos a compreensão das formas de como em tempos e espaços distintos, homens e mulheres organizam a sua vida, seus fazeres, suas ideias, enfim, seu modo de ser e estar no mundo.

A educação está presente nas sociedades, é produto dela e a reflete, moldando os comportamentos, sensibilidades e as representações dos sujeitos sobre o mundo. Portanto, investigar os seus processos e efeitos é importante para compreender as complexidades da cultura na qual ela se desenvolve. As autoras me fazem refletir sobre o futuro de uma historiografia que desconsidera "as maneiras como as pessoas se educam", elementos importantes para a compreensão de como os sujeitos se organizam e se representam socialmente e culturalmente. Elas observam, através da produção historiográfica, a ausência da História da Educação em obras clássicas sobre a historiografia. Como exemplo, é citada a obra organizada por Le Goff e Nora (1974), *Novos problemas e novas abordagens e novos objetos*, obra importante para sistematizar o desenvolvimento das novas discussões no campo da História, na qual a História da Educação não aparece.

Elas também citam a obra *Domínios da História*, organizada por Cardoso e Vainfas (1998), outra obra referência para a historiografia, apesar de ser uma obra publicada num período em que a historiografia havia avançado em suas discussões, em comparação à época em que a obra organizada por Le Goff e Nora foi publicada. Se observarmos o livro *Campos da História*, do brasileiro José D'assunção Barros (2004), o autor apresenta um quadro sistematizando o que ele denomina de domínios, dimensões e abordagens da História, e, assim

como nas demais obras citadas anteriormente, a História da Educação não aparece dentre os eixos sistematizados no livro. Veiga (2008, p. 19) explica o porquê da ausência da História da Educação nessas obras, assim como a falta de diálogo entre os historiadores (as) de outras áreas com os historiadores (as) da Educação.

Os problemas dessa ausência não se reduzem apenas a questões institucionais, mas ao próprio entendimento da educação como objeto de investigação histórica. Sendo a educação um campo extremamente vasto de temáticas, não é possível tomá-la a partir de metodologias e conceituações únicas e muito menos como um subcampo ou especialização da História.

Ou seja, a História da Educação dialoga com outros campos da historiografia e pode ser abordada a partir de várias perspectivas, temas e conceitos. Embora não exista ainda uma definição sobre a área de atuação da História da Educação na historiografia, segundo Veiga e Fonseca (2008), alguns historiadores trabalham a História da Educação como um campo de investigação da História Cultural, Política, Econômica e Social. Portanto, reafirmo que abordarei a História da Educação como campo de investigação para a História Cultural, por compreendê-la como um produto cultural e produtor de culturas, e também por seus objetos dialogarem com as propostas teórico-metodológicas da mesma.

Tenho como objeto de estudo a *cultura física* produzida no *Colégio Estadual de Campina Grande*. Através das fontes, analiso o seu desenvolvimento, partindo do pressuposto de que a disciplina de Educação Física e o desporto faz parte de uma cultura voltada para a educação do físico. Para a área de Educação Física, *cultura física* não é uma categoria de análise, ela está relacionada às variadas modalidades de atividades físicas, como a ginástica, as artes marciais, a dança, a musculação, os esportes, e os exercícios físicos terapêuticos. Neste caso, dialogo com Soares Junior (2015, p. 132), que entende a *cultura física* como sendo:

As diversas formas de transmitir o conhecimento e inculcar na população a prática de atividades físicas, tornando uma prática comum dentre os grupos sociais que podem variar de acordo com o lugar e a época. Podemos pensar a cultura física a partir das formas psicológicas e prática.

Ou seja, esta *cultura física* se constitui na prática de atividades físicas e da circulação e apropriação de saberes relacionados à educação do corpo, a saúde e a “boa forma”. Contudo também compreendo que a produção de artefatos como vestimentas apropriadas, acessórios, os espaços para a prática de atividade física, e os modelos idealizados de forma física também compõe essa cultura por exercer papel importante no processo de educação do corpo. A cultura

física produz significados que são compartilhados coletivamente pelos sujeitos, transmitidos pelos meios de comunicação, publicidade, adentrando no cotidiano da população, estabelecendo rotinas e envolvendo vários segmentos sociais.

Melo (2007, p. 32) recomenda estudar a Educação Física e o Desporto separadamente, com metodologias específicas e preocupações teóricas diferentes, pois “seus compromissos, sua construção tem sentidos bastante diferenciados, embora existam pontos de tangência e relação”. Porém, como analiso estas duas modalidades partindo dos pressupostos de que constituem uma *cultura física*, julgo ser possível estudar ambos neste mesmo trabalho, não irei me voltar para questões técnicas da Educação Física e do desporto, mas para o seu papel educativo.

Entendo que a cultura física desenvolvida no *Colégio Estadual de Campina Grande* também se constitui em *cultura escolar*, categoria de análise da História da Educação, desenvolvida no final do século XX, que vem enriquecendo os debates e as produções dentro da área. Compreendendo por Cultura Escolar:

Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas e finalidades que podem variar segundo épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p. 10).

A obrigatoriedade do ensino de Educação Física nas escolas, das normas do colégio, como a separação das turmas por gênero, os uniformes apropriados, como as aulas eram realizadas e os recursos pedagógicos são reflexos de uma cultura física que se fez presente nos espaços escolares brasileiros. Compreendo que não é possível conceber a cultura escolar como única, mas sim múltipla. No interior das escolas, ela se desenvolve de diferentes formas, pois a cultura escolar não existe por si só, ela é produzida pelos sujeitos que compõem a escola, como alunos, professores, funcionários, em diversos contextos sociais, culturais e econômicos. Frago (1996, p. 65) explica que:

Puede ser que exista una única cultura escolar, referible a todas las instituciones educativas de un determinado lugar y período, y que, incluso, lográramos aislar sus características y elementos básicos. Sin embargo, desde una perspectiva histórica parece más fructífero e interesante hablar, en plural, de culturas escolares. Como decía un maestro español, “cada escuela es un caso”. (DOMÍNGUEZ MARTÍN, 1935, p. 326). Cada establecimiento docente tiene, más o menos acentuada, su propia cultura, unas características peculiares. No hay dos escuelas, colegios, institutos, universidades o facultades exactamente iguales, aunque puedan establecerse similitudes entre ellas.

Segundo o autor, é mais interessante falar de culturas escolares, por considerar que cada instituição de ensino desenvolve em seu interior, práticas singulares, mesmo que as escolas obedeçam a normas, leis e determinações que abrange a educação escolar como um todo, a exemplo, a obrigatoriedade do ensino de Educação Física em todas as escolas brasileiras. Mesmo que esta norma seja comum às instituições de ensino, a forma como as aulas eram ministradas, os conteúdos selecionados, a metodologia do professor e a recepção dos alunos constitui uma cultura particular, que envolve questões políticas, sociais, econômicas e filosóficas dos sujeitos envolvidos.

Esta pesquisa também se trata de uma história do corpo construída a partir da sua educação pela cultura escolar e pela cultura física. O corpo está no centro desta discussão e é uma categoria importante para este trabalho. Sant'Anna (2006, p. 3) diz que escrever uma história do corpo é um trabalho vasto e arriscado, porém, satisfatório. Desvelar a cultura e identificar os processos de controle e dominação do corpo e a sua constituição histórica pode se tornar um exercício transformador de si mesmo. O corpo é como um texto vivo que tem inscrito em si, os elementos da cultura, mas esse texto não é definitivo, está aberto a mudanças e ressignificações.

Louro (2010, p. 8) diz que o corpo “se altera com a passagem do tempo, com a doença, como mudanças de hábitos alimentares, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica”. O corpo também se altera quando conhece mais sobre si, sobre sua história, altera-se a partir de variadas formas de subjetivações. A Educação Física e o desporto busca, a partir de suas práticas educativas, alterar o corpo, transformando as suas fragilidades em produtividade e beleza, e inscrever nos corpos os seus valores e disciplina. Este trabalho expressa um desejo de desconstrução e de desnaturalização dos discursos que visam aprisionar, controlar, disciplinar e silenciar o corpo. Se o corpo é um texto vivo em constante alteração, histórias podem ser reescritas e ressignificadas.

Através dos temas que me guiaram no percurso da pesquisa e que possibilitaram esta escrita, o meu trabalho corresponde aos pressupostos da linha *História Cultural Das Práticas e Educativas* do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG, contribuindo com a produção acadêmica voltada para os estudos sobre a História da Educação escolar, História das práticas educativas do corpo, das sensibilidades e de gênero.

Para a realização deste trabalho, iniciei uma pesquisa bibliográfica sobre a História da Educação Física. As referências encontradas se concentram em maior número nas áreas de Educação Física e Educação. A produção de sobre a Educação Física na área de História ainda é tímida. Alguns trabalhos foram essenciais para que eu entendesse sobre a História da Educação Física, pois não possuo formação na área e desconhecia de aspectos legislativos, formativos e profissionalizantes. Sobre a Educação Física na Paraíba, os trabalhos produzidos são poucos e esta pesquisa vem somar às pesquisas realizadas por Azemar dos Santos Soares Junior e Alexandro dos Santos. A respeito do *Colégio Estadual de Campina Grande*, alguns trabalhos foram produzidos, incluindo artigos e uma monografia de minha autoria. Citarei a seguir alguns trabalhos importantes para o processo de escrita desta pesquisa.

A tese defendida por Marcus Taborda de Oliveira (2001), intitulada *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*, desenvolvida pelo Programa de História e Filosofia da Educação da PUC – São Paulo, trouxe análises e informações pertinentes à minha pesquisa. Nela, o autor discute sobre o aparato legal-institucional para a Educação Física que provocou a e a expansão da disciplina no ensino superior, com a ampliação do número de vagas nos cursos de Educação Física nas universidades brasileiras, após a Lei nº 5.504/68 e Lei nº 5.692/71, referente a política de publicação e circulação de ideias que incentivavam a produção de periódicos especializados na área. O autor também analisa as práticas de resistências e os interesses profissionais dos professores de Educação Física que coadunavam com os interesses do Estado em expandir o ensino de Educação Física.

A tese de doutorado de Soares Junior. (2015), intitulada *“Physicamente vigorosos: medicalização escolar e modelação dos corpos da Paraíba (1913-1942)”*, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba – PPGE/CE/UFPB, inaugura uma discussão sobre o tema na Paraíba, através das suas análises sobre os discursos do médico Flavio Maroja sobre a saúde do corpo, a disciplina de Educação Física vem exercer um papel fundamental na “educação corporal” das crianças, nas escolas paraibanas. É nesta tese que o autor desenvolve o conceito de cultura física, pertinente à presente pesquisa.

Ainda sobre a Educação Física na Paraíba, o autor Alexandro dos Santos produziu dois outros trabalhos sobre a disciplina no Instituto Pedagógico Campinense, instituição de ensino

importante para Campina Grande, por ter sido a primeira escola da cidade. A monografia intitulada *“Cultura Física”: o ensino da Educação Física no Instituto Pedagógico Campinense*, defendida em 2014 no curso de *Licenciatura em História* pela *Universidade Federal de Campina Grande – UFCG*; e a dissertação *“Cultura Physica para a família campinense”: higiene e educação física no Instituto Pedagógico – Campina Grande – PB (1931-1942)*, defendida em 2017 no *Programa de Pós-Graduação em História* da *Universidade Federal de Campina Grande – UFCG*, discutem o papel higienizador da Educação Física na primeira metade do século XX na cidade de Campina Grande.

Sobre o Colégio Estadual de Campina Grande, a dissertação de mestrado de Thaisy Lanny de Albuquerque, com o título *“Memórias e Cotidiano Escolar: O Colégio Estadual de Campina Grande”*, defendida em 2011, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, e a dissertação de Ramon de Alcântara Aleixo, intitulada *“Das representações Docentes nas Tramas de Mnemósine: cartografias de “sedição” e “sedução” nos caminhos e atalhos a História da Educação na Ditadura Militar”*, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, foram importantes referências sobre a história da escola no período da Ditadura Militar.

No trabalho de Thaisy Albuquerque, a autora analisa, através da história oral, o cotidiano escolar do colégio durante a vigência do Ato Institucional nº 5. No trabalho de Ramon Alcântara, que também utiliza como metodologia a história oral, o autor analisa as narrativas de memória de cinco professoras do curso de História que lecionavam no Colégio Estadual de Campina Grande, problematizando as tensões entre os militares e os movimentos sociais, e a censura que estreitava as linhas que separavam o público e o privado.

Além dos citados acima, foram produzidos outros trabalhos sobre o Colégio Estadual de Campina Grande em outros contextos: a tese intitulada *“Por uma formação da Juventude Campinense: O colégio “Gigantão da Prata” (1948-1962)”*, de autoria de Vivia de Melo Silva, defendida em 2014 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, em que a autora discute sobre a expansão do ensino secundário público na cidade a fim de oferecer uma educação “distinta” à juventude campinense; a monografia intitulada *“A Prata que vale ouro” na História da Educação Campinense: memórias e representações sobre o Colégio Estadual de Campina Grande (1953-1959)*, de minha autoria, defendida em 2015 pelo curso de *Licenciatura em História* da UFCG.

Pesquisar sobre o Colégio Estadual de Campina Grande foi como fazer uma viagem ao passado. Nesse percurso, segui acompanhada de vozes e imagens de pessoas que, assim como eu, também estudaram no colégio. As fontes me proporcionaram viagens pelos corredores da escola, encontros com outros sujeitos, com outras histórias. Memórias que me emocionaram. As narrativas construídas por meus interlocutores, pelos jornais, e pelas fotografias, lembravam-me de um passado vivido, de memórias dizíveis, de afetos que provocavam (re) sentimentos.

Parafraçando Siqueira (2014, p. 58), toda escrita parte de uma experiência vivida, seja anterior ou durante o processo e, portanto, por mais que a objetividade da Ciência e da Academia nos exija certa distância com o nosso objeto, é impossível manter-se neutro diante do relato de um acontecimento, de uma experiência. Através da História Oral, que consiste no registro de histórias narradas por testemunhas do passado, fui afetada pelas lembranças que provocaram risos e lágrimas, pelas lembranças dos meus interlocutores, e minhas também. Escolhi a metodologia da História Oral para realizar este trabalho pois desejava saber sobre as distintas experiências dos ex-alunos e ex-alunas do Colégio Estadual de Campina Grande na disciplina de Educação Física e do desporto. Entendo a História Oral como sendo:

“Um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através das narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida” (DELGADO, 2010, p. 15-16).

Deste modo, a História Oral produz a fonte oral que, assim como as demais fontes, também tem limitações metodológicas ou de informação. A pesquisa com a História Oral não é simples, é necessário estar atento aos seus desafios no momento de produzir as fontes, transcrevê-las e analisá-las. É recorrente a confusão referente à História Oral. Há quem entenda que a ela é um relato fiel aos acontecimentos do passado, assim como, há alguns equívocos de que as fontes orais falam por si só, e que o historiador, ao utilizar essa metodologia, está “dando voz” aos “excluídos da história”.

Com efeito, algumas das práticas e crenças da chamada História oral "militante" levaram a equívocos que convém evitar. O primeiro deles consiste em considerar que o relato que resulta da entrevista de História oral já é a própria "História", levando à ilusão de se chegar à "verdade do povo" graças ao levantamento do testemunho oral. Ou seja, a entrevista, em vez de fonte para o estudo do passado e do presente, torna-se a revelação do real. [...] O equívoco [em apresentar o relato transcrito sem uma crítica à mesma] está em considerar que a entrevista publicada já é "História", e não

apenas uma fonte que, como todas as fontes, necessitam de interpretação e análise. (ALBERTI, 2008, p, 158). [grifo meu].

Através dos procedimentos desta metodologia de pesquisa, produzi parte das minhas fontes, deixando claro que, para mim, a História oral foi metodologia de pesquisa, e não a metodologia de análise das fontes. As fontes orais, assim como qualquer outra fonte, apresentam desafios que o pesquisador precisa estar atento para não cair na naturalização do discurso do outro. As fontes orais não estão livres das intenções do interlocutor em falar e silenciar. Há quem pense que é possível, através da História oral, mergulhar nos mares mais profundos da memória e, a partir dela, escrever sobre “tudo”. Assim como as fontes escritas e imagéticas, nem sempre o pesquisador encontra as respostas ou as histórias que ali foi procurar, portanto, saber ouvir é imprescindível. Saber ouvir é escutar o que foi dito e o não dito, perceber as intenções por trás das palavras, afinal, o interlocutor quando produz uma narrativa, ele constrói, reconstrói, reafirma identidades e “verdades”.

Devido aos esquecimentos e aos interesses dos interlocutores em falar ou silenciar, a História Oral acaba sofrendo severas críticas por parte de alguns historiadores. A acusação recai no caráter da subjetividade da fonte. Mas pergunto: qual documento/memória não é subjetiva? Todos os documentos são atravessados pelas subjetividades, seja de quem a produz ou de quem a seleciona como fonte para pesquisa. Sejam estas fontes fotografias, jornais, periódicos ou documentos oficiais, todas carregam uma carga de interesses na sua construção, e as subjetividades são elementos que também estão dispostos à reflexão. “Subjetivamente, faz tanto parte da história, quanto os “fatos” mais visíveis” (PORTELLI, 1997, p. 31). A seguir, apresento a relação de entrevistados para esta pesquisa⁹:

Hermes¹⁰: Foi aluno do *Colégio Estadual de Campina Grande* entre os anos de 1972 a 1975, durante os anos em que estudou no colégio, foi monitor de Educação Física. Serviu ao Exército durante a Ditadura Militar e foi um dos organizadores das Olimpíadas do Exército,

9 Como ressaltei anteriormente, os nomes dos entrevistados serão substituídos por pseudônimos para preservar seu direito de privacidade, assegurados por lei após a Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Seus nomes fictícios foram inspirados nos heróis e heroínas da mitologia grega que realizaram feitos olímpicos ou se destacaram por suas habilidades físicas.

10 Na mitologia grega, Hermes é um Deus Olímpico, cujos pés calçam uma sandália alada que lhe permite correr velozmente entre os planos, carregando as mensagens dos deuses. Hermes é o patrono da ginástica, sendo considerado o seu inventor.

evento desportivo que teve a sua primeira edição no ano de 1972. Formado em Educação Física, foi vice-diretor e diretor do colégio, quando já se chamava *EEEM Dr. Elpídio de Almeida*.

Orsippus¹¹: este colaborador teve várias passagens no *Colégio Estadual de Campina Grande*. Iniciou seus estudos no ginásio em 1961. Transferiu-se para outra instituição, e retornou ao *Colégio Estadual de Campina Grande* em 1968, quando se tornou monitor em Educação Física do colégio. Após os cursos de formação que eram realizados no Estado e também na cidade do Recife, atuou como professor de Educação Física nas escolas de Campina Grande. Formado em Educação Física na primeira turma do curso da UEPB, na década de 1980. Também foi vice-diretor da *EEEM Dr. Elpídio de Almeida*, no mesmo ano em que Hermes foi diretor. Após trabalhar no “arquivo morto” do colégio, ajudou na organização do acervo *Retalhos Históricos do Estadual da Prata*, localizado nas dependências do mesmo. É administrador do acervo virtual *Colégio Dr. Elpídio de Almeida – Prata*, e do grupo *amigos_estadual_prata/Facebook*. Orsippus também é colaborador do *blog Retalhos Históricos de Campina Grande*, que reúne imagens e relatos antigos da cidade de Campina Grande, acervo muito importante para a produção memorialística campinense.

Atlanta¹²: foi aluna do *Colégio Estadual de Campina Grande* em 1963, quando iniciou o *ginásio*. Estudou no colégio até o ano de 1970, quando concluiu o *ensino clássico*¹³. Atualmente, Atlanta é professora universitária do curso de Sociologia.

Kallipáteira¹⁴: Formada em Assistência Social, Kallipáteira estudou no *Colégio Estadual de Campina Grande* durante os anos de 1966 a 1968.

11 Orsippus de Megara foi um atleta que venceu a 15ª jogos olímpicos em 720 a.C., considerado pioneiro na arte de correr nu.

12 A mitologia grega conta a história de Atlanta, uma virgem ágil na corrida que não desejava casar. Para fugir dos pretendentes, ela os desafiava a uma corrida até à morte.

13 Antes da Reforma de 1º e 2º graus, nº 5.692/71, o ensino secundário era dividido em ginásio e colegial, sendo o colegial subdividido em clássico e científico. Após a reforma, o currículo ficou dividido em 1º grau, que correspondia ao primário (1ª a 4ª série) e ao ginásio (5ª a 8ª, posteriormente ao 9º também) e o 2º grau que correspondia ao colegial, perdendo as suas subdivisões.

14 Na Grécia antiga a participação de mulheres nas arenas olímpicas era proibida e quem fosse pega competindo ou assistindo as competições era condenada à morte. Kallipáteira era mãe do boxeador Pisirosos, para acompanhar o filho na competição, Kallipáteira se fantasiou de homem e assumiu a função de técnico. Com a vitória do filho, ela comemorou, revelando para a plateia presente a sua identidade. Kallipáteira foi condenada à morte, mas como seu filho e marido haviam se tornado campeões olímpicos, ela foi absolvida. Para evitar que eventos como esse se repetissem, foi instituído que os treinadores se exibiram nu, para coroar os vencedores.

Hércules¹⁵: foi aluno e atleta de futebol de campo do CECG entre os anos de 1964 e 1967. Hércules é o organizador do evento “*Amigos dos Esportes de Campina Grande*”, que reúne ex-atletas campinenses para um encontro festivo durante o mês de dezembro, a fim de reencontrar os amigos e rememorar o passado. O evento teve a sua primeira versão no ano de 2010, e já chegou a reunir mais de 500 participantes, segundo o seu idealizador. Para a realização do evento, Hércules desenvolveu um projeto de pesquisa e catalogação dos times e atletas do esporte amador da cidade. Além de estabelecer relações de amizade com essas gerações, ele também faz parte dessa história. Durante a década de 1960, ele participou dos jogos escolares pelo *Colégio Estadual de Campina Grande*. Assim como Orsippus, Hércules também contribui com a produção de uma memória campinense, mais especificamente, uma memória esportiva, a partir das suas colaborações para o *blog Retalhos Históricos de Campina Grande*, para o *Museu Virtual do Esporte de Campina Grande*, e para o evento *Amigos dos Esportes de Campina Grande*.

Theagenes¹⁶: estudou no CECG durante 7 anos. Entrou em 1966 para cursar o ensino ginásial, e concluiu o ensino colegial em 1972. Participou dos jogos escolares com futebol de salão e futebol de campo, nas categorias mirim e juvenil. Atualmente, Theagenes é professor de Engenharia Elétrica.

Como ressaltai anteriormente, os nomes dos entrevistados foram substituídos por pseudônimos para preservar seu direito de privacidade, assegurados por lei após a Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Os mesmos assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido-TCLE emitido pelo comitê de ética do Hospital Alcides Carneiro- HUAC, em que me comprometo manter os nomes dos colaboradores em sigilo. A escolha dos pseudônimos não teve como critério a relação dos entrevistados com os personagens, mas a temática da pesquisa. Para a realização das entrevistas, optei por entrevistados (as) que foram ex-alunos (as) do colégio e que puderam me conceder as entrevistas presencialmente. A escolha

¹⁵ Na mitologia grega, Hércules é um semideus conhecido como o mais forte dos mortais, cujo seus feitos heroicos consistem nos 12 trabalhos de Hércules, provas mortais, incumbidas a ele, como punição por ter assassinado sua esposa e seus três filhos. Hércules conseguiu cumprir os 12 trabalhos com vida e, portanto, se tornou um herói e foi perdoado pelos seus crimes.

¹⁶ Theagenes construiu a sua fama com nove anos de idade, ao retirar da base uma estátua de bronze do deus do mercado de Tarsos. Depois de adulto, ele se tornou um dos maiores atletas da mitologia, competiu em diversas modalidades desportivas, ganhando mais de 1.400 competições, segundo a história.

dos colaboradores foi realizada mediante a identificação, contato e disponibilidade dos mesmos em conceder as entrevistas e partilhar comigo as suas memórias.

Duas das entrevistas foram realizadas durante a pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso- TCC e foram aproveitadas para este trabalho, por conter informações importantes sobre o recorte estudado e o objeto de análise. Muito dos ex-alunos e ex-alunas do colégio identificados, faleceram ou não residem no estado da Paraíba, o que dificultou a realização de entrevistas presenciais. Com exceção de Hércules, cuja entrevista foi realizada na cidade de João Pessoa, as demais entrevistas foram realizadas na cidade de Campina Grande.

No decorrer da pesquisa, percebi que um tipo de fonte não seria suficiente para atender aos meus propósitos. Devido à necessidade que senti em complementar o quadro de fontes, busquei outros documentos que pudessem preencher as lacunas deixadas pelas fontes orais e fotográficas. Nessa busca, passei pela experiência da pesquisa em arquivo. No arquivo da Biblioteca Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba, fiz outras viagens no tempo, mas desta vez solitária. Folheando as páginas do jornal Diário da Borborema, produzidas entre os anos de 1966 a 1978, passei pelas ruas violentas da cidade de Campina Grande. Diante das notícias, me perguntava como os meus entrevistados diziam que a cidade era “tranquila”, de “dormir com portas abertas”? O passado dos meus entrevistados vinha com uma forte carga de cristalização.

Através das manchetes do jornal, conheci expressões novas e outras formas de falar sobre o corpo do outro. Nas páginas de esporte, acompanhei os eventos desportivos realizados na cidade - e no país - e os jogos de interesses que envolviam a realização desses eventos. Foi uma viagem silenciosa e muito paciente. As emoções que senti não podiam ser compartilhadas com outras pessoas. Eu me indignava, vibrava e me angustiava em silêncio. Fato que não tornou a pesquisa menos interessante ou menos emocionante. As fotografias promoveram encontros visuais com os sujeitos do passado: reconhecia os seus rostos, os seus corpos e as cenas dos eventos desportivos.

Através do jornal Diário da Borborema, obtive informações sobre as organizações dos eventos desportivos escolares, a formação da comissão executiva que organizava os jogos, os colégios que participavam das competições e os resultados finais. Esse periódico fazia a coberturas de mais de uma semana sobre os eventos esportivos a serem realizados. Tudo era detalhado: anunciava o calendário de jogos, os resultados, as decisões da comissão organizadora

quanto às regras do evento, e teciam críticas aos organizadores por não informar à imprensa os detalhes sobre os resultados finais e as falhas na organização.

O presente jornal pertence à empresa Diários Associados, fundada pelo paraibano Assis Chateaubriand, importante nome da imprensa brasileira. Vários nomes da elite intelectual campinense colaboraram com jornal, entre eles, o advogado Raimundo Asfora, os jornalistas Nilo Tavares e Eptácio Soares, Orlando Tejo, autor do livro *Zé Limeira - poeta do absurdo*, e o professor Stenio Lopes. Começou a circular na cidade de Campina Grande a partir do ano de 1957 e parou sua reprodução e circulação em 2012. (FERNANDES, 2011, p. 22). Atualmente, o acervo do Diário da Borborema encontra-se na Biblioteca Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba para consulta pública¹⁷, espaço em que realizei a pesquisa com este periódico¹⁸.

Os jornais como fonte nos oferecem elementos riquíssimos para a pesquisa história, a forma como os títulos das manchetes são estrategicamente pensados, a seleção das imagens que ilustram a notícia, além da própria manchete, cheios da subjetividade do seu escritor, nos dá suporte para analisar como os discursos são produzidos pela imprensa periódica e até mesmo os avanços da tecnologia que transformam a sua produção e criam novas formas de leitura, “é importante estar alerta a materialidade dos impressos e dos seus suportes, que nada tem de natural”. (DE LUCA, 2008, p. 132). Assim como as fontes orais, é importante ter cuidado para não cair na naturalização dos discursos desta fonte, De Luca (2008, p. 139) explica que:

A imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra de uma determinada forma aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise de discurso que problematiza a identificação mediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa.

Portanto, o uso da imprensa como fonte não deve ser para a mera reprodução das notícias, mas para analisar, investigar os interesses por trás dos discursos, tendo em vista, o importante papel político e pedagógico da imprensa na nossa sociedade. Vários estudos sobre

17 As notícias selecionadas para esse trabalho foram transcritas, devido a não autorização do Diário dos Associados, empresa responsável pela impressão e distribuição do jornal Diário da Borborema e que detém os direitos autorais dos periódicos, garantidos pela Lei de Direitos Autorais nº 9610 de 1998, para a publicação das imagens dos impressos.

18 Também é possível encontrar no CENTRAC (Centro de Ação Cultural) cadernos do Diário da Borborema a partir da década de 1980.

a História de Campina Grande, utilizando a imprensa como objeto, foram desenvolvidos. Como exemplos, destaco os trabalhos de Sousa (2002) e Cabral Filho (2007) que discutem sobre o papel da imprensa campinense no processo de desenvolvimento da cidade durante a primeira metade do século XX. Como representantes dos interesses da elite local, a imprensa vai expressar os jogos políticos e os desejos de sociedade, através dos seus artigos. Neste trabalho, apresento as notícias sobre os eventos desportivos, sobre a educação campinense e sobre o *Colégio Estadual de Campina Grande*, buscando analisar as intenções presentes nos discursos.

As imagens/fotografias que utilizei neste trabalho foram cedidas por ex-alunos e ex-alunas do Colégio Estadual de Campina Grande, autorizadas para publicação e fotografias dispostas em acervos digitais de domínio público. A fonte fotográfica exerce um papel importante para este trabalho, ela nos provoca a imaginação, como afirma Burke (2004, p. 16.), “as imagens nos permitem imaginar o passado de forma mais vívida”, provocando curiosidades, encantamentos e inquietações. “Toda fotografia é um fragmento do passado”, afirma Kossoy (2001, p. 45), não apenas pelo seu registro, mas também pela sua própria materialidade e, portanto, se constitui em um objeto para o estudo da história e, portanto, alguns cuidados são necessários para a sua análise. O fotógrafo também ocupa um lugar importante na análise das fontes, as fotografias são como narrativas criadas pelo fotógrafo, os momentos capturados, expressa um desejo de contar uma história para a posteridade. Portanto, localizar os interesses por trás da produção da imagem, assim como os discursos que ela constrói, é um dos procedimentos de análise dessa fonte. Kossoy (2001, pp. 47-48) nos alerta que toda fotografia foi produzida com certa finalidade.

Se um fotógrafo desejou ou foi incumbido de retratar determinado personagem, documentar o andamento das obras de implantação de uma estrada de ferro, ou os diferentes aspectos de uma cidade, ou qualquer um dos infinitos assuntos que por uma razão ou outra demandaram sua atuação, esses registros- que foram produzidos com uma finalidade documental -representarão sempre um meio de informação, um meio de conhecimento e conterão sempre o seu valor documental, iconográfico.

Consciente dos procedimentos metodológicos para a análise das fontes fotográficas, busquei perceber os discursos sobre a cultura física e como essas imagens exercem papel importante na produção da memória oficial sobre os eventos cívicos, sobre a educação e a política da época.

A partir das premissas aqui explicitadas, foi possível produzir o presente texto que está dividido em três capítulos. O **capítulo I** deste trabalho tem como título “*O Colégio Estadual de*

Campina Grande educa corpo... e “mente””, refletindo sobre o papel da escola na educação dos corpos e das mentes e o duplo sentido do título faz referências aos problemas de ordem estrutural que abordarei ao longo do texto. Dividi este capítulo em dois tópicos para melhor organização do texto. Inicialmente, apresento uma breve história sobre o Colégio Estadual de Campina Grande, para que o leitor possa conhecê-lo e entender sobre suas normas internas, os exames, os ciclos, o fardamento, sua representação na cidade de Campina Grande e os problemas enfrentados com relação a falta de investimento por parte do governo que resultava na degradação do ensino público de segundo grau na cidade. No segundo tópico analiso como a disciplina de Educação Física se desenvolveu no *Colégio Estadual de Campina Grande* e sobre o papel da escola e da Educação Física na produção de corpos educados para o trabalho.

No **capítulo II**, intitulado “As práticas educativas da Educação Física e do desporto no *Colégio Estadual de Campina Grande*”, analiso as práticas educativas do corpo, pela disciplina de Educação Física e do Desporto. Dividi este capítulo em três tópicos. No primeiro tópico discuto sobre a educação do corpo através do olhar, a partir de um evento realizado pela escola, aberto ao público, em que os alunos da instituição faziam demonstrações de ginástica olímpica, apresentando para a plateia performances de ginástica. No tópico seguinte discuto sobre o papel educativo dos uniformes utilizados para a prática de atividades físicas, pensando a produção dos corpos “sãos” a partir desta norma disciplinar e as burlas da instituição a essa norma que é recomendada pelos especialistas em Educação Física e pela própria disciplina. No último tópico, é realizada uma discussão sobre as práticas educativas da beleza na Educação Física a partir dos concursos de beleza promovidos nos eventos desportivos e nos discursos da imprensa.

No **capítulo III**, intitulado ““A grande festa estudantil”: os eventos cívicos-desportivos e as apropriações dos estudantes do CECG”, é analisado os eventos cívicos desportivos que o *Colégio Estadual de Campina Grande* participou e as apropriações desses eventos pelos seus estudantes. Dividido em cinco tópicos, no primeiro tópico analiso os discursos da Educação Física sobre a competição como uma virtude autoeducativa e autodisciplinar, além de contar como eram realizados os eventos cívicos desportivos em Campina Grande, a partir das fontes que fazem referência a participação do *Colégio Estadual de Campina Grande* nesses eventos, refletindo sobre o “espírito competitivo” estimulado por essas competições. No segundo tópico, apresento um dos eventos competitivos, a Gincana do Diário da Borborema, evento realizado pelo jornal Diário da Borborema para a comunidade

estudantil. No terceiro tópico, discuto sobre as apropriações dos estudantes do *Colégio Estadual da Prata* a esses eventos e as práticas educativas do corpo, construindo uma estética para si que muitas vezes iam em desencontro a estética militarizada da Educação Física e do Regime Militar. No quarto tópico, a partir das burlas das estudantes em ler livros que eram proibidos pelo colégio, realizo uma breve discussão sobre as outras práticas educativas dispostas no colégio que chamavam a atenção das alunas. E por fim, o último tópico, discuto sobre as apropriações dos estudantes à competição, problematizando os apelidos proferidos nos eventos cívicos-desportivos como uma visão crítica ao sistema educacional da época e também uma forma de violência contra o outro.

CAPÍTULO I:

O COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE EDUCA CORPO... E “MENTE”

O título deste capítulo foi inspirado no clássico da História da Educação Física, “A Educação Física educa o corpo... E “Mente”” de Medina (1990), no qual o autor fala que para além de promover o bem-estar e a saúde do corpo, essa disciplina é um dispositivo de reprodução ideológica e dos interesses de classe que estariam em torno dela. E por isso a produção sobre a Educação Física mentia, pois, a sua história, até a década de oitenta, ignorava o aspecto político desta disciplina. Assim como a Educação Física, o CECG educa o corpo, a mente e mente.

Para além de instruir e formar os jovens campinenses, o colégio foi alvo de disputas políticas e é reflexo de um projeto das elites locais que desejavam civilizar e modernizar a cidade de Campina Grande, tendo a formação dos pobres como um dos caminhos para o desenvolvimento econômico, cultural e social. O CECG mente sobre a sua história, quando não fala sobre a falta de investimentos por parte do governo estadual, que excluía milhares de estudantes dos seus serviços, sobre a falta de estrutura física e da presença dos Militares no interior do colégio que se dividiam entre o ensino e a repressão. Portanto, no capítulo a seguir, conto algumas dessas histórias.

“O PREÇO DA EDUCAÇÃO”: O CECG E O ENSINO DE SEGUNDO GRAU NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE.

Para adentrar nas discussões propostas neste trabalho, é necessário conhecer um pouco do CECG¹⁹, fundado em 1953, sendo a primeira escola de ensino secundário da cidade de Campina Grande e a segunda instituição que oferecia esse nível de ensino no Estado. Na época, a cidade contava apenas com três escolas de ensino secundário, o *Colégio Ginásio Alfredo Dantas*²⁰ (1919), o *Colégio Diocesano Pio XI* (1931)²¹ e o *Colégio Imaculada Conceição-*

¹⁹ A partir deste capítulo, irei me referir ao Colégio Estadual de Campina Grande com as iniciais CECG para facilitar a leitura do texto.

²⁰ Fundado em 17 de fevereiro de 1919 com o nome de Instituto Pedagógico, a partir do ano de 1943, o colégio passou a se chamar Ginásio Alfredo Dantas em homenagem ao seu fundador o Tenente Alfredo Dantas Correia de Goes. (ANDRADE, 2014).

²¹ O Colégio Diocesano Pio XI foi um externato católico de ensino primário, fundado em 07 de abril de 1931. Até o ano de 1932, o colégio funcionou na Igreja Diocesana Catedral, na Avenida Floriano Peixoto, avenida principal

*Damas*²² (1931), cujo valor das mensalidades pesava nos bolsos até daqueles que possuíam poder financeiro. A educação escolar na cidade era constituída principalmente pelo ensino primário, oferecido pelos educandários municipais e particulares. Os filhos dos populares, principais beneficiados pelas instituições de ensino público, terminavam o ensino primário e não tinham condições de dar continuidade aos seus estudos, pois como já citei, as únicas instituições que ofereciam o ensino secundário eram privadas. Alguns estudantes buscavam, muitas vezes, o auxílio da prefeitura que oferecia algumas bolsas de estudos nessas instituições.

Desta forma a sua construção foi movida por interesses da classe política e da elite local que, embora fosse demanda nacional a fundação de escolas públicas de ensino secundário, desde a década de 1930, em Campina Grande estava em caminhar a fundação de uma escola de ensino superior para a cidade, a Escola Politécnica da Paraíba (1952), que para tornar possível o seu funcionamento, era necessário ter instalado uma escola de ensino secundário público²³. Muitos interesses giraram em torno da sua construção²⁴ e funcionamento ao longo do tempo.

Vejo o CECG como parte de projeto que buscava modernizar Campina Grande através da educação. Sua construção foi idealizada em um período que a cidade interiorana vivia os seus “anos áureos” na economia local, baseado no desenvolvimento industrial e das reformas urbanas que forjavam novas sensibilidades, desejos e necessidades. A cidade “Rainha da Borborema”²⁵, sob a bandeira do progresso, iniciou projetos modernizantes que buscavam

da cidade. Em 1934, o Pio XII foi equiparado ao colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, passando a oferecer o ensino secundário também. Em 2004, o colégio encerrou suas atividades devido a questões financeiras. Cf.: *Retalhos Históricos de Campina Grande. Memória educacional: Pio XI. O primeiro diretor do CECG foi o professor do Pio XII, Padre Milton Paiva. No mesmo ano de fundação do CECG (em 1953), afastou-se da direção do colégio para assumir o cargo de diretor do Pio XII.*

²² O Colégio Imaculada Conceição foi fundado, em Campina Grande, em 1º de março de 1931. As fundadoras do colégio foram as irmãs Dominique, Alice, Livine e Martina, da Congregação das Damas da Instrução Cristã. O nome de Imaculada Conceição é uma homenagem à padroeira de Campina Grande, Nossa senhora da Conceição. Cf.: *Retalhos Históricos de Campina Grande: Colégio das Damas (1948). A instituição de ensino pertence à rede belga de internatos congregação Damas da Instrução Cristã que chegou ao nordeste brasileiro no entre o final do século XIX e início do século XX. (SILVA, 2012).*

²³ Sobre a fundação da Escola Politécnica da Paraíba, confira: *A luz que não se apaga: A escola Politécnica da Paraíba e a formação de um campo científico-tecnológico*, (LIMA, 2010).

²⁴ Sobre a história do CECG na década de sua fundação, confira: *“A Prata que vale ouro” na História da Educação campinense: memórias e representações sobre o Colégio Estadual de Campina Grande (1953-1959)*, (SOUSA, 2015), e *Por uma formação da Juventude Campinense: O colégio “Gigantão da Prata” (1948-1962)*, (SILVA, 2014).

²⁵ Durante o processo de modernização urbana da cidade de Campina Grande, esta passou a ser chamada pelos seus cidadãos de “Rainha da Borborema”. Devido ao desenvolvimento econômico, urbano e material na primeira metade do século XX, a cidade ganhou destaque no estado e na região Nordeste devido à comercialização do

transformar a sua paisagem e os modos dos seus habitantes de acordo com os padrões idealizados pela elite local, principalmente o comportamento dos populares que demorava a se adaptar às mudanças e as novidades ditas modernas. No período da Ditadura Militar, o colégio se dividia entre os projetos políticos/educacionais do governo militar e os projetos modernizantes, idealizados pela elite local, que muitas vezes seguiam por caminhos opostos.

O CECG foi inaugurado no dia 31 de janeiro de 1953, fundado dentro dos preceitos da *Lei Orgânica do Ensino Secundário* de 1942, que apontava as diretrizes para o ensino secundário no Brasil. A *Lei Orgânica do Ensino Secundário*, também conhecida como *Reforma Capanema* foi promulgada em 9 de abril de 1942, no Decreto-Lei nº 4.244/ 1942 assinada pelo então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema (1937-1945). Dentro dos preceitos da Lei, o currículo era dividido em dois ciclos: *ciclo I*, correspondente ao *ginasial*, dividido em quatro anos e o *ciclo II*, que correspondia ao *colegial*, dividido em *científico* e *clássico*, com duração de três anos. As turmas eram divididas em femininas (turno da manhã), masculinas (turno da tarde) e mista (turno da noite). As disciplinas ofertadas pelo colégio eram: Religião, Português, Matemática, História, Geografia, Latim, Frances, Inglês, Canto orfeônico, Desenho, Trabalhos manuais (para os meninos), Economia doméstica (para as meninas) e Educação Física. (SOUSA, 2015).

Em minha monografia de conclusão de curso, intitulada “A Prata que vale ouro” na História da Educação campinense: Memórias e representações sobre o Colégio Estadual de Campina Grande (1953-1959), apresento os relatos dos alunos que estudaram na escola nas primeiras décadas que explicam que o corpo docente do colégio era formado, em sua maioria, por profissionais liberais e religiosos, sem formação na área de ensino, assim como o público beneficiado inicialmente, pertencia às elites locais. Os dois primeiros diretores do colégio foram padres, revelando a influência da Igreja no ensino público da cidade, vale salientar que os dois colégios de ensino secundário da cidade, o Colégio Pio XI e o Colégio das Damas, eram instituições católicas, e o Padre Viana, primeiro diretor do CECG também era professor do Colégio Pio XI, desta forma, entendo que a Igreja também fazia parte deste projeto de modernização de Campina Grande, incutindo na educação do CECG os discursos da igreja.

algodão, chamado de “o ouro branco”. Desta forma, a cidade ganhou títulos de “Capital do trabalho”, “Liverpool nordestina” e “Rainha da Borborema”, por ser localizado no Planalto da Borborema, título que perdura até os dias atuais.

Também percebo uma circularidade dos professores das instituições privadas na instituição pública, fazendo assim, circular esses discursos e buscando uma homogeneização, no que compete a moral religiosa.

O colégio também contava com professores médicos, advogados, engenheiros e militares- para as aulas de Educação Física, quadro que não mudou nas décadas de 1960-1970, ao longo do texto, mostrarei a presença desses profissionais no ensino do CECG. Os exames de admissão, que segundo os ex-alunos, eram muito difíceis, se tornavam um obstáculo para o estudante pobre com uma formação primária precária, este exame continuou a ser o passaporte para os alunos ingressarem no CECG nos anos que abrange esta pesquisa.

A partir dos anos de 1960 o colégio foi se popularizando, tendo um público misto de vários segmentos sociais. À medida que o ensino secundário começou a popularizar os problemas relativos à educação na cidade foram se agravando. O colégio que Campina Grande se orgulhava em dizer que era o maior do estado, superando o número de matriculados do Lyceu Paraibano, de João Pessoa, não era mais suficiente para abarcar o número de estudantes que se inscreviam para os exames de admissão. Durante o mesmo período, iniciou-se a expansão do CECG através das suas sucursais nos bairros mais populosos da cidade, que cito na introdução, com o propósito de resolver o problema da procura de vagas para o ensino secundarista que o colégio não estava dando conta.

Várias medidas foram tomadas para resolver o problema da falta de vagas para o CECG Uma delas foi a medida do diretor Juracy Palhano, em 1966, em acrescentar um turno intermediário – aumentando o número de turnos de três para quatro – com o intuito de aumentar o número de vagas para o colégio. Orsippus conta que este turno era chamado pelos alunos de “turno da fome”, o colégio passava a funcionar nos horários de 07:00 às 11:00, 11:00 às 15:00, 15:00 às 19:00 e das 19:00 às 22:30. (ALBUQUERQUE, 2011, p. 65). Esta mudança não só alterava os horários da escola como também dos estudantes, que estavam em sala de aula nos horários que convencionalmente no Brasil, são os horários do almoço e do jantar. Penso que o chamado “turno da fome” revela um posicionamento dos alunos contrário a esta norma estabelecida pelo diretor, uma forma de reclamar à direção que os horários de aulas os submetiam à fome.

Para aqueles que não tinham condições de mudar de colégio, restava se adaptar a esta medida que considero arbitrária, tendo em vista que não foi uma medida oficial, mas do diretor

da escola, que dispunha de privilégios políticos²⁶. Neste mesmo ano, dava-se início aos Jogos Ginásio-Colegiais, realizada pela Secretaria de Educação e Cultura de Campina Grande, com verba pública para a sua realização, embora não houvesse investimentos para ampliar o ensino de segundo grau na cidade, os eventos que serviam de máquina política do governo recebiam apoio e verbas do Estado.

Os problemas relativos a falta de vagas se estenderam ao longo da década de 1960 e 1970, como mostrarei a seguir. Em 6 de janeiro de 1968, foi publicada no Diário da Borborema uma manchete intitulada “o preço da educação” [sic.], na qual o jornal fazia uma reclamação sobre os preços das mensalidades das escolas particulares, que custavam em torno de NCr\$ 15,00 (quinze Cruzeiros Novos) à NCr\$ 25,00 (vinte e cinco Cruzeiros Novos) para o I Ciclo, e NCr\$ 180,00 (cento e oitenta Cruzeiros Novos) à NCr\$ 235,00 (duzentos e trinta e cinco Cruzeiros Novos) para o II Ciclo. Ainda sobre a matéria publicada pelo Diário da Borborema, foi anunciado que mais de mil alunos foram reprovados no exame de admissão do CECG devido à falta de vagas ofertadas pelo colégio.

Pensando em controlar a procura dos estudantes pelo CECG, a direção, representada pelo jurista Francisco Martins de Assis, cogitou cobrar taxas para a inscrição do exame de admissão que custaria CN\$ 30,00 (trinta cruzeiros novos) para o I Ciclo e CN\$ 25, 00 (vinte e cinco cruzeiros novos) para o II Ciclo. Tal medida gerou repúdio por parte dos estudantes que reivindicaram, através da imprensa e de reuniões com o governador do estado, João Agripino²⁷ (1966-1971), a proibição da cobrança de taxas para a inscrição do exame de admissão para aquele colégio. Porém, em 1970 o colégio voltou a cobrar taxas para se inscrever no exame de admissão, no valor de NCR\$ 10,00 (DIÁRIO DA BORBOREMA, 6 jan. 1970).

Os problemas com relação à educação não paravam por aí, a falta de estrutura das outras escolas públicas também ganhou um destaque na manchete “o preço da educação” (sic.), que denunciava o estado do Colégio Murilo Braga em que os alunos estavam “assistindo as

²⁶ João Juracy Palhano Freire foi um economista e empresário e professor paraibano, natural da cidade de Remígio. Foi Deputado Estadual em 1968 e candidatou-se a prefeito de Campina Grande em 1972 e 1976.

²⁷ João Agripino Vasconcelos Maia Filho é membro de uma família de forte influência política na Paraíba. Em 1945 se candidatou pela primeira vez a Deputado Federal pela União Democrática Nacional- UDN até 1961; em 1962 assumiu mandato de senador, mas não concluiu por conta de sua posse a governador do Estado da Paraíba, ocupando o cargo entre os anos de 1966 a 1971. Apoiou o Regime Militar e se filiou a Aliança Renovadora Nacional – ARENA. Na volta do multipartidarismo em 1981, filiou-se aos partidos Partido Popular-PP e Partido Movimento Democrático Brasileiro-PMDB; morreu em 1988 com 74 anos.

aulas sentadas no chão ou em cadeiras rústicas”. Essas notícias me fizeram refletir sobre os discursos da memória oficial, que afirmam que a educação era de “qualidade” durante o período da Ditadura Militar.

No dia 31 de janeiro de 1978, foi publicada no Diário da Borborema, uma homenagem aos vinte cinco anos do CECG em que o autor do artigo “Colégio Estadual da Prata”, Epitácio Soares, saudava a iniciativa dos governadores Oswaldo Trigueiro e José Américo em construir na cidade o colégio, que ele representa como sendo a “pedra angular do desenvolvimento do ensino oficial de segundo grau na cidade”. O Autor ainda elogia a ação dos governadores posteriores, entre eles, o governador Ivan Bichara²⁸ que, segundo ele, estariam dando continuidade ao projeto de gratuidade do ensino secundário, construindo novas unidades escolares. Como é possível ver na imagem a seguir:

²⁸ Ivan Bichara foi governador do estado da Paraíba durante os anos de 1975 a 1978. Antes de se tornar governador, Ivan Bichara foi assumiu cargos políticos de confiança e foi Deputado Federal Pela UDN. Após o golpe de 1964, com a extinção dos partidos políticos, Bichara se filiou ao ARENA, partido de apoio ao regime. Em 1974, foi indicado pelo presidente Ernesto Geisel, como candidato a governador da Paraíba, assumindo o cargo através das eleições indiretas.

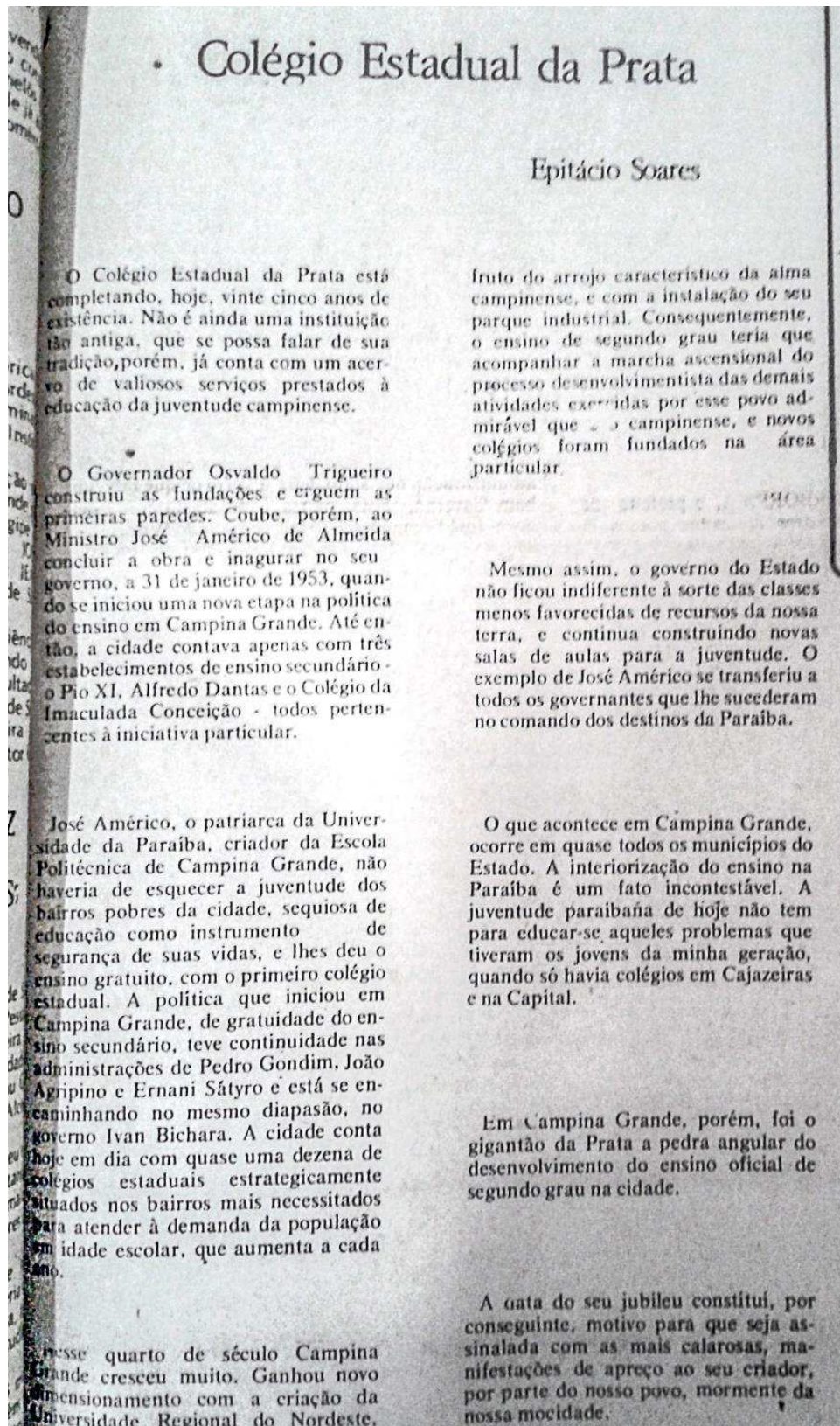


Figura 1: Colégio Estadual da Prata (DIÁRIO DA BORBOREMA, 31 jan., 1978, p. 4).

Arquivo: Setor de Documentação e História Regional- SEHDIR.

No artigo apresentado, o autor comemora os vinte cinco anos de existência do CECG e cita os governantes que estiveram à frente desta obra que foi um marco para a educação campinense, afirmando que os governantes se responsabilizaram em dar continuidade ao projeto iniciado por Oswaldo Trigueiro²⁹ e completado por José Américo³⁰, do ensino público de segundo grau, sendo o CECG a “pedra angular” desse projeto. O artigo do jornalista Epitácio Soares faz esquecer os conflitos políticos que envolveram a sua construção, fazendo com que as suas obras fossem paralisadas no governo de Oswaldo Trigueiro e retomadas no governo posterior, o de José Américo.

No início do ano de 1947, foram realizadas as eleições para o governo do estado da Paraíba, Oswaldo Trigueiro, que era um dos candidatos ao cargo, havia prometido aos seus eleitores campinenses a construção de uma escola pública de ensino secundário naquela cidade, ganhando assim, o apoio de muitos intelectuais, políticos e empresários que empreitavam o projeto de modernização de Campina Grande. Após ganhar as eleições, Oswaldo Trigueiro deu início às obras de construção do primeiro colégio público de ensino secundário de Campina Grande. Em outubro do mesmo ano, ocorreu as eleições para a prefeitura da cidade de Campina Grande.

Durante as eleições, Argemiro de Figueiredo³¹, importante figura política da região e aliado de Oswaldo Trigueiro, indicou o seu cunhado Major Veneziano Vital³² do Rego como

²⁹ Oswaldo Trigueiro, nascido em 1905, natural da cidade de Alagoa Grande, foi eleito governador em 1947-1950, o processo de candidatura se deu através do voto secreto e direto. Foi autor das obras *O regime dos estados na União Americana* (1942), *Descentralização estadual* (1943); *Problemas do governo democrático* (1976) *A política do meu tempo* (1988). Sua candidatura ao governo do estado foi apoiada por Argemiro de Figueiredo, ex-governador da Paraíba e influente figura política. (SILVA, 2014, p. 68).

³⁰ José Américo foi governador da Paraíba entre os anos de 1951-1956, natural de Areia, José Américo é um destacado intelectual paraibano e romancista regionalista, autor das obras *Reflexões de um cabra* (1922); *A Paraíba e seus problemas* (1923); *A Bagaceira* (1928); *O ciclo revolucionário do ministério da viação* (1934) *O Boqueirão* (1935); *Coiteiros* (1935); *Secas do Nordeste* (exposição na Câmara Federal (1935) *Casos de sangue* (crônica) *Discursos do seu tempo e a palavra e o tempo* (1965) *O ano do nego* (1968) *Eu e eles* (1990) *Quarto minguante* (1973) *Antes que me esqueça* (1976) *Sem me rir, sem chorar* (1984). Foi eleito governador do estado da Paraíba em 1950 após vencer Argemiro de Figueiredo, aliado político de Oswaldo Trigueiro, governador que deu início às obras do CECG (SILVA, 2014, p. 73).

³¹ Argemiro de Figueiredo, membro de uma família tradicional da política paraibana, participou da Aliança Liberal que promovia a candidatura de Getúlio Vargas e João Pessoa à presidência do Brasil, em 1930. Em 1945 filiou-se a UDN (União Democrática Nacional), tornou-se líder do partido e em 1950, candidatou-se ao governo do estado da Paraíba, sendo derrotado por José Américo de Almeida (PSD). Em 1951 perdeu as eleições para prefeito de Campina Grande, sendo derrotado por Plínio Lemos, sobrinho e aliado de José Américo de Almeida.

³² O Major Veneziano Vital do Rego foi o patriarca da família Vital do Rego na política paraibana, embora não tenha conseguido se eleger prefeito na cidade de Campina Grande, o Major Veneziano exerceu sua atividade política no estado de Pernambuco, enquanto o seu filho Antônio Vital do Rego e netos construíram uma oligarquia

candidato a prefeito, enquanto José Américo de Almeida, seu opositor político, indicou o médico Elpídio Josué de Almeida, que saiu vitorioso. O resultado deixou Argemiro de Figueiredo e Oswaldo Trigueiro, insatisfeitos com a cidade, portanto, algumas obras de responsabilidade do governo do Estado foram paralisadas em Campina Grande, entre elas, as obras do CECG que só foram retomadas em 1951, quando José Américo venceu as eleições estaduais e junto com o prefeito Elpídio de Almeida e Plínio Lemos, que estava no mandato quando o colégio foi concluído, disputaram contra Oswaldo Trigueiro, a “paternidade” do CECG.³³

O autor da fala da importância do CECG para o desenvolvimento industrial e cultural da cidade, Epitácio Soares foi um dos defensores da modernidade e junto com um grupo de intelectuais, que desenvolveram e apoiaram projetos que desejavam transformar Campina Grande em uma cidade que refletisse o poderio daquela elite local. Seu artigo, buscou amenizar os problemas na educação campinense e também paraibana, principalmente no que se refere ao ensino público, criando um estado de desenvolvimento cultural e comprometimento dos administradores estaduais. O jornalista afirma em seu artigo que Campina Grande contava com dezenas de escolas de ensino secundário, dando a entender que o mesmo nível de ensino oferecido no CECG era oferecido nessas instituições.

Desde 1971, com a Lei nº 5.692/71, o ensino secundário foi substituído pelo ensino de 1º e 2º graus³⁴, o ensino secundário que antes era composto, como já citei, pelo I ciclo: Ginásio, II ciclo: Colegial e pelo ensino profissionalizante, foi reformulado e dividido, correspondendo o I ciclo ao 1º grau e o II ciclo ao 2º grau, sem a divisão entre científico e clássico como era anteriormente. Antes dessa reforma, em 1970, o colégio já havia extinguido os cursos ginasiais, passando a oferecer apenas o 2º grau, para aumentar a quantidade de vagas para este nível de ensino no colégio. Portanto, os demais educandários que antes ofereciam o I ciclo do

política paraibana, Veneziano Vital do Rego, neto do Major Vital, chegou a prefeitura campinense em 2004-2008, sendo o único da família a conseguir se eleger para tal cargo.

³³ Para saber mais sobre as disputas políticas entre Oswaldo Trigueiro e José Américo em torno do CECG, Cf.: *Por uma formação da Juventude Campinense: O colégio “Gigantão da Prata” (1948-1962)*, (SILVA, 2014).

³⁴ A reforma de 1º e 2º grau aplicou mudanças significativas no currículo escolar, entre elas a união do ensino primário e ginasial no 1º grau, sendo ele obrigatório em todo país e a fixação das disciplinas de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde no currículo. Sobre a reforma 5. 692/71. Cf.: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 16 de novembro de 2017.

ensino secundário, passaram a oferecer o ensino de 1º grau, enquanto o CECG permanecia sendo o único colégio público que oferecia o ensino de 2º grau. Dezoito dias depois da publicação do artigo Colégio Estadual da Prata, foi publicado no mesmo jornal um artigo que falava sobre o problema da falta de escolas de 2º grau na cidade, como apresento a seguir.

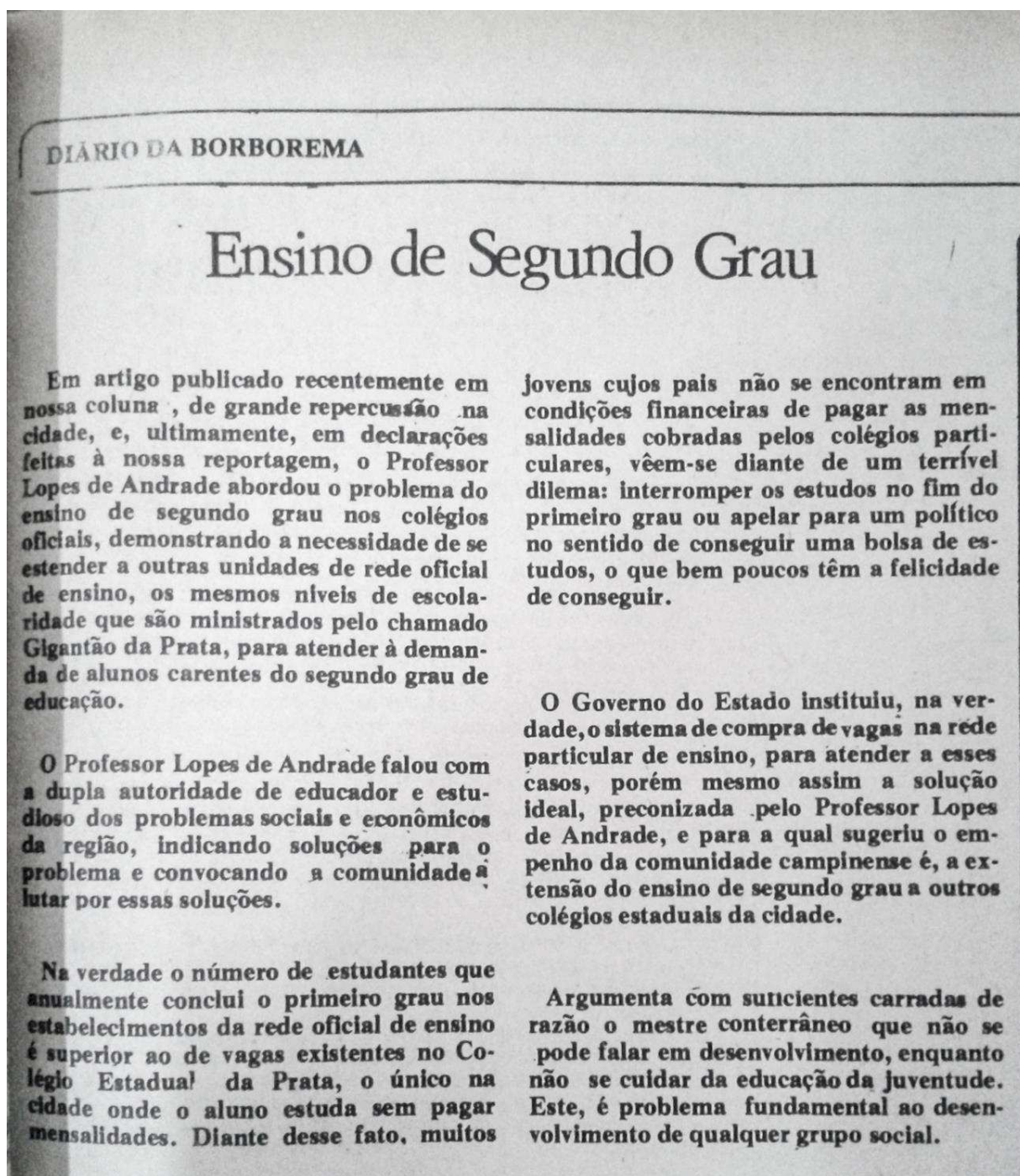


Figura 2: Colégio Estadual da Prata (DIÁRIO DA BORBOREMA, 31 jan., 1978, p. 4).

Arquivo: Setor de Documentação e História Regional- SEHDIR.

Contradizendo o artigo de Epitácio Soares que fala do empenho da administração pública em estender o ensino secundário -que não existia mais-, o professor Lopes de Andrade fala da necessidade de se ampliar o mesmo nível de ensino do CECG para as demais escolas públicas da cidade, como já disse anteriormente, o único que oferecia o ensino de 2º grau na cidade.

O artigo “O ensino de Segundo Grau” não chega a fazer uma crítica as medidas do governo, principalmente no que diz respeito a compra de vagas em escolas particulares com o dinheiro público, apenas sugere que a solução para o problema da falta de vaga nas redes oficiais seja resolvida com a construção de mais escolas de segundo grau na cidade. Deste modo o artigo dá a entender que o problema da falta de vagas no ensino de 2º grau não se tratava da falta de investimento do governo estadual na educação pública, mas ao alto número de jovens pobres que estavam sendo escolarizados, portanto, uma afirmação do desenvolvimento cultural da cidade.

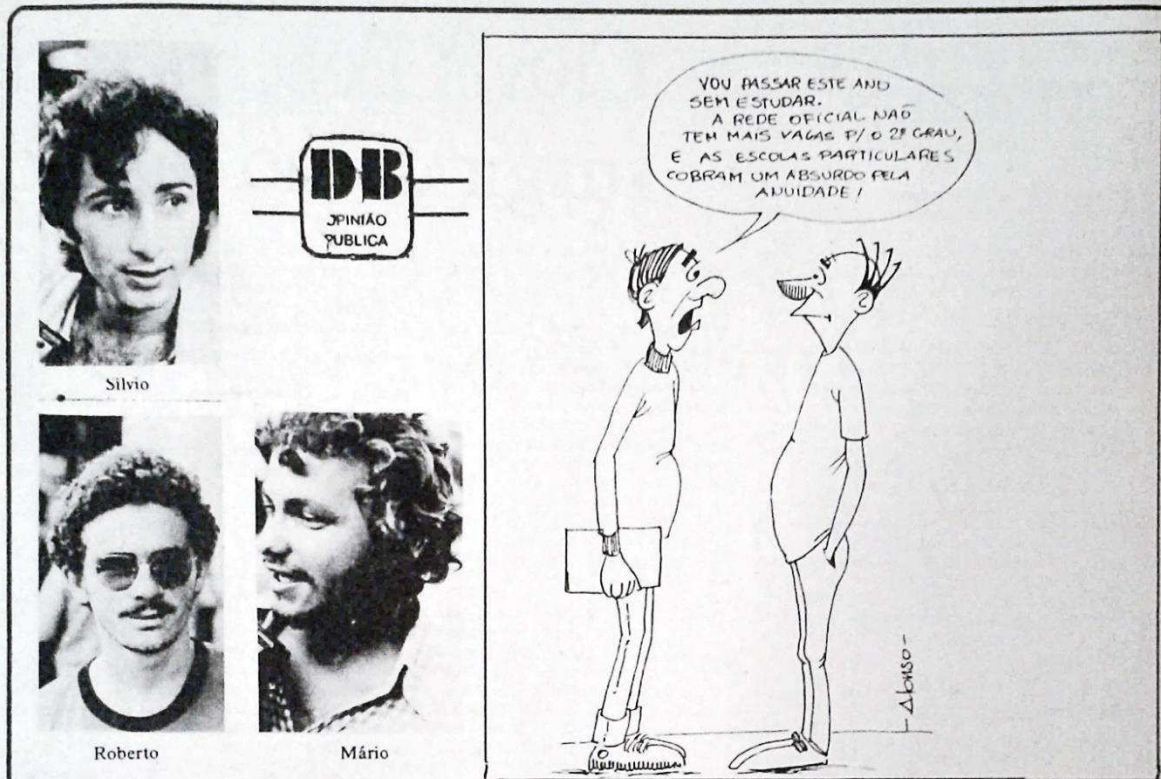
O artigo também não traz de forma direta a fala do professor Lopes de Andrade sobre o assunto, percebo que antes desse artigo, foi publicado um artigo escrito pelo professor Lopes de Andrade, na qual não consta na documentação acessada, que não me permite analisar o seu posicionamento quanto a administração pública e se o jornal tentou abrandar supostas reclamações feitas por ele³⁵. Contudo, no final do artigo o autor encerra trazendo um dos pontos que possivelmente foi abordado pelo professor, que é a relação da educação com o desenvolvimento social:

Argumenta com suficientes carradas de razão o mestre conterrâneo que não se pode falar em desenvolvimento, enquanto não se cuidar da educação da juventude. Este, é problema fundamental ao desenvolvimento de qualquer grupo social. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 17 fev., 1978).

É possível ver nesse trecho, a preocupação dos intelectuais com processo de desenvolvimento de Campina Grande, no qual a educação também teria um papel importante. Lopes de Andrade foi um intelectual muito influente no estado da Paraíba, chegou a assumir cargos públicos no governo de José Américo e foi professor fundador da Faculdade de Ciências

³⁵ A documentação do Diário da Borborema presente no SEHDIR encontra-se incompletas, privilegiando os cadernos e matérias sobre a história política da cidade, enquanto na Biblioteca Átila Almeida – UEPB, onde se concentra o acervo do Diários Associados, os livros referentes ao ano de 1978 encontram-se com a documentação deteriorada e, portanto, sem acesso.

Econômicas de Campina Grande, assim como trabalhou na antiga Universidade Regional do Nordeste – URNE (atual UEPB). Lopes de Andrade teve uma trajetória frente a educação paraibana e campinense e, portanto, defender a educação como um caminho para o desenvolvimento social era também defender o seu lugar de fala e a sua participação nesse projeto de modernização de Campina Grande que aglutinava membros das elites, que se confundiam entre política, econômica e intelectual. Junto ao artigo “Ensino de Segundo Grau”, o Diário da Borborema publicou a opinião de alguns populares sobre este tema, que apresento a seguir:



E a falta de vagas para o 2º Grau na rede oficial?

José Silvio Gomes (Rua: Santa Catarina nº 48)

"Eu acho que o Governo está querendo tirar o "corpo" da educação, e acredito que deve haver uma preocupação muito grande com a educação, e pelo visto, o Governo está deixando em segundo plano, quando deveria ser a primeira coisa a ser estudada, pois além de ser a estrutura, ele está deixando para a rede particular.

A maioria do povo não tem dinheiro nem para comer direito, e quanto mais para está pagando Colégio. O problema é sério e merece uma maior atenção, pois o estudo, deve estar acima de qualquer coisa. Realmente as vagas estão se acabando, e antes que se acabem de uma vez, seria muito importante que o Governo olhasse com mais atenção para isso"

Mário Miranda (Rua: Miguel Couto nº 283)

"Esse problema com os Colégios de rede oficial com poucas vagas, deixando as mesmas para a rede particular, onde a maioria do povo não tem condições financeiras de frequentar Colégios pagos, só vem causar transtornos, pois o 2º Grau é básico e primordial, e é justamente por isso, que as vagas para o 2º Grau em Colégios oficiais deveriam ser bem mais.

Pois, como todo este pessoal vai ter condições de entrar em uma faculdade? Se lá, o básico mesmo, é tudo o que vimos no 2º Grau: o problema requer uma solução com a máxima urgência, pois este pessoal não merece ser prejudicado.

Roberto Carlos Cantalice Medeiros José de Alencar, 222)

"É uma coisa que não deveria existir, uma vez que se tem Colégio, e muita gente precisando estudar, deveriam arranjar vagas, colocar professores e prédios que não faltam, as vagas são indispensáveis, é esta a minha opinião.

José de Arimatéia (residente em Taperoá)

"É um problema sério e que muito está prejudicando o pessoal, pois como este povo, poderá frequentar uma Universidade sem antes passar pelo 2º Grau? Colégio particular está muito caro, não é todo mundo que pode pagar, e daí, como vai ser a situação disso povo?"

O Governo precisa se conscientizar disto, arranjar vagas de qualquer maneira, e colocar este povo para estudar, pois se ele assim não agir, como é que o Brasil poderá ir pra frente sem tudo isso?

João Gomes (Rua Ulysses Gomes S/N)

"É uma coisa seríssima e que muito está atrapalhando os alunos e aos pais de família também, pois o problema muitas vezes começa, porque o aluno que é pobre e trabalha para se manter, não tem condições de estudar durante o dia, e daí os pais se preocupam pois a única coisa que é sólida hoje em dia mesmo, é unicamente o estudo. O Governo, precisa agir com toda honestidade diante disso tudo, e arranjar vagas para este pessoal que precisa e quer realmente estudar.

José Luiz (Câmara de Vereadores)

"O assunto é muito importante, haja visto, inclusive a semana passada em uma análise feita pelo professor Lopes de Andrade, objetivou a que nós nos referíssemos ao assunto, e já encaminhásemos até um requerimento a Sua Excelência o Governador do Estado, Ivo Bichara. Há uma carência muito grande nos ensinos públicos na rede de 2º Grau.

Vejam vocês que todos os anos, o Governo do Estado se vê obrigado a comprar vagas nos Colégios particulares pagando somas, que nós particularmente consideramos altíssimas e que só essas somas talvez desse para fazer funcionar a rede do 2º Grau em todos os Colégios da rede oficial de Ensino".

Figura 3: Ensino de Segundo Grau (DIÁRIO DA BORBOREMA, 17 fev. 1978, p. 4)

Arquivo: Setor de Documentação e História Regional - SEHDIR/Acervo pessoal da autora

Explico ao leitor que o artigo “Ensino de Segundo Grau” e a opinião pública fazem parte de um caderno do Diário da Borborema, chamado “Opinião”, neste caderno, o jornal publicava artigos referente aos problemas da cidade, que vinha acompanhada de uma charge e da opinião de populares que o jornal entrevistava na rua. Esse caderno passa a se apresentar no Diário da Borborema, no final dos anos de 1970 para os anos de 1980. Ao comparar a opinião dos populares com a do artigo “Ensino de Segundo Grau”, percebo maior crítica à gestão pública, diferente do artigo que não se posiciona contra a medida do governo estadual em comprar vagas na rede particular, em vez de usar esta verba para construir mais escolas de segundo grau.

Através dos relatos coletados pelo jornal, é possível perceber que a “pujança” de Campina Grande, tão exaltada pelos políticos, poetas e pela imprensa, não chegava a todos os campinenses. Grande parte da população era carente e precisava dos serviços oferecidos pelas instituições públicas, como a educação, por exemplo, todavia, o governo estadual entregava a educação campinense a iniciativa privada, em não investir no ensino público e comprar um número limitado de vagas nas escolas particulares.

A compra de vagas na rede privada era uma medida que estava prevista na reforma do 1º e 2º grau. Germano (2000) explica que os princípios mais importantes, propostas pela reforma do 1º e 2º grau de 1971, como a ampliação e obrigatoriedade do ensino de 1º grau por parte da gestão pública; o ensino profissionalizante no ensino de 2º grau e a organização do ensino superior, não chegaram a se efetivar, devido à falta de verbas para a educação, fazendo crescer o setor privado. O autor explica que, enquanto a educação pública era “golpeada de morte”, os discursos apresentavam uma valorização do Estado no que correspondia à educação. Cito as Reformas João Calmon³⁶ e o Mobral³⁷ que ilustraram as páginas do Jornal Diário da Borborema criando a ilusão de que o governo nacional em parceria com o estado e município, se preocupavam com a alfabetização dos jovens e adultos com a educação, afirmando que fariam da septuagésima década a “década da educação”. Sobre as compras de vagas da iniciativa privada, GERMANO (2000, p. 196) explica que:

³⁶ A Reforma João Calmon, também chamada de “Década da Educação”, foi uma campanha de educação de base, promovida pelo Deputado Federal e jornalista, presidente do Diários Associados, João Calmon, esta campanha pretendia alfabetizar jovens e adultos através da televisão, durante a década de 1970.

³⁷ O Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBREAL, foi uma campanha de alfabetização de jovens e adultos promovido pelo governo federal, no período da Ditadura Militar.

É a partir do golpe de 1964 que as empresas educacionais vão alcançar notável expansão. Isso ocorreu na medida em que o Estado criou mecanismos de ordem legal, muito expressivos, -como a constituição-, que abriram espaço a iniciativa privada, à educação como negócio lucrativo. Com efeito, os governos militares tentaram não somente se desincumbir de financiar a educação pública e gratuita, mas também cuidaram de estabelecer as condições legais que permitissem a transferência de recursos públicos para a rede particular.

Segundo o autor, a compra de vagas em escola particular pelos governos estaduais, era uma medida amparada pela lei, tal medida beneficiava os donos das escolas privadas que ofertava algumas bolsas de estudos em troca do investimento público. Através das pesquisas no jornal Diário da Borborema é notável o surgimento de novos educandários particulares na cidade, enquanto o CECG permanecia sendo a única instituição oficial de 2º grau e as reclamações sobre a falta de estrutura básica nas escolas da rede continuavam. Abaixo, segue a tabela elaborada por Melchior (1979 apud GERMANO, 2000, p. 197), sobre os investimentos do Governo Federal para a educação:

Tabela 1: Dispendio em Educação e Cultura-Feito pela União – como porcentagem da Receita de impostos-dados de balanço, elaborada por Melchior (1979).

ANOS	PORCENTAGEM
1960	9,9
1961	10,1
1962	11,6
1963	9,2
1964	9,4
1965	13,1
1966	9,6
1967	11,8
1968	8,3
1969	8,0
1970	7,3
1971	6,3
1972	6,4
1973	5,5
1974	5,2
1975	6,0
1976	7,0

Fonte: União – Balanços - Dados do SECC (Serviço de Estatística de Educação e Cultura) e Inspeção Geral de Finanças (ano não informado). (GERMANO, 2000, p. 197).

A tabela apresenta os investimentos do Governo na Educação e Cultura entre os anos de 1960 a 1976. É possível ver que os valores sofrem um declínio considerável, alcançando o seu menor percentual no ano de 1974. GERMANO (2000, p. 198) esclarece que no período de 1968 a 1973, o Brasil vivenciava os anos do “milagre econômico” e apresentava um “aumento intenso da arrecadação da receita de impostos”. Embora, entre os anos de 1960 a 1967 os valores sofram variações, é a partir de 1968, ano em que foi promulgado o AI-5, que os investimentos para a educação entram em declínio.

Vale ressaltar que neste período, os conflitos entre os movimentos estudantis e o governo se agravaram e o clima de protesto e repressão se intensificavam. As notícias sobre as prisões de estudantes em manifestações contra o governo em vários estados do Brasil dividiam espaço no jornal com as matérias sobre o “milagre econômico” e a “década da educação”. Os discursos sobre o milagre econômico, publicados pelos meios de comunicação contribuíram para criar uma atmosfera positiva sobre as medidas do governo para o país, inclusive para a educação, segundo GERMANO (2000, p. 163).

O clima, repetimos, era de euforia nacional. No ano anterior, o Brasil havia conquistado, pela terceira vez, o campeonato mundial de futebol, comovendo boa parte da nação. A machinha de Miguel Gustavo, “para frente Brasil”, juntamente com as músicas patrioteiras da dupla Dom e Ravel faziam o maior sucesso de Norte a Sul do país. O governo Médici, por sua vez, desenvolvia projetos arrojados, como a construção da rodovia Transamazônica e da ponte Rio-Niterói, justificando o slogan muito em voga na época: “Este é um país que vai para frente”. Embora criado em 1969, o Mobral (movimento Brasileiro de Alfabetização) começa a funcionar efetivamente em 1970, com vistas a erradicar o analfabetismo de jovens e adultos. Tal movimento foi lançado com grande alarde, pois afinal visava atingir um grande contingente popular, e esta era uma forma de buscar legitimação.

Esses discursos positivos, que são repetidos até os dias atuais, contam a história do desenvolvimento nacional no período da Ditadura Militar, ocultando os seus problemas reais. Enquanto o Estado nacional investia os recursos públicos na iniciativa privada, as instituições de ensino oficial padeciam e a situação dos educandários públicos campinenses parecia ser um reflexo da precarização da educação que ocorria em todo o país. As medidas paliativas para resolver a questão da falta de vagas no CECG como a criação do “turno da fome” em 1966, as taxas para o exame de admissão em 1968 e 1970, e a extinção do 1º grau em 1970, não foram suficientes para resolver o problema que perduraram por toda a década de 1970.

Todavia, mesmo com as dificuldades de ordem econômica, social e cultural que tonavam [e tornam] o caminho para o ensino superior distante e difícil, a chegada do CECG e das escolas de ensino superior em Campina Grande, havia produzido novas sensibilidades no

tocante à formação profissional, os jovens estudantes das classes mais baixas puderam sonhar com a universidade e com um futuro diferente dos seus pais, que não tiveram as mesmas oportunidades de estudo.

Para Campina Grande, uma cidade ainda pequena, mas com ambições metropolitanas, ter o CECG tinha uma representatividade importante no imaginário do campinense. Era uma promessa de desenvolvimento cultural, intelectual e também socioeconômico da cidade. Um colégio que oferecia aos filhos da Rainha da Borborema uma formação para o ensino superior, buscando afirmar os discursos de que Campina Grande estava “destinada a ser grande”.

Não ignoro a importância do colégio para a cidade e para a formação dos seus alunos, contudo, me cabe a reflexão de até que ponto a escola proporcionou este desenvolvimento tão esperado e prometido pelos discursos da época, já que o colégio excluía dos exames de admissão mais de mil candidatos, por falta de vagas, funcionou com inúmeros problemas físicos e também administrativos. Ao apontar os problemas estruturais e da falta de vagas, e buscar desmistificar os mitos construídos em torno da educação no período da Ditadura Militar, o meu objetivo não é negar a sua importância para a cidade, mas refletir sobre a conjuntura em que o colégio estava imerso e como essas questões e interesses e conflitos o afetaram diretamente.

Neste contexto de descaso da administração nacional e estadual com o ensino público, a disciplina de Educação Física serviu de estratégia dos governantes para fazer esquecer a precarização do ensino público e mobilizar os estudantes para a prática de esportes, buscando envolvê-los em sentimentos de unidade nacional, no civismo e patriotismo, ao mesmo tempo, educar seus corpos para renderem no trabalho e nas Forças Armadas. Neste período o governo buscou se aproximar dos estudantes através da ludicidade do desporto, investindo em eventos desportivos, transformando esses jovens estudantes em atletas com carreiras promissoras, em uma época que a Seleção Brasileira se preparava para a Copa do Mundo no México, em 1970, com grandes expectativas de não repetir a derrota da copa de 1966, ao mesmo tempo que o estado vivia um clima de tensão entre o governo e os estudantes, que podiam desmascarar a violência e arbitrariedade do governo com os seus opositores políticos.

Na tentativa de se aproximar dos estudantes e amenizar os conflitos que ganhavam manchetes nos jornais e mobilizavam protestos em todo o país, o Coronel Meira Matos³⁸, em

38 Meira Matos foi coronel do exército e presidente da Comissão Especial do Ministério da Educação e Cultura. Presidente da comissão especial do Ministério da Educação e Cultura. Em 29 de dezembro de 1967 foi criada, pelo

entrevista para os jornais, afirma que a intenção do governo era envolver a juventude na construção do Brasil, “Nossa intenção é lançar a juventude estudantil na obra de construção de uma grande nação do futuro.” (MATOS, 1968).

Nos discursos políticos dos governantes da ditadura, o Brasil era representado como uma grande obra que seria construída por brasileiros patriotas, o trabalho era o principal alicerce dessa construção. Como é possível perceber nas o as palavras do Coronel Meira Matos, era através da escola que o Estado buscava despertar na juventude brasileira o comprometimento com desenvolvimento econômico, material e moral do país. A estratégia para lançar a juventude estudantil nessa obra se dava através de uma formação para o trabalho, com uma proposta educacional tecnicista e utilitarista.

Portanto, a disciplina de Educação Física se apresentou como um dispositivo de poder importante para o Governo Militar, através da educação física, subjetiva e da sensível que ela possibilitava. A partir desta disciplina, o governo construiu para as escolas um projeto educacional, político e econômico. Se a Educação Física educava o corpo e a mente, os estudantes receberiam nas escolas uma educação capaz de desenvolver suas habilidades físicas para o trabalho e produzir subjetividades sobre o seu dever com o “bem” da Nação, educando as mentes para aceitar e apoiar o projeto político dos Militares e defende-los daqueles que se rebelassem contra o governo.

Estes desejos estão expressados nos discursos dos representantes da Ditadura e no material didático oficial do governo para a Educação Física, como apresento na citação a seguir.

Não importa que o Brasil tenha sido descoberto há mais de quatro séculos. O que importa agora é que os brasileiros vos descubram também. Temos que conquistá-lo com o nosso esforço e com nosso patriotismo, enfrentando os novos invasores travestidos de missionário das ideais novas, mas na verdade missionários da ideologia perniciososa que pretendem inocular no espírito desavisado da nossa juventude para

então presidente Artur Costa e Silva, uma comissão especial do Ministério de Educação e Cultura - MEC, para atender as reivindicações dos estudantes universitários, que protestavam contra as péssimas condições de ensino e a insuficiência de vagas em escolas superiores oficiais, com as seguintes finalidades de: “a) emitir parecer sobre as reivindicações, teses e sugestões referentes às atividades estudantis; b) planejar e propor medidas que possibilitem melhor aplicação das diretrizes governamentais no setor estudantil; c) supervisionar e coordenar a execução dessas diretrizes mediante delegação do ministro de Estado.” Após várias reuniões da comissão especial, que era presidida pelo Coronel Carlos Meira Matos, foi elaborado um relatório, que ficou conhecido como Relatório Meira Matos que apontava os principais problemas relacionados ao ensino, apresentando medidas para solucionar esses problemas. Cf.: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/relatorio-meira-matos>. Acesso: 28 de abril de 2017.

fragmentar a unidade nacional e corroê-la de dentro para fora. (FERREIRA 1979, p. 11)

Estas são as palavras do Coronel Ferreira, que também foi diretor da Divisão de Educação Física do Ministério da Cultura, e publicou esse texto no editorial da revista *Boletim Técnico Informativo* de 1979, endereçando sua mensagem para os formandos da Turma de Educação Física e professores. A Educação Física seria como uma nova religião que salvaria os jovens brasileiros da “ignorância ideológica”, que lhes levaria a lutar pelo progresso da nação. A formação de um exército disposto a defender o regime desses “missionários da ideologia perniciosa” e do “regresso”, começava a ser preparado nas escolas, através da Educação Física.

Assim como o soldado é fabricado na escola, o trabalhador também é. Esta figura não é fabricada a partir das relações de trabalho, mas pelas práticas educativas que preparam o corpo, desde a infância, para ser produtivo, além dos discursos de dignificação do homem pelo trabalho que produzem subjetividades sobre o valor do trabalho para além do retorno material. Através da disciplina, os corpos são esquadrihados e modelados para fazê-lo render mais. Porém, não basta apenas educar os corpos, é preciso inculcar nas mentes os discursos que transferem para os cidadãos os deveres e as responsabilidades do progresso da nação.

Como citei anteriormente, em 1968 foi manchete do Diário da Borborema uma entrevista do Coronel Meira Matos – presidente da comissão responsável por tratar das questões referentes às reivindicações do movimento estudantil – sobre as ações da comissão e em que ele convida os estudantes a “construir” a nação juntamente com o governo:

[...] “A problemática estudantil não está confinada na figura do estudante. É o estudante um componente – o mais importante- da estrutura do ensino. Para que o autêntico estudante – jovem, impetuoso, idealista e patriota- tenha nas reivindicações entendida, é mister que toda a máquina do ensino funcione bem no sentido de eficiência e a dinâmica do futuro”. Disse que a missão é: projetar o estudante, e para isto o ensino nos rumos do Brasil de amanhã: “Nossa imensa missão é lançar a juventude estudantil na obra de construção de uma grande nação do futuro”. (MATOS, 1968).

Em sua fala, o Coronel Meira Matos metaforiza o futuro do Brasil como uma grande obra a ser construída por operários patrióticos, idealistas, e impetuosos, sendo esses operários, os estudantes, futuros trabalhadores das indústrias. Neste período, os confrontos entre a polícia e os estudantes foram matérias constantes dos noticiários, as prisões de líderes estudantis sensibilizavam os demais estudantes a voltar às atenções para os acontecimentos políticos, a

repressão e as denúncias do movimento contra a ditadura, embora nem todos os estudantes se interessassem pelos assuntos políticos. Todavia, mesmo com o AI-5, representação maior da violência e repressão do governo militar e a Educação Física como um projeto de “alienação” dos estudantes, vejo que estas medidas não foram suficientes para conter as oposições ao governo, que em 1978 ainda preocupavam os militares.

Os protestos e mobilizações contra o governo se alastrou através dos anos e se espalhou pelo Brasil, chegando até Campina Grande. Os estudantes campinenses paralisaram as aulas e aderiam às greves, mostrando que as repressões às lideranças estudantis atraíam as atenções desses jovens para a política, medindo força com as estratégias do governo em torna-los desinteressados. Para os professores de Educação Física cabia a difícil missão de transformar os jovens em despolitizados e estimular neles o interesse pelo trabalho como uma missão civil.

Para o diretor do DEF/MEC, Coronel Ferreira, os profissionais da Educação Física tinham o compromisso de mostrar para os brasileiros o caminho para descobrir o novo Brasil, um país desenvolvido economicamente e conformados politicamente. “Bem sei que sereis missionários, bandeirantes e catequistas dessa importante prática educativa, componente fundamental da Educação Hodierna”, escreve Ferreira (1979), em seu artigo. Os professores, que também eram trabalhadores, deveriam inspirar na juventude, através da Educação Física, o patriotismo e a aceitação do Regime Militar, e a esperança no trabalho, através dessa disciplina.

Germano (2000, p. 176) explica que para o projeto político capitalista do governo militar a educação só teria sentido se habilitasse ou qualificasse os estudantes para o mercado de trabalho. Segundo ele, o 2º grau teria um caráter terminal o que possibilitava “os estudantes saírem do sistema escolar mais cedo e ingressar no mercado de trabalho. Com isso, diminuiria a demanda para o ensino superior”, desta forma, a Educação Física deveria preparar o corpo para o trabalho, enquanto os outros saberes despertavam no espírito da juventude o interesse e compromisso pelo trabalho.

Entretanto, vale salientar que em Campina Grande, os interesses das elites locais eram em desenvolver e fortalecer o polo tecnológico e intelectual na cidade, que desde a década de 1950, com a fundação da Escola Politécnica e da Fundação para o desenvolvimento da Ciência e Técnica - FUNDACT³⁹ passou a promover o ensino superior.

³⁹ A FUNDACT foi fundada no ano de 1957, pelo então prefeito Elpídio de Almeida.

Faço uma digressão no tempo para explicar que durante o ano de 1966, instalou-se na cidade a Fundação Universidade Regional do Nordeste – FURNE⁴⁰, abrindo novos cursos e buscando atrair os estudantes oriundos das escolas privadas e do CECG, para a formação em nível superior. Isto não implica dizer que o currículo do CECG privilegiava a preparação dos seus alunos para o ensino superior. Porém, boa parte dos estudantes dessa escola eram filhos da elite local, herdeiros dos lugares privilegiados nas relações de trabalho e sociais, com o corpo discente socialmente e economicamente misto, a cultura escolar do CECG se constituía dentro de um contexto complexo entre as políticas educacionais da época, os interesses da elite local e a diversidade social e econômica dos seus estudantes.

Silva (2014) afirma em sua tese que o CECG oferecia aos estudantes campinenses uma educação distinta, sendo ele um colégio público, os estudantes das classes mais baixas tinham uma formação científica e clássica. Os jovens que outrora suspendiam os seus estudos pela falta de dinheiro para pagar uma escola particular, após a fundação do CECG teriam aulas de Latim, Inglês e Frances e Canto orfeônico dentre outros saberes. Portanto, ao logo da década de 1970, após a reforma de 1º e 2º graus, que mudou o currículo e excluiu algumas disciplinas para tornar o ensino mais técnico, o CECG continuou a oferecer uma formação diferenciada, no sentido de que o colégio buscou dialogar entre a formação técnica e a formação para o nível superior, se dividindo entre a profissionalização dos seus alunos para o mercado de trabalho, como assim sugeria a reforma educacional nacional, e o encaminhamento dos mesmos para os cursos de ensino superior da cidade, como assim desejava a elite local.

O CECG também oferecia cursos profissionalizantes à parte do currículo oficial da escola, oferecendo a capacitação para Enfermagem, Contabilidade, Administração e Comercial, cursos que atendiam as demandas profissionais da cidade. Campina Grande é historicamente conhecida como um entreposto comercial, sendo o comércio uma das principais atividades econômicas da cidade, assim como o desenvolvimento da indústria demandava profissionais da área da contabilidade e administração, que teve o seu primeiro curso superior após a instalação da FURNE. No âmbito da saúde pública, o governo investia nos programas de prevenção e combate a doenças contagiosas. Nas páginas do Diário da Borborema, contém manchetes sobre os programas de saúde pública, cuidados com a saúde bucal, semana da vacinação infantil,

⁴⁰ A FURNE passou a funcionar no ano de 1967 com os cursos de Administração Pública e de Empresa, Ciências Sociais, Letras, Direito, Didática, Engenharia Química e Química Industrial. (FERNANDES, 2011, p. 118).

combate à fome e à sanitização dos bairros mais periféricos. Nesse contexto, os cursos técnicos de enfermagem formavam profissionais capacitados para atuar nesses programas e atender a essa demanda.

Tendo em vista a formação que o CECG desejava oferecer aos jovens campinenses, busquei ao logo desse texto, analisar como o colégio supracitado educava os corpos dos seus estudantes para serem cidadãos “trabalhadores e civilizados”. Campina Grande dependia do trabalho, da formação de um polo tecnológico e intelectual para progredir, assim como da construção de sujeitos disciplinados e saudáveis para se tornar civilizada.

Entendo esta categoria “civilizado/civilização e civilidade” na esteira do Elias (1994), em que uma sociedade civilizada é caracterizada pelo seu desenvolvimento material e cultural, buscando se afastar dos traços “primitivos”, considerados “selvagens” e “atrasados”. No aspecto cultural, determinados comportamentos são socialmente aceitos como sinônimo de educação, progresso ou até mesmo para demarcar um lugar social, enquanto outros comportamentos são socialmente reprovados, tidos como “bárbaros”, rudes, arcaicos e provincianos.

O papel da Educação Física junto ao projeto modernizante da “Rainha da Borborema” seria não só introduzir a cidade nesse movimento de nível nacional, mas educar os corpos, torna-los produtivos, campeões, hígidos e ordeiros, são fisicamente e moralmente. Segundo o discurso científico, a Educação Física é uma ciência completa que educa o corpo e a mente, portanto, através das suas práticas educativas, seria possível produzir corpos são para desenvolver Campina Grande, torna-la metrópole e apagar cada vez mais, seus traços e costumes rurais. Na obra do “Brasil do futuro”, os estudantes campinenses também estavam integrados. No próximo tópico, faço uma discussão sobre as aulas de Educação Física no CECG a partir dos relatos dos entrevistados.

1.2. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CECG

Norbert Elias (1994, p. 69), ao analisar o Tratado de Erasmo de Rotterdam⁴¹, sobre o conceito de civilização, apresenta algumas análises que nos orientam na reflexão sobre o papel da Educação Física na sociedade moderna, o autor afirma que:

A postura, os gestos, o vestuário, as expressões faciais- este comportamento “externo” de que cuida o tratado é a manifestação do homem interior, inteiro. Erasmo sabe disso e vez por outra, o declara explicitamente, “embora este decoro corporal externo proceda de uma mente bem constituída, não obstante, descobrimos as vezes que por falta de instrução, essa graça falta aos homens excelentes e cultos”.

Segundo esse pensamento, o corpo manifesta o que somos por dentro. Podemos educar a nossa sensibilidade com boa música, boas leituras, conhecermos as leis da matemática e as normas gramáticas, porém, se não educarmos os gestos e os comportamentos, estaremos revelando a nossa incivilidade, a nossa “selvageria”. O lugar da Educação Física, enquanto disciplina escolar estava em educar os corpos em seus gestos, sua postura, a forma de se apresentar socialmente, a normatização da sexualidade e a produtividade. A formação completa do indivíduo consistia na educação da mente e do corpo, para não faltar graça aos “homens excelentes e cultos”.

Gueiros (1974, p. 77), especialista em Educação Física da década de 1970, defende a importância da Educação Física nas escolas para prevenir “defeitos físicos” que possam interferir na personalidade e na autoestima dos alunos. Segundo ela, não há, por parte dos educadores, uma observação quanto à postura dos discentes e, portanto, aqueles que apresentavam desvios na coluna, que tinham escápulas aladas⁴² e membros inferiores deformados eram “agrupados como normais”. Para a autora, os alunos que apresentavam problemas da postura, não eram normais e, portanto, não deveriam ser tratados como tais. Seria necessário fazer a distinção desses corpos como anormais, para que fosse investido sobre eles, o conhecimento da Educação Física.

⁴¹ Erasmo de Rotterdam foi um filósofo humanista holandês do século XVI. Autor do tratado Da civilidade em criança, obra em que foi retirado o presente fragmento, citado por Norbert Elias (1994).

⁴² Étienne-Jules Marey (1830-1904), foi um médico e fisiologista francês, empregou o uso de aparelhos que servem para o registro gráfico de fenômenos fisiológicos e da cronofotografia. Responsável pela Lei de Marey, Lei da variação periódica da excitabilidade cardíaca e Lei da uniformidade do trabalho do coração e realizou estudos científicos sobre o movimento humano.

Portanto, para consolidar os seus saberes e suas pedagogias, a Educação Física andou de mãos dadas com a medicina, professando os mesmos discursos sobre os cuidados com saúde do corpo e a regeneração da raça, amizade antiga que data desde o século XIX. No CECG, desde a sua fundação segundo os relatos, os alunos apresentavam atestados médicos comprovando que estes não possuíam nenhuma doença infectocontagiosa que pudessem ameaçar a saúde de outros estudantes e, portanto, estavam aptos para a matrícula, como apresento na imagem a seguir:

CARTÓRIO DO 2º. OFÍCIO (NREU)
 MARTHA GUIMARAES DOS SANTOS
 Tabelaria
 Praça da Bandeira, 105-Campina Grande-PB
 Escreventes:
 José Alves Costa e Djall Aires Guimarães

ATESTADO MÉDICO

Atesto para os devidos fins que [REDACTED]
 não sofre de doenças infecto-contagiosas, possui capacidade física e mental
 normais e foi vacinado contra varíola.

Campina Grande, 13 de 12 de 1971

[Assinatura]
 Médico Atestante

Reconheço o (s) firma (s) e letra (s) de
[Assinatura]
 dou fé. Em ~~testo~~ () da verdade.
 Campina Grande 13 - 12 - 1971
[Assinatura]
 Escrivá



Figura 4: Atestado médico/1971. [grifo meu]⁴³

Fonte: Arquivo pessoal de Theagenes

⁴³ Alterei a imagem do documento para preservar a identidade do estudante que é, também, entrevistado, de acordo com a Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que garante o direito de preservação da identidade dos voluntários a pesquisa acadêmica.

A imagem que apresento corresponde ao atestado médico de Theagenes, registrado em cartório para poder se matricular no CECG, revelando a atuação do higienismo e da medicina na escola durante a década de 1970, mesmo o colégio não ofertando a disciplina de higiene como eram ofertadas no início do século XX, como demonstra Soares Junior (2011), em sua tese sobre a chegada da disciplina de Educação Física e Higiene nas escolas paraibanas. Em Campina Grande a disciplina de Educação Física e Higiene chegou através do Instituto Pedagógico (atual Colégio Alfredo Dantas), segundo SANTOS (2017):

O ensino de Higiene e Educação Física, desenvolvido no *Instituto Pedagógico*, durante os anos de 1931 e 1942, tinha como principal objetivo idealizar um modelo de homem e de mulher para fortalecer uma ordem social civilizatória, de acordo com o discurso eugenista, médico-higienista e militarista em voga à época. O ensino dessas matérias tinha como função regenerar, disciplinar, fortalecer e produzir corpos esbeltos e hígidos, *physicamente* vigorosos, aptos para o trabalho na grande indústria e para o serviço militar, atendendo os objetivos de uma sociedade em constante ritmo de progresso. (SANTOS, 2017, p. 51).

O autor nos conta que o Instituto foi um dos porta-vozes dos discursos modernizantes na cidade. Através da Educação Física e da Higiene, a escola buscou forjar corpos saudáveis e limpos, educados para viver nesta cidade que buscava se civilizar. O recorte temporal escolhido pelo autor contempla dois momentos importantes para a Educação Física e para a educação escolar, no Brasil⁴⁴. Em 1931 o primeiro Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, declara a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas de ensino secundário, após Decreto Nº 19.890, que ficou conhecido como Reforma Campos⁴⁵, cujo objetivo era civilizar e regenerar o brasileiro através da educação.

A Reforma Campos privilegiou o ensino secundário para a obrigatoriedade do ensino de Educação Física, porque acreditava que os estudantes deste período estavam em uma fase de crescimento físico e mental propício (CATARINO FILHO, 1982, p. 122 *apud* CORREA,

⁴⁴ O autor não justifica o recorte da sua pesquisa pelas reformas educacionais que ocorreram no primeiro governo de Getúlio Vargas. Alexandre dos Santos justifica como marco inicial da sua pesquisa (1931), o primeiro ano em que a Revista *Evolução*, criada pelo próprio Instituto Pedagógico, passou a circular, propagando os discursos sobre Higiene e sobre a Educação Física, assim como também foi o ano em que essas disciplinas entraram no currículo do Instituto. Como marco final (1942), o autor justifica pelo último ano em que o Tenente Alfredo Dantas esteve à frente da administração do educandário, que após a sua saída, modificou a sua proposta pedagógica. (Cf.: SANTOS, 2017, p. 15.)

⁴⁵ A Reforma Campos foi decretada em 18 de abril de 1931. Para saber mais: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html>. Acesso em 28 de julho de 2017.

2008, p. 226). A Educação Física deveria educar o corpo e o espírito dos jovens estudantes brasileiros, se revelando como uma disciplina do corpo e da moral. O recorte da dissertação se encerra em 1942, ano em que a Reforma Capanema⁴⁶ instituiu a Educação Física militarista que já se desenhava durante esses onze anos no currículo escolar.

Explico ao leitor que a Educação Física Militarista foi uma tendência da Educação Física, caracterizada por seguir a metodologia de aula ensinada nas escolas militares. Entendo que esta tendência, que foi denominada como militarista pelos educadores da geração dos anos de 1980, da Pedagogia Crítico-social, como sendo um reflexo do contexto político e cultural daquele momento, cujo papel da disciplina seria, através de suas práticas educativas, disciplinar e militarizar os corpos para estarem dispostos a defender o Brasil, seja através das Forças Armadas, do trabalho e contra o atraso social.

Após o golpe militar de 1964, o governo militar, movido pelo seu interesse de desenvolver o seu projeto político capitalista transformando a escola em uma “fábrica” de trabalhadores, a educação escolar passou a oferecer um projeto educacional chamada de tecnicista, que se legitimou após a Reforma Nº 5.540/68 – A Reforma Universitária, sancionada em 28 de novembro de 1968 e a Lei Nº 5.692/71 - A Reforma de 1º e 2º graus, sancionada em 11 de agosto de 1971. Após a Reforma Universitária, se expandiu a oferta de vagas para o ensino superior nas universidades públicas, conseqüentemente, o número de profissionais formados em Educação Física começou a crescer no país, porém, não era o suficiente para atender a demanda da disciplina que estava muito valorizada, sendo necessária a formação de cursos profissionalizantes em curto prazo, para formar professores-técnicos no ensino de Educação Física nas escolas.

Oliveira (2011, p. 19) explica como a Educação Física passou a ocupar um lugar de destaque entre as disciplinas escolares. O autor diz que após a Reforma Universitária e a Reforma de 1º e 2º graus, a Educação Física se consolidou através dos programas e órgãos municipais e estaduais para a área; a autonomia da disciplina no interior da instituição escolar; o desenvolvimento do desporto como parte da disciplina de Educação Física, apoiado pelos órgãos públicos e privados; o amparo legislativo que legitimava as práticas e a própria disciplina, entre elas, a lei que incrementava a publicação e circulação de ideias sobre a

⁴⁶ A Reforma Capanema, também conhecida como a Lei Orgânica do Ensino Secundário, foi decretada em 9 de abril de 1942, pelo então Ministro da Educação e Saúde daquele ano, Gustavo Capanema.

Educação Física e a sua importância na educação escolar, que contribuíam para a legitimação dos seus saberes e na subjetivação dos seus discursos. Na Paraíba, a falta de profissionais especializados resultou em medidas paliativas para completar o quadro de professores nas escolas públicas, cursos preparatórios foram oferecidos pelo estado para formar instrutores em Educação Física. Orsippus nos conta um pouco sobre esses cursos.

Com a carência de professores, ele [João Agripino, governador do estado da Paraíba] juntou essa galera que já praticava [o esporte], aí fez um curso em João Pessoa, de... um curso tipo preparatório, certo? Foi um curso de dois meses, nós recebíamos bolsa do Estado para fazer, ficamos hospedados lá na universidade, toda militar, pronto... (ORSIPPUS, 2017). [grifo meu].

Orsippus conta que o Estado financiava os estudantes envolvidos com os desportos para fazer cursos preparatórios em Educação Física, ele também conta que além dos cursos preparatórios, havia cursos de “atualização”, promovida pelos alunos de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba-UFPB. A seguir, apresento uma imagem do primeiro curso de atualização de professores de Educação Física.



Figura 5: Curso de Atualização em Educação Física-1973.

Arquivo: amigos_estadual_prata/Facebook.

Na imagem apresentada, Orsippus comenta no grupo de ex-alunos e ex-alunas do CECG, que ela é referente a um curso de atualização de professores de Educação Física,

realizado no ano de 1973, no Clube dos Trabalhadores, curso do qual ele participou. Na imagem, ele reconhece seus colegas de escola, assim como os professores do CECG, Coronel Luiz Gonzaga, professor de Educação Física e de Raimundo Gadelha ex-diretor do colégio (1956, 1964-1965) e inspetor de ensino. A presença do Coronel Luiz Gonzaga, do jurista e inspetor de ensino, Raimundo Gadelha (também ex-diretor do CECG) e também do Major Flor, citado por Orsippus, nos indica que esses cursos estavam sob a vistoria e interesses do estado.

O curso de graduação em Educação Física da UFPB, foi fundado em 1976 em João Pessoa, a partir da regulamentação da Reforma Universitária, enquanto em Campina Grande, o primeiro curso universitário de Educação Física foi fundado em 1978 pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, desta forma, cogito que durante a década de 1970, o quadro de professores em Educação Física de Campina Grande era, em sua maioria, composto por monitores formados por esses cursos e militares. Até a fundação do primeiro curso de Educação Física, o estado da Paraíba necessitava se inserir na cultura física promovida e regulamentada pela legislação federal.

Portanto, o financiamento de bolsas pelo estado para a formação de professores, era uma medida emergencial para suprir a demanda que cresceu após a valorização da Educação Física desportiva nas instituições de ensino brasileira. Além de ocupar os cargos de professores em Educação Física nas escolas, os estudantes-atletas também exerciam outras funções das escolas. Ao contar como se deu a sua inserção na área de Educação Física, Orsippus relembra.

Em 1968, no governo de João Agripino, ele pegou, estava tendo muito problema dos alunos, brigando com inspetor de aluno, geralmente inspetor era aqueles senhores de quarenta anos, sessenta anos, oitenta, né... E a juventude tudo braba, foi o ano mais brabo da ditadura foi sessenta e oito. Ai o que João Agripino fez? Ele que era um homem de inteligência; “eu vou fazer o seguinte, eu vou pegar o próprio aluno para ser inspetor de aluno”. Como assim? Eu estudava de tarde, então eu ia ser inspetor ou à noite ou pela manhã, certo? Ai quem ele escolheu? Ficava a critério da direção, então a direção procurava aqueles que eram atletas. Os atletas que tinha. Que era o que ficava melhor, era como uma espécie de uma bolsa, tinha o salário de inspetor de aluno. Aí foi quando eu entrei no meio, que eu era atleta de ponta naquele tempo e outros de outros esportes, eu era de atletismo... (ORSÍPPUS, 2017).

Percebo na medida do governador João Agripino, uma estratégia para controlar a indisciplina advinda dos estudantes. Quando Orsippus afirma que em 1968 a juventude estava “braba”, entendo que esta indisciplina estava relacionada à “subversão”, devido as tensões políticas da época, já que Orsippus. Penso a monitoria como uma estratégia de colocar os alunos na vigília de seus próprios colegas de escola, para fazer o controle do regime agir através dos estudantes, sem a face autoritária dos seus agentes oficiais e dos funcionários do colégio. Muitos

estudantes do CECG participavam de movimentos estudantis, e até mesmo aqueles que não estavam engajados politicamente, participavam de greves e passeatas. Em 1968, o Diário da Borborema publicou uma nota anunciando a suspensão de aulas em alguns educandários da cidade devido a uma passeata, segue a nota a seguir:

ESTUDANTES CAMPINENSES ANUNCIAM PASSEATA PROTESTO

Retorno as aulas: depois do encerramento dos jogos ginásio-colegiais, alguns estabelecimentos de ensino secundário voltaram a funcionar normalmente, enquanto outros ainda tiveram suspensa as suas aulas por todo o dia de ontem. Com a realização da passeata protesto, prevista para as 16:00 horas, as aulas serão novamente paralisadas, uma vez que a grande maioria dos estudantes sairá às ruas. As passeatas eram em protesto as atitudes do governo, conscientizar o povo sobre as ocorrências que culminaram com a prisão de estudantes em São Paulo e a “atual situação nacional”. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 23 out 1968).

Tal evento, como as passeatas em prol dos estudantes presos em São Paulo, mobilizaram os discentes campinenses e interferiu na “lei do silêncio” imposto pela ditadura. Colocar os alunos sob a vigilância de outros, poderia ser um uma estratégia útil de desarticulação de movimentos contra o regime. A direção do colégio, que tinha vínculo com os militares, buscava reprimir atitudes consideradas subversivas, como apresento no documento a seguir:

Portaria nº 08/69 em 17. 06. 69.

O DIRETOR DO *COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE*, Centro, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas pelo Regimento e Decreto-Lei nº 477 de 26. 02. 69, etc.;

Considerando haver chegado ao seu conhecimento que nos turnos, noturnos e diurnos (manhã) das aulas deste estabelecimento, e nos dias 13 e 16 do corrente mês, respectivamente, foram “lançados”, distribuídos, boletins de caráter subversivo, com convite a realização e participação de comícios relâmpagos para a data de 17 (amanhã) e outros de “protesto” contra a visita de autoridades estrangeiras em nosso paiz (sic.); Considerando que a prática de tais atos consiste em infração disciplinar, com penas previstas no aludido Decreto-Lei 477;

RESOLVE:

Designar o professor da cadeira de Educação Física, deste estabelecimento LUIZ GONZAGA DE MELO, para apurar em processo sumário a ocorrência e responsabilidade de quem for encontrado em culpa, apreendendo o material, elementos outros de provas, ouvindo quem noticia poder prestar e fazendo o que necessário entender e se fizer necessário para o esclarecimento de verdade, podendo requisitar funcionários para desempenho do presente encargo e nos prazos da lei.

Gabinete do diretor do *Colégio Estadual de Campina Grande*, em 16 de junho de 1969.

Dr. Francisco, de Assis Martins

DIRETOR (Blog Colégio Dr. Elpídio de Almeida-Prata. História/Documentos históricos. Acesso 09 out 2017). [grifo meu].

O então diretor Dr. Francisco de Assis Martins, que assumiu o colégio entre os anos de 1968 a 1972, era jurista e responsável pela Vara Criminal da Comarca de Campina Grande,

enquanto o professor de Educação Física, Luiz Gonzaga de Melo, responsável em apurar o caso denunciado pelo documento, era general do exército. O documento apresentado, assim como o lugar social das duas autoridades escolar, revela o papel da escola diante da conjuntura política do país.

Por ser uma instituição do estado, os cargos importantes eram destinados aos aliados do regime e a ação de policiamento dos corpos, era praticado pelo próprio exército, na figura do professor Luiz Gonzaga. Ao aplicar o Decreto Lei nº 477 de 1969, que determina como infração disciplinar, “atos destinados a organização de movimentos subversivos, passeatas e desfiles ou comícios não autorizados, ou deles participe”, a escola se tornava máquina de repressão e punição do estado.

O fato do professor Luiz Gonzaga ser um oficial do exército, justifica a indicação do diretor para apurar o caso, o seu papel na escola, certamente, ia além das aulas de Educação Física. Contudo, reflito sobre o tipo de relação que esse professor estabelecia com os alunos. Na rede social *Amigos_estadual_prata/Facebook*, Orsippus publicou uma foto do professor Luiz Gonzaga de Melo, descrevendo-o como disciplinador, “alma boa” e “incentivador dos atletas”.

Mesmo o professor sendo rígido, a Educação Física proporcionava uma relação diferente entre docente e discentes. As aulas eram praticadas no campo, em um espaço aberto, diferente do enquadramento das salas de aula, da organização dos corpos ordenado pelas carteiras, da distância dos corpos dos alunos com o professor. Os uniformes de Educação Física eram mais leves e segundo o relato de Hércules e de Orsippus, os alunos podiam jogar descalço e até mesmo sem camisa. Os alunos mantinham um contato mais próximo e a autoridade do professor era exercida de outra forma.

O comentário de Orsippus sobre Luiz Gonzaga, demonstra uma relação de confiança recíproca entre educador físico e atleta. Portanto, penso que o professor de Educação Física tinha uma relação mais próxima com seus alunos e que para extrair informações sobre os alunos “subversivos”, a violência poderia ser substituída pela confiança. A mão repressora do Estado agiu incisivamente no CECG, como Aleixo (2013) estudou em sua dissertação, em que o medo ameaçava as professoras de História do CECG, por ele entrevistadas, que testemunharam o desaparecimento dos seus alunos e colegas de trabalho envolvidos em movimentos sociais. Em artigo escrito por mim, intitulado “A presença marcante” do Regime Militar na cultura escolar do *Colégio Estadual de Campina Grande (1964-1980)*, também falo sobre a invasão do Major

Câmara⁴⁷ no CECG para prender os alunos considerados suspeitos. Todavia, estes fatos não impedem de se pensar outras estratégias possíveis de atuação do professor general. Nos anos do AI-5, a tensão dos anos de chumbo se desdobrava no interior do colégio. O grêmio estudantil do CECG, tinham estudantes com vínculos ao movimento estudantil, isso contribuía na circulação de informações sobre as arbitrariedades dos militares e das articulações de protesto pelos movimentos sociais. Atlanta conta um pouco sobre o que se recorda dessa época.

Olhe nós tínhamos um Grêmio, o Grêmio. Não me lembro o nome, eu tinha doze anos, onze, doze anos, eu me lembro que tinha um Grêmio e o Grêmio do Estadual da Prata era bem... A gente sabia que era bem-conceituado, que os meninos que a gente via, que participavam muito, e eu me lembro de alguém dizer assim, que tinha um Márcio, eu não me lembro bem se era o nome dele. Márcio era da direção do Grêmio e ele sumiu e cadê Márcio? Onde está Márcio? Onde está fulano? De repente algumas pessoas saíram do dia-a-dia, mas a gente não entendia. Eu digo a gente, eu e as minhas colegas da mesma idade, a gente não entendia o que estava acontecendo, sabe? Era muito estranho, porque esses colegas saíram do nosso dia-a-dia e a gente não tomava muito conhecimento, né?! Só sentia o que de repente não estava mais no cotidiano. Mas a gente não tinha noção do que era a ditadura o que era, sabe? Essas coisas assim... (ATLANTA, 2016).

Atlanta conta que na época em que ela estudou no CECG, em 1968, não entendia a atual conjuntura política do país, segundo ela, só tomou conhecimento das ações do regime após a redemocratização, contudo, era possível sentir o espectro da ditadura presente, alterando o cotidiano dos estudantes, a partir do súbito desaparecimento de seus colegas. A falta de entendimento da situação política do país, atravessava boa parte da classe estudantil e se alastrava no decorrer dos anos, a censura e a repressão buscava apagar os sinais de insatisfação e desaprovação contra o regime. Kallipáteira que chegou a participar de um protesto, revela que a militância política não era do seu interesse.

A gente tinha colegas no Estadual [CECG] que tinha participação ativa no decorrer de todo o processo que isso caminhou, poderia ser um aluno que tivesse no ginásio, depois passar ciclo científico a universidade.... Tem muitos, tem Ana Rita, tem Simão Almeida, tem Cacilda, que foi minha chefe no serviço social e aí vai um dominó de pessoas que tiveram mesmo participação ativa, a minha não! Foi assim, fui para um movimento queimar uma bandeira americana, na frente de onde hoje é o curso de

⁴⁷ O Major Antônio Paulo de Arruda Câmara foi a representação da repressão do exército no Estado da Paraíba. A memória das arbitrariedades cometidas pelo major resiste a partir dos relatos daqueles que viveram na época do regime militar e conheceu a fama do major e principalmente, das suas vítimas. O Major Câmara, segundo Orsippus morreu em um acidente de carro, foi responsável pelo Centro de Investigação do Exército CIE. Na Comissão Estadual da Verdade-CEV, existem informações indiretas sobre o major, portanto, desconheço fatos e informações mais precisas sobre a época em que atuou no estado.

Administração, ali na Getúlio Vargas.... Eu fui e para mim foi assim, que eu tinha ido para uma guerra (risos). (KALLIPÁTEIRA, 2014).

Por serem muito novos, assim justificam os/as entrevistados/entrevistadas, outros assuntos despertavam o interesse de Atlanta, Kallipáteira e outros jovens. Atlanta nos conta que tinha uma banda de *rock*, composta só por meninas. O *rock* despertava na juventude da época, sedução pela sua rebeldia, assim como o cinema. Os *pop-stars* da música e do cinema americano inspiravam comportamentos e desejos. Ao falar do uniforme do CECG, Kallipáteira revela as travessuras que aprontavam com suas colegas, quando a disciplina do colégio “relaxava”.

Quando as alunas estavam fora das vistas dos diretores e inspetores, acontecia delas subirem as saias que algumas alunas faziam isso para ficar mais curtinho (risos). Até porque estava na moda, foi quando começou a evolução dela. A gente fazia assim, porque cada bloco daqueles, das salas, tinha um inspetor de aluno a minha era Dona Socorro, uma baixinha, loirinha do olho azul. Não tem aula, a gente fechava a porta, ficava assim, sempre olhando. Ai a gente dentro da sala, as meninas subiam a saia. Era assim, uma brincadeira... A gente dava um nó na saia e ficava andando em cima da carteira, só de meia para não arranhar. Mas não existia esse apelo, essa questão da sensualidade que você ver hoje não, era só para subir descer lá e pronto! Qualquer coisa a gente corria e se ajeitava. [...]. Às vezes tinha as matinês das turmas concludintes, lá no antigo CCT, a gente era ligada a UEPB, eles alugavam as salas de cinema e colocavam filmes de Elvis Presley, que era o sonho de consumo da gente.... Aí tinha uns bilhetinhos para a gente assistir ao filme, aí depois que saía a turma, subia mesmo a saia (risos). (KALLIPÁTEIRA, 2014). [grifo meu].

Para o colégio, o modelo de feminino e masculino que deveria ser inculcado pelos seus estudantes, oferecendo uma educação que pretendia formar pais e mães de família, dentro dos valores da moral burguesa, cristãos e patrióticos, o *rock* e o cinema apresentavam para os jovens outras formas de ser e fazer. Como afirma Louro (2011), o cinema é uma instância educativa potente, ela explica que “as formas pelas quais essas instâncias interpelam os sujeitos diferem, contudo, daquelas em ação nas escolas e, conseqüentemente, também seus efeitos podem ser distintos”. Diminuir o tamanho das saias do uniforme do colégio era uma burla à norma, que ao definir o modelo e o comprimento das vestimentas, desejava inculcar os discursos sobre corpo e sexualidade.

Delgado (2010, p. 16) explica que “o passado espelhado no presente reproduz, através da narrativa, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos”, desta forma, a entrevistada interpreta o passado à luz do presente, e a sua fala revela a subjetivação dos discursos e da educação que recebeu em sua juventude ao olhar e se comparar com a juventude do presente. Kallipáteira justifica que não havia a intenção de sensualizar ao subir o cós da saia

da farda. Entendo que da parte dela há uma crítica à forma como a juventude do presente se comporta, que para os padrões da segunda metade do século XX, época em que Kallipáteira foi educada, seria de uma erotização explícita. Contudo, subir o cós da saia para encurtá-la, era para a moral da época, uma erotização explícita do corpo feminino, e Kallipáteira e suas amigas tinham consciência disso ao subir a saia longe da vista da direção do colégio para não sofrer punições.

Interpreto a sua fala como uma romantização da adolescência do passado em que, em comparação com o presente, as atitudes da juventude são inocentadas de malícias e desejos sensualizados. O surgimento da minissaia causou grande alvoroço entre os fãs e críticos na época, devido a explicitação e sensualização do corpo feminino ao exibir as pernas até as coxas em uma sociedade que estava acostumada a ver corpo feminino revelado até os joelhos. Embora o século XXI tenha avançado em muitas discussões sobre o corpo e liberdade, o encurtamento das roupas ainda é um tabu, quando as violências sobre o corpo feminino ainda são justificadas pelo tamanho das roupas que o veste.

Para a juventude “rebelde”, no período da Ditadura Militar, ser subversivo poderia ser sedutor, não estou afirmando que os jovens envolvidos na militância política o faziam por “rebeldia sem causa”, mas também não descarto que muitos participavam dos protestos, passeatas e greve pela aventura de desafiar as normas. Sant’Anna (2014, p. 2166) fala que durante a Ditadura Militar, ser revolucionário, para além das ideologias políticas, se tornou moda. Segundo ela, “uma boa dose de radicalismo parecia fundamental para participar da vida moderna”. A autora apresenta Che Guevara como um ícone que inspirou os jovens, não apenas politicamente, mas esteticamente.

Embora a imagem de Che Guevara pudesse ser cultuada para além da militância, - o belo rosto de Che admirado por toda a sua geração-, a rebeldia não foi homogênea. De qualquer modo, o despojamento das aparências foi amplamente considerado um signo de inteligência e beleza. Ele se tornou uma referência importante a estética corporal daqueles anos. (SANT’ANA, 2014, p. 2185).

Se Che Guevara se tornou uma referência estética para a juventude no período da Ditadura Militar, afirmo que a política influenciou na cultura corporal do período, desde a obrigatoriedade curricular e o incentivo do Estado na prática de esportes nas escolas, à influência estética dos militares e dos líderes revolucionários. Theagenes conta que muitos jovens por serem “dinâmicos” participavam das passeatas por “ingenuidade” ou servindo de “massa de manobra”, ele relata que:

Eu entrei em [19]66 e o Regime Militar se estabeleceu em [19]64, então tinha, a gente sabia que determinadas atitudes poderiam ser consideradas como subversivas. Isso nós sabíamos que existia, e existia também o movimento estudantil, que promoviam alguns atos de protesto, passeatas, alguma coisa, mas normalmente era mais voltado para a questão da passagem de ônibus. Então haviam uma movimentação, o Grêmio Estudantil emitia uma carteira de estudante e haviam protestos, alguns protestos na rua, mesmo sabendo que isso era proibido. Mas os estudantes, como sempre acontece, os estudantes são muito dinâmicos e procuram se envolver, muitas vezes de forma até ingênua, servindo de massa de manobra e participam, né [...] Em geral, eram poucos os jovens que tinham consciência, inclusive do que significava o momento político em que estávamos vivendo, a maioria não sabia, a maioria não estava nem aí, para as questões políticas! Essa é a realidade. A gente tem que dizer isso, para não ficar criando mito... A maioria, era na linguagem que a gente costumava falar na época, alienados! A maioria não estava nem aí, não sabia o que estava acontecendo e nem estava interessado. O que estava mais interessado era em jogar bola, em ir dançar, né? Em ouvir música... tinha os conjuntos de música, de guitarra... então, estava muito mais voltado para a música, para a curtidão, digamos assim, usando a linguagem da época né? Mais para isso do que propriamente se envolver mais efetiva em ações políticas. (THEAGENES, 2017). [grifo meu].

Ao falar sobre os protestos do grêmio estudantil do CECG, Theagenes tenta “desmistificar” a atuação política contra a ditadura do movimento estudantil que o Grêmio também participava, falando que os protestos, em sua maioria, eram sobre as passagens de ônibus, como se este ato fosse despolitizado e banal e que boa parte dos jovens, participavam por alienação, sendo manipulados pelo movimento. É possível que parte dos jovens que participavam desses atos não tinham uma clareza sobre a conjuntura política do país naquele momento, contudo, neste relato, assim como em outras falas de Theagenes, é possível identificar o seu lugar de fala e seu posicionamento as questões políticas do presente, em que a dicotomia entre “esquerda” e “direita” e os discursos políticos-culturais conservadores estão na ordem do dia.

Em conjunturas diferentes da história os homens constroem análises e representações específicas sobre o acontecido e sobre o vivido. Pois, apesar dos acontecimentos e processos históricos serem imutáveis, os historiadores, os sujeitos e as testemunhas da história constroem análises naturalmente influenciadas pelo tempo no qual estão inseridos. Não se trata de relativismo, mas sim de manifestações cognitivas inseridas na realidade do tempo presente de cada uma dessas pessoas. (DELGADO, 2010, p. 10).

Ao trabalhar com as fontes orais, a memória não estabelece um recorte fechado, ela transita entre passado e presente. Entendo que a memória é construída no presente, a partir do momento em que acionamos as lembranças do passado. A partir da rememoração, os sujeitos produzem no presente, sentimentos e reflexões que constroem um entendimento dos fatos passados. As experiências e os conhecimentos adquiridos com o passar do tempo produzem

sensibilidades que reafirmam ou constroem novas identidades, novas concepções de mundo. Percebo essa ponte estabelecida pela memória entre o passado e o presente na fala de Kallipáteira, apresentada anteriormente, e de Theagenes. A reflexão de Theagenes sobre a juventude e a participação destes nos atos políticos do passado é atravessado pelas suas representações construídas no presente. A sua fala nos revela uma crítica aos movimentos sociais, que foram historicamente estigmatizados como “inimigos da nação”. Ao falar que a juventude estava preocupada em “jogar bola”, Theagenes também fala do papel político dos esportes na conjuntura política da época.

Como já citei anteriormente, a Educação Física chamada competitivista sofreu severas críticas pelo seu esvaziamento de criticidade. Através dos desportos, o estado tentou manter os jovens desinteressados dos assuntos políticos, para preocupar-se consigo, na higidez do seu corpo, na sua qualidade técnica e nas conquistas desportivas. As aulas de Educação Física no pós-64 se construía a partir da prática, sem teoria. Neste período a Educação Física é centrada no desporto, a competição se torna uma virtude do desporto, capaz de educar o sujeito através da autodisciplina, auto superação e da meritocracia.

É de praxe os educadores físicos da Pedagogia critico-social dos conteúdos afirmarem que a mesma estava a serviço das elites dirigentes e do capitalismo e uma porta-voz das ideologias da Ditadura. Devido à pouca teoria e muita técnica, os críticos afirmam que o desporto era uma forma de “alienação” das massas, conforme afirma GHIRALDELLI J. R. (1991, p. 20), a “Educação Física Competitivista faz parte, como as outras concepções que precederam a esta exposição [A Educação Física Higienista, Militarista e Pedagogista] daquilo que podemos chamar de arcabouço da ideologia dominante” [grifo meu].

Kallipáteira (2014) lembra que os recursos eram “parcos”, mas o colégio incentivava o desporto, inclusive, ela tentou ser atleta, mas não prosseguiu. Entre as muitas lembranças que Kallipáteira poderia ter contado sobre as aulas de Educação Física, a falta de recurso foi algo marcante para ser lembrado, isso significa que os alunos e alunas percebiam a falta de investimento do governo na educação. Comparando alguns relatos dos entrevistados e estudos desenvolvidos sobre a disciplina de Educação Física no período da Ditadura Militar, a realidade do desporto escolar não correspondia com o que era promovido na publicidade e nas revistas oficiais do governo. Para os alunos seguirem no desporto, os professores realizavam atividades para desenvolver as suas aptidões, testando a força e resistência dos futuros atletas. Theagenes conta um pouco das aulas de Educação Física que teve no CECG.

Tinha um professor de Educação Física, que eu me lembro, que ele nos colocou para correr. Fez um aquecimento e a gente saiu correndo do Estadual da Prata, desceu a [rua] Rodrigues Alves, passou aqui de frente da universidade [UFCG], contornou o Açude de Bodocongó, lá por trás do açude e veio onde hoje é a Escola de Medicina, contornou o açude, veio aqui pela linha do trem e voltou pela [rua] Arrojado Lisboa, em direção a Feira da Prata e chegamos de volta no colégio correndo! Então, veja! Era um percurso enorme. Quando chegamos lá cansados, né? Desse percurso, de descer e subir ladeiras, isso de tênis, calção e camiseta. Quando nós chegamos todos cansados, ele nos colocou no muro do colégio, “bota as pernas para cima! ”. Nós colocamos as pernas para cima e relaxamos, aí ele disse, “ainda querem jogar bola?” (Risos). Aí fomos jogar bola depois de tudo isso... (THEAGENES, 2017). [grifo meu].

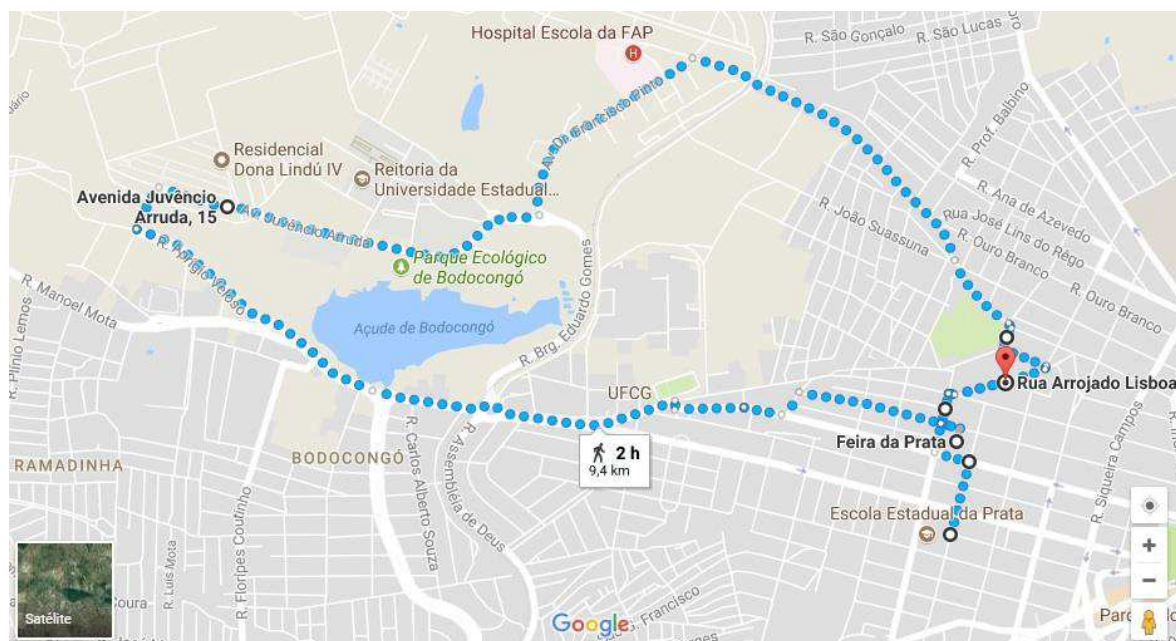


Figura 6: Percurso feito por Theagenes48

Fonte: Google Maps.

Foucault (2012) explica que a disciplina (corpo)⁴⁹ aumenta as forças do corpo em termos de utilidade e as diminui em termos de obediência. Os exercícios e o esporte buscavam docilizar os corpos dos estudantes-atletas no que se refere ao desenvolvimento das suas forças e na educação do físico. Isto não implica dizer que os corpos não se rebelavam, quando há disciplina, subtende-se que há indisciplina e, portanto, esta deve ser eliminada. O que

⁴⁸ A partir das ruas e locais citados por Theagenes, simulei um trajeto para nos ajudar a imaginar a distância supostamente percorrida pelos alunos do CECG.

⁴⁹ Alfredo Veiga Neto (2010), explica que existe dois eixos disciplinares na educação escolar, a *disciplina-corpo* e a *disciplina-conhecimento*. A *disciplina-corpo* está relacionado ao investimento sobre o corpo de forma prática, pelos uniformes, as punições, os exercícios físicos, entre outros. A *disciplina-conhecimento* é caracterizada pelo investimento sobre o corpo através do saber, seja o saber científico que forma o arcabouço das práticas disciplinares ou do componente curricular.

Theagenes revela é um processo de disciplinamento da Educação Física para aumentar as capacidades do corpo e transformar os estudantes em atletas preparados a resistir uma jornada intensa de exercícios físicos, ou até mesmo, de trabalho. Foucault (2012, p. 134) diz que a disciplina “dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita”. Ou seja, a disciplina transforma o corpo em potência; potência para correr, para competir, para vencer. Ao mesmo tempo, o controla, para que esta potência não rebele o corpo, não o faça pensar, questionar, criticar, reagir, resistir.

Theagenes, com riso orgulhoso no rosto, por ter corrido um longo percurso e depois ter tido disposição para jogar bola, sentia a potência que o seu corpo havia se transformado. A disciplina se impõe, mas o corpo resiste quando rejeita os seus procedimentos, Kallipáteira resistiu a disciplina do desporto ao desistir do atletismo. Não elimino as vontades do corpo e as ressignificações que os sujeitos fazem as coisas que lhe desperta prazer e alegria. O Estado se interessava pela Educação Física nas escolas pelo seu valor utilitarista, em produzir mentes sãs em corpos sãos para servi-lo, contudo, os estudantes –atletas viam nesta disciplina (curricular), uma forma de servir a si próprio. Para Theagenes, a Educação Física lhe despertava orgulho, faziam com que este se destacasse entre os demais, o mesmo ganhou em 1969 uma medalha de “Eficiência em Educação Física” por seu desempenho nas aulas, demonstro a seguir, a medalha que premiou Theagenes pelo seu desempenho.



Figura 7: Medalha de eficiência em Educação Física, frente e trás/1969.

Arquivo: Arquivo pessoal de Theagenes.

A medalha de “prata” apresenta uma gravura que retrata um homem fisicamente “são”, segurando uma moeda que traz uma mulher segurando um pergaminho com os dizeres “honra ao mérito”, sob os seus pés e o do homem forte, galhos de oliveira, uma árvore que representava para os gregos antigos paz e prosperidade, presente da deusa Atenas aos homens, segundo a mitologia. Theagenes recebeu esta medalha por ter merecido, segundo os professores que observavam o desempenho dos estudantes do CECG nas aulas de educação física. Desta forma, entendo que o desporto absorvia e reproduzia os discursos da meritocracia, em que o lugar da liderança, ou seja, o pódio era para aqueles que mereciam estar lá pelos seus méritos físicos e técnicos. Para Theagenes, ser atleta representava uma identidade bem-sucedida. Parafraseando SPINOZA (2009), quando somos afetados por alegria, aumentamos a potência do nosso corpo, portanto, a Educação Física foi objeto de alegria dos jovens desportistas, pois elevavam as suas forças e os tornavam campeões.

A teoria de que a disciplina de Educação Física buscava inculcar os valores do Estado na juventude estudantil é aceita pelo presente trabalho. Ao longo do texto, busquei mostrá-la como um dispositivo de poder e as suas estratégias para educar os corpos a partir de um ideal de corpo “são”, dos valores do civismo, da moral. Contudo, através das leituras de Oliveira

(2011), reflito sobre até que ponto tais discursos foram reproduzidos pela disciplina e se através das práticas de ensino⁵⁰ dos professores, foi possível transmitir à juventude estudantil, as ideologias do Estado e se os mesmos foram simples transmissores destes discursos oficiais.

Através da sua tese de doutorado, Oliveira (2011) demonstra que os professores de Educação Física do município curitibano, não ministravam suas aulas conforme os modelos indicados pela revista que era produzida e distribuída pelo Ministério de Educação e Cultura – MEC, se caracterizando como uma burla às formulas e metodologias do discurso oficial. No CECG, as aulas de Educação Física também não seguiram os moldes indicados pelos periódicos especializados no assunto, como foi possível perceber no relato de Orsippus.

Naquele tempo, o cara ia treinar basquete, aí o que era que o povo fazia? Fazia bola de meia, para treinar basquete. Aí diziam, “não, é que o professor é criativo para dar aula”, enquanto hoje a gente sabe que tem uma diferença. A bola de basquete era de couro e hoje é de plástico, se botar para um atleta de ponta uma bola de couro, é completamente diferente, tem que ser a mesma coisinha, específica. Ai a gente treinava com bola de meia para depois pegar na bola de couro, não tinha o mínimo sentido... (ORSÍPPUS, 2017).

A falta de recurso fez com que os professores burlassem o método oficial e improvisassem os aparelhos e acessórios para garantir o treinamento dos atletas. Isso pode se caracterizar como uma falha no disciplinamento dos corpos dos estudantes-atletas. Contudo considero as improvisações como uma ressignificação dos métodos oficiais, já que o próprio Estado não fornecia recursos suficientes para equipar o colégio com material necessário para os treinamentos desportivos. Desta forma, a falta de recurso fazia com que os professores produzissem uma cultura física não oficial, diferente daqueles que estavam presentes nas revistas e indicadas pelos médicos e especialistas da área, mas a partir do que era possível produzir, desejando alcançar os mesmos objetivos.

Neste capítulo, contei um pouco sobre a história do CECG e como eram as aulas de Educação Física, a partir do que foi lembrado pelos entrevistados e das imagens, de alguns dos dispositivos adotados pelo colégio para educar os corpos e mentes, assim como da falta de investimento do Governo Militar na Educação, que foi refletido na falta de estrutura e vagas no

⁵⁰ Entendo como práticas de ensino, as metodologias e estratégias adotada pelos professores para transmitir os conteúdos respectivos a sua disciplina.

CECG e que também atravessou o projeto do governo de educar a juventude através do desporto e da Educação Física.

Desta forma, reafirmo o título desde capítulo, o CECG educou os corpos e mentes dos seus alunos, e também mentiu quando seus professores e diretores representavam a ação repressiva do Governo Militar dentro do colégio, quando a escassez de recursos, por parte dos governos estadual e federal, marcou a sua história, da falta de vagas que impediu milhares de estudantes de fazer o ensino secundário, dos discursos positivos sobre a grandiosidade e importância do CECG que prometeu sanar os problemas da educação de segundo grau em Campina Grande, quando o colégio não foi grande o suficiente para resolver sozinho. Enquanto as elites políticas e intelectuais imprimiram no colégio os seus projetos de cidade moderna e civilizada, os estudantes provenientes das classes mais baixas disputaram por uma vaga no CECG, mediante a um difícil exame de admissão.

Essas também são histórias, das muitas histórias do CECG, que não ouvi quando fui aluna do colégio, que não ouço nas reportagens e homenagens, que não são lembradas pela memória oficial. Histórias do CECG que também são histórias da Educação na Ditadura Militar. No próximo capítulo, discuto sobre as práticas educativas do corpo, presentes na Educação Física e do desporto do CECG.

CAPÍTULO II:

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO DESPORTO NO COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE

2.1. AS DEMONSTRAÇÕES DE GINÁSTICA E A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO OLHAR

Neste capítulo analiso algumas das práticas educativas da disciplina de Educação Física e do desporto no CECG que refletiam o desejo do corpo são, pensando-as como estratégias que buscavam educar e disciplinar os corpos dentro dos valores da Educação Física, do desporto e do civismo, práticas que revelam como a cultura física produzida na época estudada se desenvolveu e como se fez presente no colégio.

No texto “A Exposição dos Comportamentos Exemplares”, de Heloisa Helena Pimenta Rocha (2003), a autora discute sobre o uso de fotografias na educação do olhar, através das imagens que apresentavam crianças encenando os “rituais de saúde” no ambiente escolar no início do século XX, publicadas em revistas e jornais da época.

Os discursos sobre as práticas de educação sanitária na escola eram propagadas e buscavam legitimar a atuação e intervenção dos médicos higienistas nesse espaço. Essas imagens eram mensagens endereçadas aos pais dos alunos, professores e diretores de escolas, com o objetivo de inculcar nos leitores a necessidade da higienização e da disciplina, assim como alertá-los sobre os males que deveriam ser combatidos, como a desnutrição e a falta de higiene. Inspirada na metodologia utilizada por Rocha (2003), penso que a Educação Física e o desporto no CECG da teatralização do desporto para transmitir e inculcar os discursos sobre o corpo “são”, através do olhar.

No que se refere ao tema do presente trabalho, a educação pelo olhar se deu de várias formas, entre elas, pelas fotografias dos estudantes-atletas nas páginas do *Diário das Borborema* e pelas demonstrações de Educação Física e no desporto que foram assistidas pelos espectadores, os desfiles cívicos e as apresentações em espaços públicos e escolares, espetáculos desportivos em que os corpos encenavam rituais de saúde, beleza e disciplina.

É sobre uma dessas demonstrações que repouso minhas análises, mais especificamente, em uma demonstração de ginástica olímpica que aconteceu no CECG na década de 1970, que me permite pensar como os corpos poderiam ser educados pela Educação Física e do desporto através do olhar. As fotos utilizadas como fontes são registros desse evento que me permitiu conhecer um pouco do passado, através da sua narrativa e produzir histórias

sobre as práticas educativas da Educação Física e do desporto a partir dela. Apresento a imagem a seguir:

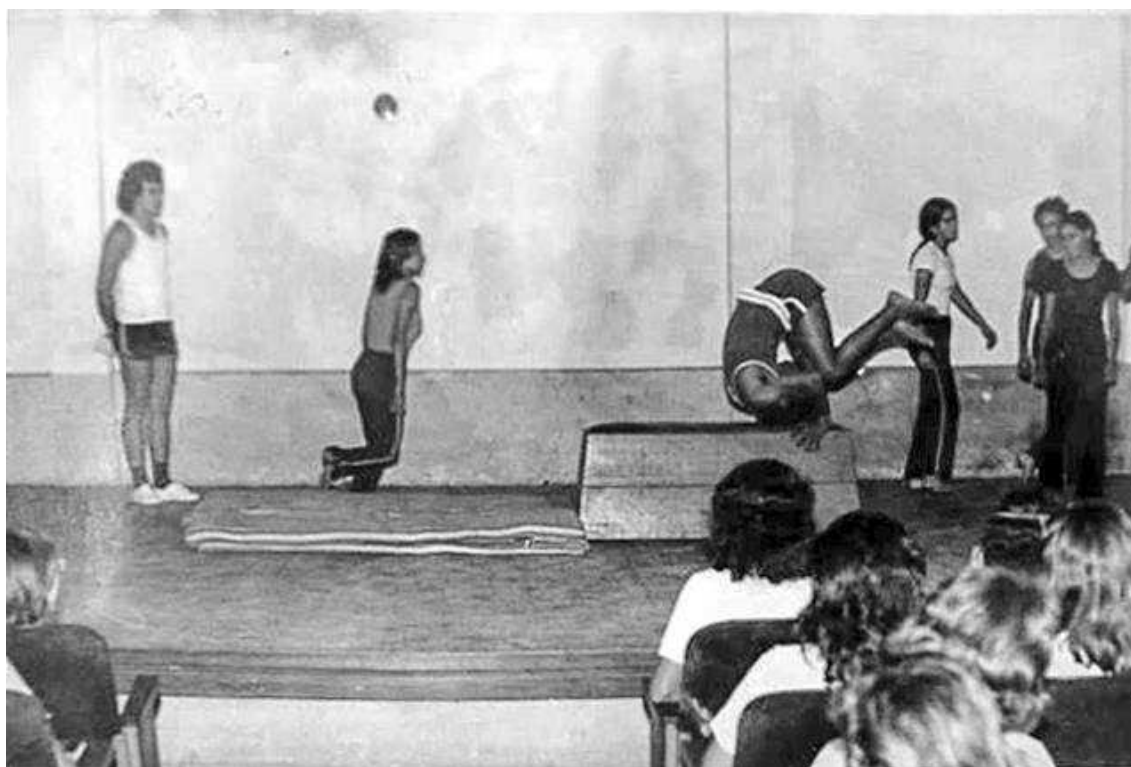


Figura 8: Demonstrações de ginástica olímpica: plinto/ década de 1970.

Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook.

A cena registrada se passou em uma sala no formato de auditório. Na foto, é possível ver uma apresentação de ginástica olímpica, protagonizada pelos alunos do colégio, que foi acompanhada por uma plateia. Nessas apresentações, os estudantes-atletas demonstravam suas habilidades físicas conquistadas através da prática física, além de expor para o público as formas dos seus corpos através das roupas curtas e justas, diferente do fardamento oficial do colégio, compridas e pesadas.

Há uma diferença entre as roupas usadas pelos estudantes-atletas, enquanto os rapazes usavam blusas regatas e shorts curtos, mostrando os braços, ombros e pernas, evidenciando os músculos, as moças vestiam camisetas e calças que revelavam as formas dos seus corpos sem expô-los. Entendo assim, que havia uma relação diferente entre as moças e rapazes com os seus corpos para esta apresentação, enquanto os homens pareciam desfrutar de maior liberdade, usando roupas que expunham o corpo, mais arejadas e confortáveis, as moças fazem suas

performances com calças compridas, que impediam a circulação do vento no corpo, aquecendo-o e tornando-o desconfortável⁵¹.

A 65Figura 8 foi produzida por um fotógrafo amador, sem técnicas elaboradas e poses montadas, são registros espontâneos, pessoais e sentimentais. Algumas das fotografias utilizadas neste trabalho são de acervos pessoais, imagens que não foram produzidas com a intenção de ser um documento, pois entendo que o objeto para se tornar um documento, passa pelo intermédio (escolha/seleção) do pesquisador. Parafraseando Michel de Certeau (1982, p. 81), em *História tudo começa com o gesto de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira, mudando o seu lugar e o estatuto*. Para os guardadores dessas imagens, elas são resquícios do passado, são lembranças, portanto, as fotografias de arquivos pessoais muitas vezes não são datadas, elas flutuam entre as décadas, tendo como marco os (res) sentimentos das pessoas que as possuem.

Frequentemente, nos encontramos, portanto diante de um imenso e rizomático arquivo de imagens heterogêneas difícil de dominar, de organizar e de entender, precisamente porque o seu labirinto é feito de intervalos e lacunas tanto como de coisas observáveis. Tentar fazer uma arqueologia sempre é arriscar-se a por uns junto a outros, traços de coisas sobreviventes, necessariamente heterogêneas e anacrônicas, posto que vem de lugares separados e de tempos desunidos por lacunas. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 211).

Assim são os arquivos pessoais, heterogêneos, difíceis de dominar, organizar e entender, são arquivos que não tiveram a intenção de serem arquivos, são fotografias guardadas em álbuns, caixas e gavetas, organizadas dentro da lógica de quem as têm. Assim também são as memórias, cheias de lacunas, anacrônicas, heterogêneas e difíceis de organizar. O colaborador não se recorda quando essas fotografias foram tiradas, apenas que foram feitas na década de 1970, pois corresponde aos anos em que ele estudou no CECG, desta forma, justifico aqui que datarei essas imagens pela década de 1970, devido a necessidade de localizá-la em um tempo.

Como explica Certeau (1982, p. 96), para fazer a história, é preciso organizar o discurso em uma cronologia, portanto, faço o esforço de não generalizar as fontes ou os acontecimentos como se em todos os anos fossem iguais, apesar do risco que ocorre quando a fonte representa um período específico, dentro de um recorte mais abrangente. A imagem a

⁵¹ Falo mais sobre os uniformes de Educação Física no próximo tópico.

seguir, faz parte deste acervo não datado, que pode não trazer clareza quando a época, mas através dela, é possível conhecer algumas das práticas educativas do corpo, presentes no CECG.



Figura 9: Agradecimentos/ Meados dos anos de 1970

Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook

Através da imagem, os alunos fazem uma reverência para o público que acompanhou a apresentação. Através das vestimentas de alguns membros da plateia, cogito que esta apresentação não era uma atividade comum ao currículo da escola, mas uma atividade extracurricular. Desta forma, questiono-me se a plateia foi composta apenas pelos alunos e professores da instituição ou por sujeitos que não compõem o corpo docente e discente da escola. Em entrevista com Orsippus (2013), ele conta que os eventos realizados no Estadual de Campina Grande eram abertos à comunidade, o que me leva a pensar que esta apresentação se tratou de uma atividade cultural da Escola. Suponho, então, que esta encenação foi assistida não apenas pelos alunos, mas pelos familiares dos alunos e outros convidados. Mas qual o propósito de se realizar uma atividade cultural com demonstrações de ginástica olímpica? Vale salientar que a ginástica olímpica se difere da ginástica trabalhada nas aulas de Educação Física, pois esta modalidade tem fins desportivos.

Essa encenação, dentro dos preceitos da educação do físico, para além de um momento de diversão, era um momento educativo. Através do olhar, os valores da disciplina e do corpo habilidoso e “harmonioso” deveriam ser recepcionados pelos alunos e para aqueles que estavam fora do espaço escolar, principalmente aos que faziam parte do mundo do trabalho. Portanto,

não ignoro a importância de eventos como esse para a reprodução e para inculcar os discursos sobre os corpos “sãos”.

Soares (2005, p. 25) observa que a ginástica científica do século XIX se apresentava como um espetáculo “controlado” dos usos do corpo, “um espetáculo protegido e trazido para dentro das instituições”, em oposição aos usos do corpo pelo circo, que transformava o corpo em um espetáculo popular apresentado nas feiras, nas ruas e nas festas populares, e invertendo a ordem das coisas (andando com as mãos, imitando bichos para arrancar o riso da plateia), os usos do corpo pela ginástica era um espetáculo institucionalizado para fins educativos.

A partir dessa reflexão, penso o desporto praticado em ginásios, estádios, transmitidos pelo rádio e televisão, como um espetáculo institucionalizado, diferente das “peladas” de rua, por exemplo, em que os jogadores ressignificam as regras do futebol para fins recreativos, (embora a educação do corpo permaneça se exercendo). Soares (2015) fala do século XIX e de outro contexto, todavia há permanências do pensamento científico deste período em determinadas discursos e práticas da Educação Física entre os anos de 1960 e 1970, como: a Educação Física como a ciência do corpo que produz corpos são; o desporto como espetáculo educativo, disciplinador e moralizante; o diálogo da ciência com a ginástica, assim como as outras atividades, para desenvolver as habilidades dos atletas e reafirmar o seu lugar na sociedade; a apropriação do slogan “mente sã em corpo são” pela Educação Física no século XIX, que atravessou o século XX e ainda repercute nos dias atuais; a espetacularização do corpo pelo desporto.

As imagens da apresentação de ginástica olímpica do CECG permitem várias análises sobre a relação da escola com o corpo dos seus estudantes, assim como suas estratégias de ensinar e inculcar os valores da Educação Física. Na imagem a seguir, analiso as práticas educativas de gênero presentes nessa apresentação.



Figura 10: Demonstrações de ginástica olímpica I/ Meados dos anos de 1970.

Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook.

Como já falei anteriormente, este número representado nas fotos consistia em mostrar para o público as habilidades do corpo treinado pela ginástica. A cena em questão apresenta os homens demonstrando certo esforço ao equilibrar as moças que pareciam voar, fazendo a combinação da força para o masculino e a leveza para o feminino.

Para manter-se em tal posição, as mulheres também precisavam desenvolver a força, o equilíbrio do corpo é mantido pela força das pernas e, principalmente, pelo músculo contraído do abdômen. Porém, tal trabalho muscular não é percebido pelo público, devido às blusas e calças que escondem os esforços físicos feito pelas moças, ao contrário dos rapazes, com shorts curtos e blusas regatas, mostrando os seus corpos másculos, com força para suportar o peso, enquanto as moças sorriem. Segundo os especialistas da Educação Física, cabia aos homens representar a força, enquanto às mulheres cabia representar a leveza e a graça.

No Congresso Internacional de Educação física, realizado em 1913, na França, Demeny, ao mencionar no seu trabalho a ginástica feminina, sugeriu: “é preciso pedir à mulher os esforços, mas dar a estes esforços uma forma adaptada a sua natureza sensível; é preciso um pouco de arte que ponha em valor sua beleza. Sua energia não deve destruir sua graça natural, senão ela não achará atrativo nos exercícios”. (GUÉRIOS, 1974, p. 10).

Na citação acima, Demeny⁵², um cientista do início do século XX, defendia a prática de exercícios físicos para as mulheres, devido aos seus valores educativos e higienistas. Porém, segundo ele, a graça da mulher não devia se perder em prol do desenvolvimento da sua força, que deveria ser desenvolvida apenas para a maternidade: “se a mulher deve ser forte para a maternidade, ela deve possuir a graça para fascinar”. (DEMENY, 1913, p. 13 apud GUÉRIOS, 1974, p 10). Seis décadas depois, suas palavras pareciam fazer sentido para Guérios (1974) que o citava em seus livros, demonstrando uma continuidade nos discursos sobre a “natureza frágil” da mulher, mesmo com os estudos que comprovavam a capacidade da Educação Física em melhorar as habilidades do corpo, se fazendo assim, uma contradição. Guérios (1974), especialista em Educação Física feminina afirma que:

A força deve ser melhorada, mas até um certo grau, para que não destrua uma atitude bela nem os movimentos flexíveis, localizados e expressivos. Muito menos permitir que a feminilidade, no sentido verdadeiro da palavra, seja destruída ou esquecida, mas realçar uma das grandes aspirações femininas: beleza corporal. (Ibidem.).

A suposta fragilidade da mulher era resultado de uma prática discursiva que presava pela aparência delicada, meiga e doce da mulher, mãe e esposa, em contraponto da aparência masculina que deveria transmitir força, virilidade e poder. Mesmo com a mudança nas vestimentas femininas, no início do século XX, que tirava da moda os espartilhos e sapatos de salto alto, que fragilizavam o corpo da mulher, tornando-a “prisioneira do próprio corpo”, a atividade física não veio representar sua libertação por completo, outros dispositivos assumiram o “aprisionamento” do seu corpo, como o consumo compulsivo por produtos de beleza, a busca pela bela forma e a juventude “eterna”.

A atividade física pensada para a mulher deveria esculpir seu corpo com moderação. Seu principal propósito seria aperfeiçoar suas formas e manter o seu corpo saudável e sempre jovem. Sua força não poderia ser equiparada à força masculina. A mulher como o “sexo frágil” precisaria existir também por uma condição estética. Quanto ao homem, sua força deveria ser melhorada ao máximo, não só por uma questão estética, mas utilitarista. Seu corpo deveria ser

⁵² George Demeny foi um cientista do século XIX, considerado por ser o divulgador da ginástica para o mundo ocidental, junto com Étienne-Jules Marey e Fernand Lagrange, podem ser considerados os fundadores da análise dos movimentos e da medicina desportiva contemporânea.

produtivo, uma “máquina humana”, capaz de suportar jornadas intensas de trabalho ou de defender a nação contra os “inimigos externos” e “internos”.

As imagens apresentadas não apresentam padronização nas vestimentas e nas posturas, embora alguns alunos estejam usando a farda de educação física, que era composta apenas por uma camiseta verde com listras brancas na barra, a maioria dos estudantes-atletas que fizeram parte dessa demonstração se apresentam de forma despojada e descalços. Não há sincronia entre os exercícios, como as imagens demonstram, os corpos trabalhavam em ritmos desiguais, mostrando certa fragilidade no disciplinamento dos corpos dos estudantes-atletas.



Figura 11: Demonstrações de ginástica II/ Meados dos anos de 1970.

Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook.

Através das imagens apresentadas neste trabalho, assim como em outras fotografias que não fizeram parte desta pesquisa, percebo que o corpo discente do CECG foi composto em boa parte, por alunos negros, dois dos meus entrevistados são negros. Desta forma, a curiosidade em saber sobre como se davam as relações entre os alunos de cor e os alunos brancos no colégio me levou a perguntar a todos os entrevistados se eles chegaram a testemunhar ou sofrer alguma discriminação racial. Todos me responderam que não. O discurso

dos entrevistados, negros e brancos recai sobre o mesmo argumento de que “naquela época havia respeito”.

Foi recorrente a referência ao médico e político Damião Feliciano, como um exemplo de que o colégio “aceitava todo mundo”, não fazia distinção de cor ou classe social, “para se matricular, só precisava fazer a admissão”, respondeu Hermes (2015). Para os entrevistados brancos, Damião Feliciano é um exemplo de que um jovem negro e pobre poderia ser bem-sucedido graças a educação oferecida pelo CECG, enquanto para os dois entrevistados negros, eles eram o próprio exemplo de que o CECG assim como a época por eles vividos, não discriminavam ou desrespeitavam os “diferentes”. Portanto, se torna difícil ouvir críticas dos seus ex-alunos ao colégio, falar que no CECG haviam discriminações seria denunciar as falhas na educação por ele oferecida e conseqüentemente, uma má formação.

Também considero que no período da Ditadura Militar a discussão racial não era forte nas escolas, nos meios de comunicação e na sociedade, no geral, o que pode ter levado a naturalização de discursos racistas na época. No Brasil, o racismo se apresenta, até os dias atuais, de forma velada e durante o século XX, ele se manifestou através de brincadeiras, piadas, músicas e até mesmo em conteúdos educacionais, sem uma problematização destes discursos. Portanto, é possível que atos racistas não fossem percebidos pelos alunos como discriminatórios. Como exemplo desta naturalização do racismo, cito um artigo presente na RBEFD⁵³ de 1978 sobre a capoeira.

A vida vegetativa da capoeira

Não surgiu, não veio, não apareceu. Ela simplesmente brotou dos quilombos, gerada no casamento da violência da raça branca dominadora com a necessidade físico-espiritual de defender-se da raça negra escravizada, que, no estágio humano cultural, produziu o mulato, (maior visão e inteligência mais exercitado que o negro, com maior destreza que o branco). (SENNÁ, jul. / set. 1978. Ano 10, nº 38).

Como é possível ver nesta citação, o autor nega a capacidade e inteligência do negro em criar uma arte marcial elaborada e racionalizada, dizendo que esta arte “brotou dos quilombos” como se fosse uma planta selvagem, também coloca o mulato, representação maior do “homem brasileiro”, segundo o pensamento Freyriano, como um ser superior ao negro em termos intelectuais, superando o branco apenas em questão de habilidades. O artigo segue

⁵³ A partir deste ponto, irei me referir a Revista Brasileira de Educação Física e Desporto através das iniciais RBEFD, a fim de facilitar a leitura.

fazendo analogias a capoeira com animais selvagens, como a onça, macaco, raposa e aranha e continua dizendo que “fora das regras, no uso como defesa pessoal, é uma luta “suja”, onde as mais diversas “espertezas” e “safadezas” podem ser usadas”. (Ibidem, p. 80).

A capoeira é um dos símbolos da cultura afro-brasileira e no início da república foi criminalizada por ser considerada vadiagem e uma ameaça à ordem burguesa e branca brasileira. Esses estereótipos foram reproduzidos pela revista oficial do governo que servia de material didático para a formação de profissionais em Educação Física. Discursos como esse da RBEFD colaboravam na reprodução e naturalização de preconceitos e estereótipos sobre o negro na sociedade e na educação.

A partir desse tópico, entendi que essa demonstração de ginástica olímpica pretendeu educar a plateia para a prática de atividades físicas, de higiene corporal e civismo, assim como serviram de propagandas para a Educação Física, mostrando como o corpo disciplinado poderia economizar esforços e render mais, preparando-o para o trabalho e para o exército, educando também as sensibilidades dos campinenses, súditos da Rainha da Borborema, sedenta pelo progresso. Compreendo que eventos como esse, produziam discursos sobre o próprio Colégio, servindo de propaganda sobre o seu ensino.

Em uma época em que a prática desportiva e a Educação Física eram as receitas para construir uma nação moderna e civilizada, o CECG, sendo um colégio público, mostrava que não ficava atrás dos colégios particulares da cidade. Era necessário legitimar a sua fama e tradição, mostrando que acompanhava os recursos mais “modernos” em termos de educação, mesmo que na prática, esses recursos modernos sejam questionáveis. Assim, o colégio continuaria a atrair os filhos da elite campinense e ser o sonho dos jovens pobres, que se esforçavam para conquistar a oportunidade de estudar nesse colégio renomado.

No próximo tópico, analiso outra prática educativa presente na disciplina de Educação Física e do Desporto, o uniforme esportivo, demonstrando que a educação do corpo não se dava apenas pela exercitação do físico, mas, também, através das vestimentas, revelando que a educação do corpo dispõe de muitas técnicas, todavia, muitas dessas técnicas não eram adotadas com o mesmo rigor que exigia a disciplina.

2. 2. OS UNIFORMES ESPORTIVOS

O fardamento do CECG foi um item marcante na construção da memória da escola. Quando alunos recordam dos seus tempos de estudantes no Estadual, as lembranças sobre o

fardamento vêm acompanhadas de nostalgia e (res) sentimento. As meninas vestiam saia plissada de cor caqui com três listras verdes na barra, na altura dos joelhos, blusa branca, meias brancas de algodão e sapatos pretos, enquanto os meninos vestiam calça e camisa caqui, com meias e sapatos pretos. O fardamento seguia um padrão militar e era alvo constante dos olhares disciplinadores dos inspetores e diretores. Entendo o fardamento como uma norma que impunha aos alunos aos modelos de vestuários que deveriam ser obedecidos. Segundo Michel Foucault (2012, p. 176), a norma é um poder que “se estabelece como princípio de coerção no ensino, com a instauração de uma educação estandardizada”. O colégio pretendia padronizar os corpos dos alunos através do vestuário de forma imposta e aquele que burlasse a norma seria punido e serviria de exemplo para prevenir outros em casos de desobediência. Nada poderia fugir àquela norma.

Para o colégio não poderia haver exceções ou meio termo quando se tratava do uniforme regular. Se para as meninas as meias eram brancas de algodão, não eram permitidas meias brancas de seda. Se para os meninos as meias eram pretas, não se admitia outras cores. A rigidez no detalhe fazia a diferença. A educação tinha que ser incorruptível, ou este corpo seria corrupto e viciado. Segundo Michel Foucault (2012, pp. 134-135), a disciplina é a “anatomia política do detalhe”, que esquadrinha e esculpe cada parte do corpo como uma “arte de talhar pedras”. Semelhante ao trabalho do escultor, a disciplina talhava os corpos dos alunos através de um trabalho paciente e constante, que “trabalha até durante o sono”, um exercício lento, mas com potencialidades de ser eficaz nos seus resultados. Atlanta conta sobre o cuidado da direção do colégio com o uniforme:

Um dos diretores que a gente teve, que marcou muito, foi o Professor Raimundo Gadelha Fontes. Ele, assim, era um diretor exigente, rigoroso, um exagero! Numa organização, você precisava ver! Examinavam a farda da gente, a gente tinha que fazer fila, porque era muita gente, então para entrar nas salas tinha que fazer fila. Tinha um momento que cantava o hino nacional, era muito interessante eu achava bom! (ATLANTA, 2017).

Se para Atlanta as exigências do diretor chegavam a ser exageradas, isso demonstra que essas vigilâncias sobre o seu corpo lhe causavam certo incômodo. Contudo, esse ritual era realizado todos os dias, o que poderia acostumar os alunos àquela rotina, ao ponto de não se incomodarem mais e acharem bom ou natural, subjetivando as normas e vigiando a si próprios, não mais para serem punidos, como no princípio do seu disciplinamento, mas por julgarem correto. A figura do inspetor vem reforçar essa vigilância para evitar que os corpos

encontrassem espaços de fuga que provocariam rachaduras na escultura finalizada e produziram uma obra cheia de vícios, com uma educação fragilizada e que poderia levar o corpo a rebelar-se. Refletindo o sobre Atlanta relatou, parto das análises de Foucault (2012) sobre os exames, segundo ele:

O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina o exame é altamente ritualizado. (FOLCAULT, 2012, p. 177).

Nesta citação, Foucault (2012) se refere ao poder da norma, que ele identifica que a partir do século XVIII penetrou nas instituições disciplinares com o intuito de normalizar os sujeitos inseridos nelas, o exame se constituía em uma de suas técnicas de coerção e normalizadora. Desta forma, ao me apropriar das explicações deste autor sobre o exame e aplicar ao que relatou Atlanta, entendo que o exame dos corpos no CECG era realizado através do olhar, esse instrumento da disciplina que caça os desvios. As filas formadas no pátio, diariamente, era uma forma de organizar os corpos para que os olhos caçadores identificassem pequenas desobediências, a farda era avaliada se estava limpa e completa, os meninos levantavam a pena da calça para mostrar que suas meias estavam iguais ao exigido, se caso houvesse um aluno sem o fardamento completo, este recebia, imediatamente, sua punição, era proibido de assistir aula.

Na disposição das filas, os uniformes também contribuía na classificação dos alunos. As fardas das aulas regulares tinham detalhes que distinguiam os níveis e facilitavam a identificação dos corpos. Para os alunos que estavam no nível secundário (ciclo II) o fardamento acrescentava botões de estrelinhas prateadas nos ombros, simbolizando o ano que cursavam (uma estrela para o 1º ano científico, duas estrelas para o 2º ano científico e três estrelas para o 3º ano científico, o mesmo para as turmas do Clássico)⁵⁴.

Os alunos do ciclo II despertavam nos alunos do ginásial (ciclo I) o desejo de um dia chegar àquele nível, para possuírem suas estrelas também. Para a ex-aluna Kallipáteira, chegar às turmas do científico e clássico era como chegar ao “Olimpo”. O uniforme educava os corpos

⁵⁴ Em entrevistas com alunas que estudaram no C. E. C. G. durante a década de 1950, não houve menção sobre as estrelas no fardamento. É possível que esse ornamento tenha sido acrescentado durante a década de 1960

e produziam subjetividades sobre pertencimento e competição. As estrelas inspiravam os alunos a alcançarem uma meta, superarem as suas limitações, e conquistarem o objeto idealizado para, enfim, receber a medalha.

Trajados com o padrão do Colégio, os alunos carregavam sobre seus corpos o peso da tradição e da modernidade que o Colégio queria representar, tradição essa, construída nos seus primeiros anos, graças aos discursos produzidos na época, pela imprensa e pelos políticos, sobre a necessidade de um colégio secundarista público na cidade, e da qualidade de ensino que o colégio proporcionaria.

A importância do CECG em oferecer aos estudantes a oportunidade de fazer o secundário gratuitamente e se preparar para uma faculdade, pesava sobre os corpos dos menos favorecidos economicamente. Para os estudantes pobres, estudar naquele colégio era motivo de orgulho e, portanto, eles deveriam ser dignos de portar aquele uniforme. Atlanta conta como era para ela vestir aquele padrão:

Minha mãe dizia assim mesmo: “minha filha você precisa estudar para ser gente, porque se você estudar, aí você pode trabalhar em algo que melhora sua vida”, porque aquele tempo era assim, então a gente tinha essas metas. Eu era pobre né, quem era abastado eu não sei. [...] minha mãe era costureira e não era costureira da alta sociedade não, era de bairro e o meu pai era motorista. [...]. Nós éramos tão orgulhosos com aquela farda, com cuidado para não sair amassando.

De acordo com o discurso apresentado, entendo que para as famílias menos favorecidas o propósito principal de colocar seus filhos em uma escola estava em ter uma formação que abrissem outras oportunidades de trabalho – discurso que ainda repercute nos dias atuais. Pelas cobranças da mãe de Atlanta, para que a filha estudasse para trabalhar e ser “gente”, entendo que estudar no C.E.C.G para os mais pobres significava uma esperança de mudar suas condições sociais e econômicas, o trabalho seria seu objeto de desejo, o que representava uma cobrança maior sobre esses corpos.

Os conselhos da mãe de Atlanta revelam também o preconceito existente com o pobre, em que o trabalho não era apenas um meio de gerar renda e de sustento, mas também era dignificante, um pobre não era considerado “gente” se não ocupasse seu tempo trabalhando, produzindo, “gente” significaria alguém que ocupava cargos importantes na esfera profissional e também dignificado pelo trabalho. O colégio, mesmo sendo público, recebia um número considerável de estudantes que pertenciam às elites campinenses. A mistura dessas realidades

distintas e o prestígio construído pelo colégio pesavam sobre os corpos daqueles que representavam as classes mais baixas.

A produção desse sentimento de orgulho, com relação ao uniforme escolar, educava os corpos e as subjetividades dos alunos. Segundo Louro (2000, p. 12), a partir de suas memórias escolares, vestir o uniforme da escola para ela, era ser a escola. Uma identidade era construída a partir destes signos. A uniformização dos estudantes transitava pelos terrenos da higiene, da estética e da moral, e, estes valores buscavam disciplinar os corpos, cotidianamente, de forma sutil. Sobre isso, Kallipáteira fala sobre o comportamento que um aluno do CECG deveria manter:

A gente sempre primava por aquele comportamento, até porque a gente se orgulhava de estudar no maior e no melhor. Então, a gente sempre... Pelo menos da minha parte, sempre procurei, até porque em casa (risos)... Então, era uma coisa ligada a outra, mas a maioria das pessoas tinha um comportamento, até porque era norma, era padrão da época, não fugia muito do que era. (KALLIPÁTEIRA, 2014).

Através do relato de Kallipáteira, percebo o diálogo entre a educação familiar e escolar, que reproduziam o discurso do “bom comportamento” e produziam práticas e significados para educar os jovens dentro de um modelo preestabelecido como o correto. Este comportamento considerado “bom”, deveria se fixar nos corpos dos estudantes, para que na rua, longe das vistas dos pais e dos diretores da escola, este comportamento permanecesse. O papel do uniforme seria continuar o trabalho disciplinar, cobrindo os corpos com as normas sociais e lembrando-lhes dos seus deveres. Todavia, a própria Kallipáteira burlava essas normas, ao subir o cós da saia da farda, após sair das matinês.

Sendo a uniformização do corpo uma prática educativa das instituições, os colégios também necessitavam ter um uniforme especial para as aulas de Educação Física e essas indumentárias também merecem ser estudadas em suas práticas de educar e produzir novas sensibilidades sobre o corpo, e do vestir-se. Contudo, no CECG a uniformização nas aulas de Educação Física é controversa.

De acordo com Soares (2011, p. 29), os gestos e as roupas especiais para a prática de exercícios físicos e esportes oscilavam entre uma ideia de eficácia técnica, de moda, de pertencimento de classe, de códigos de gênero e de valorização de aparências, ou talvez de fabricação de novas aparências. Esses trajes trazem consigo representações e produzem subjetividades sobre o corpo, além de um saber por traz dos seus cortes, que atuam de forma disciplinadora sobre os corpos. Para Heinz Nattkamper (1975, p. 21), especialista em Educação

Física a necessidade do fardamento não era pelo prazer da uniformização, mas por questões práticas relativas ao disciplinamento do corpo.

No trabalho de grupo, a excessiva variedade dos trajes dificulta a supervisão: o olho não consegue visualizar a montagem em conjunto, sem a qual é impossível um bom trabalho em grupo. Além disso, a ginástica costuma ser considerada uma forma de disciplinamento da Educação Física. Se é assim, porque não havemos de disciplinar os homens também no que diz respeito aos trajes.

O autor, que escreveu vários livros endereçado aos professores de Educação Física, explica que a uniformização é importante para que os corpos sejam inspecionados. Na atividade física, o olhar do professor busca perceber as falhas do físico, além da obediência. Os uniformes para a Educação Física e a prática desportiva seguiam moldes que acompanhavam o desenho do corpo revelando suas formas, a função dessa vestimenta seria deixar o corpo exposto para que o professor observasse se o trabalho físico estava sendo feito corretamente, além de proporcionar conforto na execução dos movimentos e a higiene. O conforto da vestimenta era ponto importante dos uniformes para as atividades físicas, Soares (2011, p. 26) explica que:

A percepção de conforto está ligada à elevação do nível de vida de uma dada sociedade, em que é possível encontrar, como já afirmara Simmel (2008), um espaço para o que não é imediatamente necessário, as que ao mesmo tempo pode potencializar energias, revigorar forças, enfim, tornar as ações humanas mais eficazes.

Como se apresenta na citação, há uma diferença entre a disciplina que o uniforme colegial e o uniforme para a prática de exercícios físicos exercem. O uniforme colegial inscreve nos corpos dos estudantes códigos que são importantes para a instituição, como os valores morais e cívicos e disciplinam os corpos dentro e fora do colégio, enquanto os uniformes para atividade física buscam facilitar a exercitação do corpo, proporcionando conforto, que muitas vezes não é oferecido pelo uniforme colegial, além de revelar o corpo para ser inspecionado em sua qualidade física.

A uniformização é uma prática de produção de subjetividades. A partir do fardamento criava-se necessidades de padronizar, de identificar os corpos em exercício de distintas atividades, além de produzir sensibilidades sobre proteção, conforto e higiene ao vestir-se e a adequação dos trajes em suas respectivas atividades. Desta forma, os alunos inculcavam as distinções que a roupa e a forma de se vestir representam socialmente, pois falar sobre os uniformes é falar sobre as roupas e suas distinções, seus papéis na sociedade e as sensibilidades produzidas através dela, ou da falta dela. Ao contrário das roupas cotidianas com seus cortes e

modelos que prometem beleza, conforto e aceitação, o uniforme representa dever, “uniformiza maneiras de portar-se” (SOARES, 2011, p. 11). Nos espaços públicos e privados o corpo uniformizado está identificado e vigiado, ele carrega a história da instituição.

As roupas e os ornamentos afirmam traços humanos, revelam pertencimentos ou exclusões, assim como as diferenças entre uma natureza corporal e as marcas da cultura. Elas constroem, compõem, fabricam as aparências e contam trechos das histórias miúdas, cotidianas, banais [...] (SOARES, 2011. p. 1).

No caso dos uniformes, eles tentam reescrever outros traços e construir novas identidades. A uniformização dos corpos pretende homogeneizar, apagar os traços particulares dos sujeitos. Porém, os estudantes encontram brechas para inscrever em seus corpos, seus desejos, suas identidades, através de um cós dobrado, uma blusa amarrada ou desabotoada. Os corpos que burlavam o uso do uniforme saboreavam momentos singelos de liberdade.

No CECG também haviam uniformes para as aulas de Educação Física, mas como demonstro adiante, a relação do colégio com esse uniforme se dava de forma diferente ao uniforme colegial. Atlanta, que estudou no Colégio até os anos de 1968 a 1970, se recorda do seu uniforme branco, “uma saia curtinha com um short de fustão com preguinhas por baixo” (ATLANTA, 2017), enquanto Hermes, que foi aluno e monitor nos primeiros anos de 1970, apesar de não revelar muitos detalhes, contou que o uniforme dos meninos se compunha de “um short com uma camiseta e meião”. (HERMES, 2016). Noutras palavras, fez questão de dizer que “era tudo muito direitinho” e que a mesma disciplina com o fardamento regular se aplicava ao fardamento das aulas de Educação Física: “tudo era padronizado”. Todavia, Orsippus já conta outra versão, segundo ele, o fardamento não tinha o mesmo rigor da farda regular, era um calção e uma camiseta, “agora não tinha aquele rigor com a calça com meia, tudo padronizado não, era mais aberto, no jogo era até sem camisa, só de calção”. (ORSÍPPUS, 2013).

Os relatos sobre os uniformes para a Educação Física se desencontram, enquanto Atlanta e Hermes guardam lembranças de seus uniformes atendendo a certa padronização, Orsippus afirma que a cobrança com o uniforme das aulas de educação física era menor, revelando também as suas subjetivações sobre essas vestimentas. Para ele, a Educação Física lhe proporcionava mais liberdade, pois os alunos poderiam jogar futebol com o corpo semidesnudo, enquanto o fardamento regular impunha cores, texturas, tamanhos, formatos.

Levo em consideração que os interlocutores falam de épocas, lugares e modalidades diferentes, as turmas de educação física eram separadas por gênero, e, portanto, é possível que

a cobrança da uniformização dos meninos e das meninas fossem diferentes. Atlanta fazia aulas de ginástica, enquanto Hermes e Orsippus falam do futebol. Nas imagens apresentadas sobre a apresentação de ginástica, que se refere a década de 1970, foi possível perceber que os alunos não vestiam uma farda padronizada, mas roupas eram leves e justas ao corpo que não deveriam atrapalhar o seu desempenho.

Afirmo que o colégio não mantinha a mesma disciplina do fardamento de educação física como mantinha do fardamento regular, pois os relatos dos ex-alunos sobre o uniforme colegial se encontram e as histórias se repetem, diferentemente dos relatos sobre os uniformes de Educação Física. Contudo, havia um uniforme, composto por uma camiseta, sendo que o colégio era mais flexível na uniformização dos corpos para a Educação Física. Deste modo, havia também uma relação diferente do colégio com esta disciplina em comparação as demais. As normas para o fardamento regular pareciam não ser válidas para a Educação Física, dando a entender que os objetivos buscados pelo colégio não fosse a “educação integral” do homem, proposta por essa ciência (que segundo ela, educa corpo e mente), mas uma oficina de atletas para competição, uma perspectiva tecnicista do treinamento do corpo para o esporte e para a obtenção de resultados imediatos.

Também considero o fato de que o colégio era uma instituição pública, cujo fardamento de Educação Física era doado pelo governo, segundo os relatos dos entrevistados, desta forma, é possível que o Estado não disponibilizasse verba para completar o uniforme dos alunos, doando apenas a camisa, isso fazia com que a exigência do colégio com o uniforme de Educação Física fosse mais flexível. A camiseta farda, doada pelo colégio era o mesmo modelo para as meninas e meninos. Os relatos sobre os padrões para o desporto também são controversos. Orsippus conta que os padrões para as competições eram dados pela escola, enquanto Hermes, que foi treinador de futsal e futebol de campo do CECG, contou que conseguia doações dos comerciantes para os uniformes do seu time.

Se as roupas são capazes de revelar pertencimentos de classe, a forma como o CECG lidava com a uniformização dos estudantes nas aulas de Educação Física do CECG também são capazes de revelar as marcas sociais do alunado. A seguir, apresento a camiseta que era a farda de Educação Física do CECG.



Figura 12: Farda de Educação Física.

Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook

Esta blusa pertence a um ex-aluno do CECG que a guardou como um receptáculo de lembranças das suas vitórias e derrotas como estudante do colégio, ela é parte da cultura material do CECG, cheios de significados afetivos e de poder. Através das imagens que apresento neste trabalho e das fotografias que ficaram fora da seleção, que essa blusa foi farda do CECG a partir dos anos de 1970, período em que ela aparece com frequência. A cor verde era a cor que representava o colégio, presente nas fitas da saia do uniforme regular e do brasão da escola, a cor verde rendeu apelidos aos alunos do CECG de “papagaios do governo”. Tal apelido estava relacionado a cor do animal, mas também traziam as marcas das diferenças sociais entre aqueles que os apelidavam, lembrando aos alunos do CECG provenientes das classes mais baixas, que estes dependiam do ensino público para a sua formação.

Em seu estudo sobre o uso de roupas especiais para a prática esportiva no início do século XX, Soares (2011) fala sobre como as vestimentas educam o corpo, produzem sensibilidades e necessidades. A necessidade do uso de roupas especiais para atividades físicas e esportivas foi inventada pelos higienistas, que defendiam a exercitação do corpo como medida higiênica, e o uso de roupas adequadas fariam parte desse cuidado. No Brasil, os discursos sobre

a importância da exercitação do corpo por meios de atividades físicas tomaram força em meados dos anos de 1920, quando novas subjetividades sobre o corpo e beleza estavam sendo produzidas.

O aerodinamismo das máquinas automobilísticas que chegavam ao Brasil nas primeiras décadas do século XX produziam novas sensibilidades sobre o tempo, sobre as formas, e sobre a moda que apresentava roupas leves e cortes retos, com partes do corpo à mostra, prometendo liberdade ao corpo, livre dos excessos e do peso das vestimentas que marcaram a moda dos séculos anteriores e início do vigésimo século. As representações do belo também passaram a ser influenciados pelo ideal do aerodinamismo. Corpos atléticos com formas delgadas era o modelo do novo homem e da nova mulher, símbolos da modernidade que eram projetados não apenas na cultura material, mas também nos corpos humanos, “corpos longilíneos, capazes de mostrar agilidade e flexibilidade, especialmente no trabalho, pareciam fornecer um atestado de decência e elegância incontestável” (SANT’ANNA, 2001, p. 43).

Desde o fim da década de 1920, as roupas para a prática esportiva passaram a ter estilo próprio. Os periódicos especializados em Educação Física e moda apresentavam modelos que prometiam conforto e liberdade ao corpo e ao movimento (SOARES, 2011, p. 73). Um saber passou a atuar sobre o vestuário esportivo, racionalizando os seus cortes e tecidos. A qualidade das peças e seu aprimoramento tornou-se uma preocupação constante de uma indústria especializada, com o desenvolvimento da tecnologia. Este saber também se entrelaçou nas costuras das roupas esportivas, pensando o melhoramento e superação dos limites do corpo.

[...] uma comunicação ampliada horizontalmente, passando pelo natural e pelo sintético, demonstrando que o quanto a inteligência humana pode ser partilhada com o não-humano. No esporte, aliás, esta tendência é exemplar: tecidos inteligentes, colocados à prova nos jogos olímpicos de Atlanta, confeccionados com as fibras Coolmax e Lycra Power, da Du Pont de Nemours, ajudam o atleta a manter a uma temperatura corporal suportável, guardando sua pele seca, além de comprimir seus músculos em momentos de choque resultantes de um salto ou de uma corrida. (Ibidem, p. 53).

Na década de 1970, essas vestimentas inteligentes não estavam disponíveis aos atletas do CECG, alunos de colégio público, além das limitações tecnológicas do período que não permitiam tal aperfeiçoamento das roupas esportivas. Porém, o melhoramento desses trajes instiga a reflexão sobre como um saber projetou roupas especiais buscando o aperfeiçoamento do corpo, e como essas roupas, ao passo do tempo, foram se desenvolvendo, revelando o

importante papel que elas exerceram e exercem na educação do corpo. Na próxima imagem, apresento o registro de uma prova de atletismo em um evento desportivo estudantil.



Figura 13: Prova de arremesso/Meados dos anos de 1970

Fonte: amigos_estadual_prata/Facebook.

Percebo nesta imagem e em outras que apresento ao longo do texto, que essas competições eram acompanhadas por um público significativo, através das indumentárias dos corpos presentes, identifico que o público não é composto apenas por atletas e alunos do CECG. Essas pessoas presentes, estudantes ou não, estavam dispostos a recepcionar os discursos sobre o corpo atlético, “são”, e belo, através da observação do corpo exposto pelo vestuário esportivo dos atletas.

Entretanto, na imagem o personagem que mais me chamou atenção é o homem que se identifica como soldado devido a sua farda, ele observa a execução da atleta e anota as informações necessárias para a sua avaliação. A presença do soldado faz lembrar que nesta época o Brasil vivenciava uma Ditadura Militar e as instituições, principalmente as escolares, estavam sob o domínio e sujeição do exército e os conflitos entre estudantes e polícia se tornavam cada vez mais intensos.

Pinheiro (2009, p. 111) afirma que a educação não é uma prática exclusiva dos professores, mas que é constituído a partir de vários atores sociais. O soldado da imagem se apresenta como parte desse processo de educar os corpos [e também as mentes], fora dos bancos da escola. Seu corpo, através do uniforme, emite discursos sobre autoridade, ordem e repressão

que é recepcionado pelos presentes, seja educando-os através do medo ou despertando revoltas. A próxima imagem que apresento, indica que se trata do mesmo evento da Figura 13.



Figura 14: Prova de atletismo feminino - Década de 1970.

Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook

A presente imagem mostra uma estudante-atleta do CECG participando de uma competição de atletismo, atrás dela percebo a existência de dois homens que também estão fardados com o uniforme do exército. Essas fotografias fazem parte de uma série de imagens que traz a presença de militares, indicando que esta competição se tratava de alguma edição das Olimpíadas do Exército. A estudante-atleta está vestida com a camisa farda do CECG e um short curto, assim como em outras imagens dessa série de fotografias. Na imagem a seguir, apresento o time de atletismo masculino do CECG.



Figura 15: Time de atletismo - Década de 1970.

Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook.

Esta imagem apresenta o time masculino de atletismo com a blusa da farda de Educação Física coberta por seus números de identificação na competição. Tanto na Figura 13, Figura 14, quanto na Figura 15 as vestimentas usadas pelos estudantes-atletas do CECG eram trajés curtos e leves que permitiam ao corpo liberdade de movimentos e circulação do ar. Contudo, percebo que as atletas das Figura 13 e Figura 14 vestem uma camiseta de mangas curtas por baixo da farda regata, cobrindo assim, o colo e se protegendo dos possíveis desconfortos que essa camiseta, pouco justa e decotada, poderia causar.

O encurtamento das roupas se deu de forma progressiva desde a década de 1920, principalmente no vestuário feminino. As saias acima dos joelhos representavam modernidade, ousadia e liberdade das mulheres em mostrar partes do corpo que outrora foram escondidas por longas camadas de tecidos, armações e anáguas. Na década de 1960-70, a minissaia foi uma “revolução” do vestuário feminino que dividiu opiniões, como já me referi anteriormente. Segundo Marcia Lemos (2012, p. 4.), com o uso da minissaia, “as mulheres assumiam integralmente o domínio da sua sexualidade”, afrontando a moral e os valores tradicionais da época.

A prática de atividades físicas, além de higiênica, era moralizante, suas práticas educativas deveriam inscrever nos corpos dos alunos, os valores morais da época, portanto, o encurtamento das roupas esportivas não era tido como uma ameaça a essa moral quando a Educação Física estava revestida dele. O uso de trajés que expunham pernas e braços proporcionava melhor desenvoltura para o corpo, importante para a obtenção de bons

resultados, observação e correção de vícios físicos. Os trajes esportivos educavam os sujeitos aos códigos do vestuário, e produzia desejos e representações sobre o corpo belo e “são”.

Pode-se afirmar que as roupas varrem do cotidiano determinadas formas, expressões, racionalizando e revelando imagens de excelência física, em que a importância do sensível cresce e se cola aos aspectos estéticos e prazerosos que são, paulatinamente, por elas valorizados [...], pois emolduram as formas corporais de um modo muito mais intenso e contribuem nas transformações de valores morais e estéticos em relação às formas corporais. Seria possível dizer que há uma disponibilidade para a tolerância em relação à exibição de um corpo cujas formas são reveladas pela roupa e não escondidas, como durante séculos. (SOARES, 2011, p. 33-34). [grifo meu].

A roupa, longe ser um signo de superficialidade, é portadora de códigos, normas, preconceitos e discursos, em diversas situações. Ela pode falar pelo corpo e do corpo que lhe veste. Em conversa com Hermes, ele falou sobre a segurança pública em Campina Grande nos anos da Ditadura Militar e expressa como a roupa inscrevia valores sobre os corpos dos sujeitos, ele diz:

[...]. Você dormia com as portas das janelas abertas, quer dizer, não tinha perigo de nada, difícil!! E você conhecia o ladrão! Você conhecia o ladrão, porque a polícia pegava, enviava e raspava a cabeça dele, aí dizia, aquele é ladrão e outra, a roupa dele era roupa velha [...] (HERMES, 2015).

Segundo o relato, os corpos daqueles que infringiam as leis, eram marcados para identificar o “infrator” à sociedade, além da cabeça raspada. Hermes fala que a roupa do “ladrão” era velha. “As roupas revelam-se como expressão profunda da vida em sociedade, elas compõem os mais delicados espaços do que diz respeito ao corpo e a sua educação”, afirma Soares, (2011, p. 17), elas acentuam e legitimam diferenças econômicas, culturais e hierárquicas, assim como denunciam as suas transgressões, “vestir-se não é apenas e tão somente um ato que protege o corpo [...], mas, sim, um ato que vai cobri-los de signos, atestando lugares sociais e de gênero. Atestando, sem dúvida, o lugar das roupas na educação do corpo” (Ibid., p. 78).

Através das análises sobre o uniforme esportivo, entendi que as roupas exercem um papel importante na educação do corpo e das sensibilidades, mas que no CECG essa prática educativa não seguiu o mesmo rigor que o fardamento regular. Embora não houvesse esse rigor, não nego que a camiseta de Educação Física e a flexibilidade na uniformização também produziam sensibilidades com relação ao corpo e a disciplina e considero que o fato do colégio ser uma instituição pública em que o fardamento era doado, porque muitos dos alunos não teriam condições de comprá-lo, foi um fator determinante para essa flexibilidade.

Como apresentei no primeiro capítulo, os investimentos do governo com o ensino público eram escassos, tanto do governo federal, quanto do estadual, desta forma, é provável que o colégio não tivesse fardamento para todos. A respeito do desencontro das informações, é comum a quem trabalha com fontes orais. Meu objetivo não é confrontar as informações a fim de encontrar uma verdadeira, entendo que os entrevistados contam sobre suas experiências e suas representações sobre ela. Ao trabalhar com a oralidade, esses desencontros, as falhas da memória e as subjetividades dos entrevistados, podem se apresentar como um desafio ao pesquisador, porém não desqualifica o estudo aqui desenvolvido. Delgado (2010, p. 31) explica que o mais desafiador de se trabalhar com esse tipo de fonte é:

Contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, não se transformando em exaltação ou crítica pura e simples do que passou, mas, sim, em meio de vida, em procura permanente de escombros, que possam contribuir para estimular e reativar o diálogo do presente com o passado.

Meu objetivo não é encontrar a verdade dos fatos, mas analisar as práticas educativas da disciplina de Educação Física, que redesenham formas físicas, modificam os hábitos e produzem novas sensibilidades sobre o corpo, através desses escombros que permitem chegar mais próximo do passado, através das representações e das memórias dos interlocutores, sujeitos de desejos, e intenções culturalmente e historicamente construídas. O cruzamento das fontes orais com as iconográficas não tem o objetivo de deslegitimar as falas entrevistados, mas preencher os vazios que a memória possa deixar e apresentar outros discursos sobre o mesmo objeto.

No próximo tópico, me propus a analisar a construção do corpo “são” como sendo um corpo belo, através das práticas educativas da Educação Física e do desporto que buscam normatizar os corpos através dos seus padrões de beleza e corporais, produzindo assim, subjetividades sobre o corpo magro e tonificado como um corpo desejável, vitorioso e virtuoso.

2.3. “A BELEZA É A TÔNICA”: AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA BELEZA

Segundo os especialistas do corpo, (educadores físicos, eugenistas, etc.), um corpo “são” deveria carregar a virtude da beleza, a harmonia das formas era um ideal que deveria ser conquistado pela educação do físico e os eventos desportivos eram a vitrine em que esses corpos esculpidos pela Educação Física eram expostos e premiados, mostrando ao público presente as formas físicas que deveriam ser desejadas e copiadas. Analiso a seguir, esta imagem.



Figura 16: Equipe de atletismo/meados dos anos de 1960-1970.

Fonte: Museu do Esporte de Campina Grande

Identifico nesta imagem a equipe masculina de atletismo do CECG. Seus corpos alinhados e uniformizados buscam apresentar um padrão corporal, forte, harmonioso e hígido, apesar de algumas “desarmonias” no uniforme. Os atletas apresentam um porte físico semelhante ao dos militares, pernas juntas, postura ereta, braços para trás e cabeça olhando para frente, inspirando confiança, força e virilidade, ao mesmo tempo, obediência. Lembro que para Michel Foucault (2012, p. 134),

A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

A disciplina, ao mesmo tempo em que potencializa as forças do corpo, para ser ágil, produtivo e vencedor, ela educa-o para a passividade, o respeito e a obediência. Vejo na imagem que os atletas possuem um porte físico imponente, seus rostos não possuem expressões de agressividade, nem risonha, com os músculos da face relaxadas, os jovens passam uma expressão branda e confiante. A beleza dos corpos também estava no controle dos impulsos

violentos, com gestos delicados, ao mesmo tempo precisos, aqueles que equilibravam a força com a serenidade se destacavam como os mais bem preparados da competição.

Percebo na imagem que os uniformes dos estudantes carregam medalhas penduradas, enquanto o último atleta do canto direito, segura orgulhoso uma estatueta. Entendo que a premiação é uma forma de atribuir um valor quantitativo ao corpo, no esporte profissional, o atleta que mais acumula medalhas de ouro, recebe mais investimentos, seu corpo passa a representar as competições que ganhou e as colocações no pódio. No caso dos estudantes-atletas do CECG, as medalhas não eram originalmente de ouro, prata e bronze, mas o seu simbolismo era subjetivado pelos jovens, que se orgulhavam em ter um corpo que valia o que a sua medalha representava, o corpo se reduzia aos números de conquistas.

Os eventos desportivos também realizavam competições de beleza, o concurso que elegia o “pão” e a “certinha” dos jogos Ginásio-Colegiais, realizado pelo Jornal Diário da Borborema, demonstra que as modalidades desportivas não foram as únicas atrações a serem vistas nos eventos. Em 1972 o Diário da Borborema lançou o seguinte concurso:

O DIÁRIO DA BORBOREMA está ofertando gratuitamente duas passagens de ida e volta a Salvador-Bahia, ao jovem “PÃO” e a jovem “CERTINHA”, eleitas entre os atletas participantes dos Sétimos Jogos Ginásios-Colegiais. Preencher, recortar e colocar este coupon [sic.] em urnas existentes nos locais das competições ou na Rádio Borborema. Ed. João Rique, andar vazado DIÁRIO DA BORBOREMA. Rua Venâncio Neiva, 198.

O “PÃO” deve ser[espaço para preencher]

A “CERTINHA” deve ser[espaço para preencher]

(DIÁRIO DA BORBOREMA, 26 de out de 1972). [grifo meu].

Nas páginas do jornal, vinha um cartão em que os leitores poderiam recortar e colocar o nome dos (as) atletas considerados (as) belos (as) e merecedores (as) do título. O concurso que premiava o atleta “pão” e a atleta “certinha” dos jogos Ginásios-Colegiais, revelava os ideais de beleza e da moral da época. O adjetivo escolhido pelo concurso para a mulher sugere comportamentos; o rapaz é o “pão”, uma gíria da época para o rapaz considerado bonito, o pão que despertava os desejos e o alimentava, saciando a fome, sugerindo masculinidade e virilidade, enquanto a moça era “certinha”, pudica e virginal, despertava os encantos pelo seu comportamento “certinho” e obediente.

A partir disto, entendo que estes títulos escolhidos pelo jornal, fixava os lugares para o masculino e feminino, em que o rapaz deveria ser o garanhão, valoroso pela sua beleza física, enquanto a moça deveria ser digna pelo seu comportamento moral.

É notável a forma diferenciada como o Jornal Diário da Borborema se refere às moças e rapazes. Nas notas sobre o evento, a qualidade dos jovens consiste em seu domínio técnico, enquanto a qualidade das moças consiste na beleza. Sant’anna (2014, p. 144) diz que, no início do século XX, “a beleza escrevia-se principalmente no feminino”, na segunda metade do mesmo século, não foi diferente. São recorrentes as notas publicadas no Jornal Diário da Borborema, sobre a beleza das atletas:

UM TIME QUE FAZ INVEJA

Hosana, Fátima, Auxiliadora, Virginia, Maria de Jesus, Aldevan (em pé), e Martha, Fátima Cavalcante e Graça (de joelhos), compõe o belo time de basquete feminino do Colégio Estadual da Prata, competição da modalidade no III jogos Ginásio-colegiais. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 19 de out de 1968.)

A manchete publicada, apresenta as jogadoras do time de basquete do CECG, que posaram para a foto, feita pelo jornal. O Diário da Borborema chama atenção para a beleza das atletas, jovens com corpos magros, eretos e pernas torneadas, que segundo a nota, é de “fazer inveja” às moças que não possuíam o corpo esculpido pelo esporte e pela Educação Física, como o das estudantes-atletas. Em 18 de outubro de 1970, o jornal traz como capa a seguinte matéria:

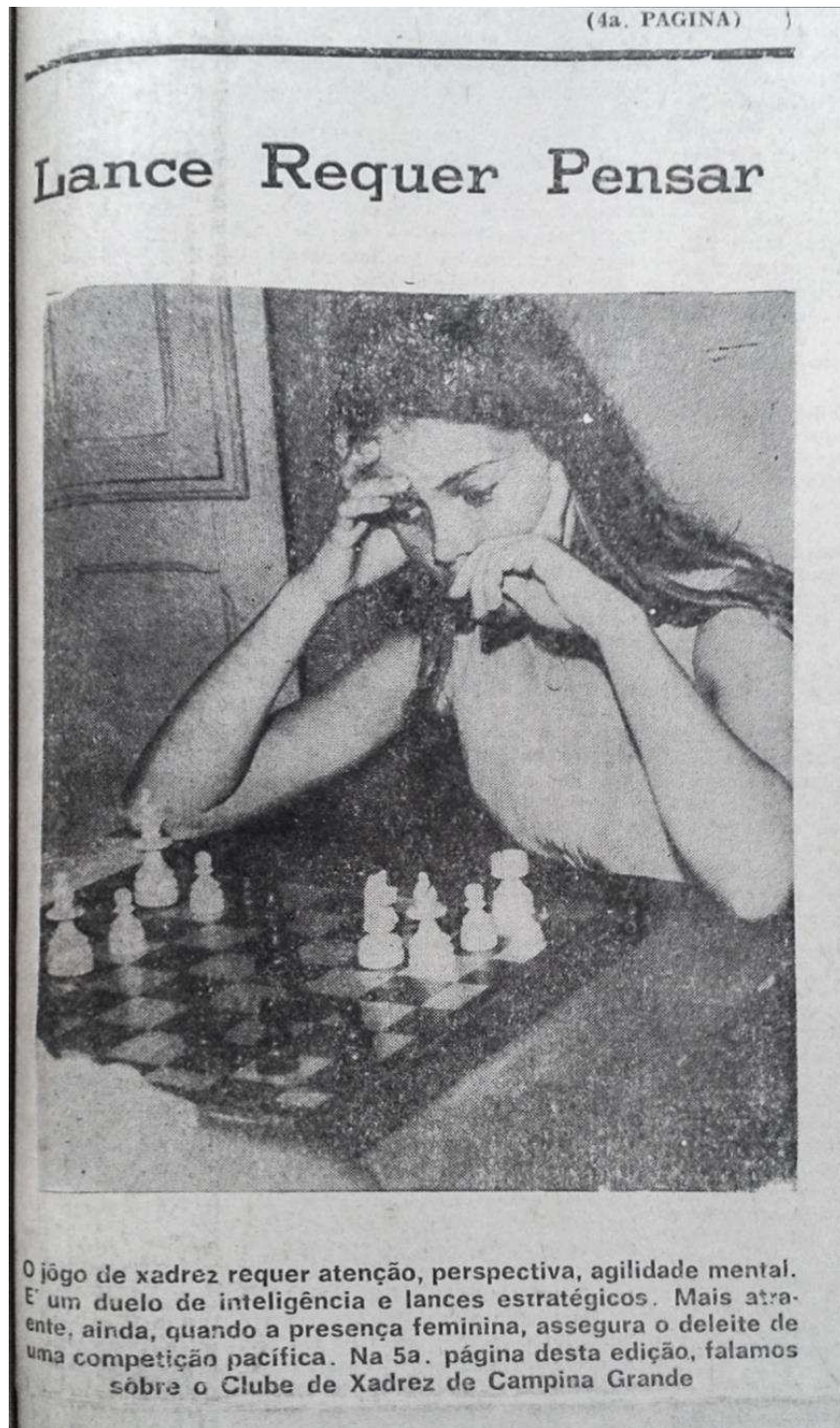


Figura 17: “O lance requer pensar”.

Fonte: Arquivo DB/D. A. Press

O jornal publicou na capa a fotografia, acompanhada com legenda, de uma aluna do CECG⁵⁵ jogando xadrez. Através da fotografia não é possível saber se ela competia com um homem ou outra mulher. Percebo no jornal a intenção de atrair o olhar do leitor para a aparência da competidora, uma jovem de cabelos liso e longo, um modelo de beleza que se afastava das heranças africanas e indígenas, da formação social campinense. Sant’anna (2014, p. 176) analisa que a conquista pela beleza martiriza e entusiasma multidões e entre outras ações, desperta invejas e vende bem.

O Diário da Borborema poderia escrever em sua nota elogios às atletas sobre as suas destrezas nos esportes, como costumava enfatizar nos comentários sobre os rapazes, porém a aparência desta e de outras moças se sobressaíam as suas qualidades técnicas, pois a beleza vendia bem no jornal, em suas páginas havia matérias, entrevistas e notícias sobre as *misses*, e colunas com dicas, conselhos e “segredos” para manter a “beleza”, através dos cuidados com a pele, com a saúde, forma física e com a moda.

Outro concurso de beleza realizado nos jogos estudantis campinenses era o da “Rainha dos Jogos Ginásio-Colegiais” que elegia a estudante que trazia em seu corpo a virtude de uma beleza soberana, demonstrando que a Educação Física e o desporto também criavam e reforçavam ideias de beleza, como demonstro na publicação sobre a jovem eleita Rainha do V Jogos Ginásio-Colegiais:

MÁRCIA FOI ELEITA RAINHA DOS JOGOS

Uma comissão composta por professores escolheu, no último sábado, a rainha dos V Jogos Ginásio-Colegiais de Campina Grande a representante do Colégio Estadual da Prata, senhorita Marcia Gloria Tavares Pereira.

A reunião para que se apontasse a primeira colocada em beleza, durou trinta minutos, sendo a disputa da mais renhidas entre as alunas representantes do Ginásio Moderno 11 de Outubro e Estadual da Prata.

DADOS

A “Rainha” dos jogos cursa o primeiro ano científico do educandário Estadual: mede 1 metro e 72 de altura; tem 16 anos e estava inscrita em ordem numérica como a candidata número nove. O título de Rainha terá a duração de 1 ano, isto é, até a próxima Olimpíada Inter-colegial. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 16 de out de 1970, p. 4).

A matéria citada é sobre o resultado de um concurso promovido pelo V Jogos-ginásio colegiais em que a estudante do CECG foi considerada a mais bela entre as candidatas que

⁵⁵ A identificação da atleta é informada na página 5 do mesmo jornal, no qual foi publicado uma nota sobre o Clube de Xadrez de Campina Grande e a entrada desta modalidade no V Jogos Ginásio-colegiais.

concorreram ao posto de Rainha dos Jogos Ginásio-Colegiais daquele ano. Na fotografia publicada pelo jornal, a “Rainha” Márcia é uma jovem de cabelos lisos, magra, medido 1,72m aos 16 anos de idade. Para quem acompanhava os jogos ou era leitor e leitora do Jornal Diário da Borborema, subjetivava esses modelos de beleza como o modelo desejável e campeão, assim como subjetivava os discursos de que cabia à mulher ser bela e “certinha”, pois seus atributos físicos lhe dariam mais destaque que outras qualidades.

A Educação Física foi considerada embelezadora do corpo desde o tempo de F. Amoros, no século XIX, e desde este período o lugar da mulher na Educação Física estava relacionada a apresentar uma boa presença e a maternidade, superando outras funções. A necessidade de educar as mulheres fisicamente era pensada “como possibilidade de, através delas [as mulheres] educar toda uma geração” (SOARES, 2005, p. 121). Gueiros (1974) cita uma frase de Maurice Boigey, um médico militar do século XIX que afirma ser necessária a educação física da mulher, pois os males do corpo poderiam passar para os seus filhos e assim condenar gerações, enquanto a inteligência poderia ser cultivada com o tempo. Segundo ele,

Para a mulher, uma inteligência cultivada acompanhada de má constituição é de pouco valor, porque a descendência de uma doença é destinada a se estender da primeira a segunda geração. Ao contrário, uma boa constituição, se forem pobres os dons intelectuais que a acompanham, merece sobreviver. Isto porque a inteligência pode ser definitivamente cultivada nas gerações futuras, enquanto a saúde perdida não é recuperada. (BOYGEY [s.d.] *apud* GUEIROS, 1974, p. 10).

E Gueiros complementa:

Não há, portanto, como deixar de concluir que, cultivando-se o valor biopsicofísico, social e espiritual da mulher, toda a raça será melhorada porquanto ainda “é a mulher forte que faz uma raça forte e são as mulheres belas as responsáveis pela beleza de uma raça forte”. (Ibid.).

Para o médico Boigey, era mais importante cultivar a beleza física e a educação do corpo do que a inteligência, pois as doenças e defeitos do corpo eram hereditários e poderia comprometer o futuro de uma raça, segundo as palavras de Boigey, citadas por Gueiros, aquela que tinha uma boa formação física, mesmo com pouca inteligência merecia “sobreviver”, ou seja, a vida daquelas que não possuíam um corpo considerado bem formado, poderiam ser descartadas, suas vidas valeriam menos que a sua função como parideiras.

Embora Boigey fosse um homem do século XIX, seu pensamento foi reproduzido um século depois, através do livro de Gueiros, sem nenhuma crítica ao autor. No Brasil, desde a primeira década do século XX, os discursos eugenistas buscaram apagar, ou pelo menos

redesenhar dos corpos dos brasileiros as marcas da miscigenação, através da disciplina, da higiene e da educação. Soares Junior (2015, p. 134) explica que estava reservada a Educação Física a função de formar uma raça eugenizada. Segundo o autor:

A escola passou a ser considerado pelos sanitaristas, lugar de excelência da formação harmônica do corpo e do espírito, capaz de aperfeiçoar o físico, melhorar a espécie. Os médicos criaram a legislação, os preceitos médicos, as normas eugênicas; a escola deveria educar seguindo esse princípio.

O autor se refere à escola do início do século XX, porém, o seu papel na educação do físico, da moral e do espírito vai perdurar durante os anos da Ditadura Militar (1964-1985), devido aos discursos progressistas da época, a presença da Educação Física nas escolas vai fazer parte desse projeto eugenista para “evoluir” e “civilizar” a raça brasileira através da saúde e da “boa forma”. Nos escritos de Gueiros (1974), por exemplo, percebo que durante os anos de 1970, ainda existia essa preocupação com o desenvolvimento da raça e os discursos eugenistas se faziam presentes no material de formação profissional dos professores de Educação Física.

Na RBEFD, é comum encontrar artigos que pensavam o corpo através padrões considerados “normais”. A RBEFD, como já expliquei anteriormente, foi um material didático distribuído pelo MEC, no período da Ditadura Militar, destinados aos estudantes dos cursos universitários em Educação Física e traziam informações, modelos de aula e estudos científicos sobre o desporto e as atividades físicas no geral. Na edição de nº 39 da revista, em 1978, foi publicado um artigo que tomo como exemplo para mostrar a presença dos discursos eugenistas neste material didático que era um dos porta-vozes dos interesses do governo para a educação do corpo pela Educação Física.

O artigo citado, cujo título é “Medidas Antropométricas” (PINTO, 1978, p. 5 - 23), apresenta ao leitor a Antropometria, uma ciência criada para medir o corpo e assim, definir os padrões de obesidade e desnutrição. O artigo apresenta várias fórmulas matemáticas que possibilitam o professor/instrutor/treinador calcular o peso, idade e altura e medir os membros dos seus alunos/atletas e assim saber se ele está dentro do peso considerado “normal” para a sua idade e tamanho e se o seu corpo possui a massa corpórea necessária para a sua modalidade desportiva.

O artigo é ilustrado por imagens das estátuas “O discóbolo”⁵⁶, imagem símbolo das olimpíadas e da Educação Física e de Perseu⁵⁷ e Mercúrio⁵⁸, figuras masculinas, heroicas e divinas da mitologia grega. As imagens dessas estátuas se apresentam como um modelo idealizado de corpo, por sua altura, peso, juventude e formas. As medições do corpo são prerrogativas da Eugenia que estabeleceu, através de valores numéricos, a “normalidade” corporal, na Educação Física, essa medição busca calcular o percentual de gordura e massa corpórea, a fim de combater a obesidade e a desnutrição no espaço escolar. Através dos exercícios físicos a escola inculcava práticas de boa saúde que estimulavam nos alunos uma relação de cuidado com o seu corpo contra esses “males”.

O gordo e o “magricelo” serão imagens combatidas pela cultura física brasileira que primou, até o século XIX, por um corpo corpulento como modelo de beleza, fartura e saúde. Sant’anna (2016, p. 14) em seu estudo sobre a história do peso no Brasil, explica como os padrões corporais no país transitaram entre o apreço e rejeição ao corpo gordo e magro, até as primeiras décadas do século XX, sendo substituído, posteriormente, pelo modelo musculoso e tonificado.

Analisando as fotografias selecionadas para esta pesquisa (assim como as que não se apresentam neste trabalho), não identifiquei estudantes-atletas do CECG gordos, isso não implica dizer que no colégio não haviam estudantes “fora” dos padrões impostos pela cultura física da época, todavia, estes não figuram na memória desportiva que o colégio buscou construir através das fotografias, que também são lugares de memória e cristalizam e narram histórias interessadas sobre o passado.

A ideia do magro como a “boa forma” atravessou os anos 70, 80 e 90 através das revistas de beleza, programas de televisão e a publicidade, propagando a prática de exercícios físicos, dietas e “hábitos saudáveis”, chegando ao século XXI com novas ressignificações. Sant’anna (2001, p. 108) explica que a boa forma “baseia-se numa noção de estética caricatural: ser belo é aproximar-se de um ideal, sempre determinado de modo universal, distinto do que é

⁵⁶ O Discóbolo é uma estátua feita pelo escultor grego Míron, que data 445 a. c. A estátua representa um homem lançando disco, uma modalidade olímpica.

⁵⁷ A imagem presente na revista é a estátua em bronze de Perseu com a cabeça da Medusa, uma criatura que petrificava os homens que olhavam para ela, segundo o mito, Perseu teria lhe degolado e esta cena foi representado pelo escultor e joalheiro Bevenuto Celini no século XVI.

⁵⁸ Mercúrio é a representação romana do deus grego Hermes, mensageiro dos deuses.

cada corpo”. As “rainhas” dos jogos ginásio-colegiais e as “certinhas” eram modelos idealizados de beleza feminina, construídos pela educação do físico, aquelas mulheres que buscavam, através de cintas e cirurgias, harmonizar as formas e conquistar a boa forma, não eram vistas como exemplos de beleza, pois estes corpos não eram revestidos dos valores da Educação Física.

Com exceção das ginastas, desportistas e de todas aquelas que avaliam da necessidade dos exercícios físicos, as mulheres modernas não podem ostentar o orgulho de serem belas, atraentes ou elegantes pelo uso constante das cintas ou faixas dissimuladoras dos feios e inestéticos perfis e que são, ilusoriamente, usadas na pretensa formação de uma bela harmonia corporal. (GUEIROS, 1974, p. 22).

As cintas, que foram recusadas pelos discursos médicos desde o início do século XX por ser considerada prejudicial à saúde, também não poderia tornar a mulher bela, pois a beleza construída pelas faixas e cintas eram belezas dissimuladas, a verdadeira beleza consistiria em um corpo educado sem vícios, saudável e moral. A Educação Física era revestida de valores educativos que deveriam ser inculcados na população para a sua normalização e docilização, Gueiros (1974, p. 3) diz que a Educação Física é uma ciência da educação que educa o indivíduo em seus aspectos físicos e subjetivos:

A Educação Física, que é integrante indissolúvel da concepção atual da educação como processo unitário, tem sofrido, como já afirmamos, as consequências da civilização em mudança. E, como ciência da educação, ela formará, desenvolverá, preparará ou educará o indivíduo “como um todo” (ser biopsicofísico, social e espiritual), desde a infância até a maturidade, para todos os problemas sociais, fornecendo-lhe poderes para ir de encontro a todas as necessidades da vida atual e em constante mudança.

Segundo a autora, através da Educação Física era possível educar o sujeito continuamente desde a infância até a fase adulta, para que este não fosse afetado ou desviado pelas mudanças que a sociedade contemporânea estava vivenciando naquele momento, como o avanço das tecnologias, a lutas políticas e culturais, as reivindicações das mulheres pela igualdade social e o direito pelo corpo. Os especialistas da área da Educação Física se preocupavam com o desgaste dos corpos pelas rotinas de trabalho exaustivos, a urbanização e o “encurtamento” das cidades e do tempo que comprometeria a saúde da população pela fadiga, a sobrecarga psicofísico e o sedentarismo. Portanto era importante inculcar nos sujeitos a prática de atividades físicas desde a infância e tornar a exercitação do corpo uma necessidade e um estilo de vida. Em seu estudo sobre a Educação Física na primeira metade do vigésimo século, Soares Junior (2015, p. 127), explica que a defesa do corpo saudável

Invadiu a legislação escolar, fez nascer clubes esportivos, despertou o interesse de homens e mulheres e traçou um novo modelo de corpo capaz de ensinar modos de olhar e preferir. A educação física ganhou espaço privilegiado nas escolas, passou a ser um discurso de poder, um importante modelo educação corporal.

Este discurso de poder, durante os anos correspondentes a Ditadura Militar (1964-1985), continuou impondo suas normas, seus modelos na educação escolar, na publicidade e na cartografia citadina, criando necessidades e naturalizando certos hábitos como saudáveis. Nesse sentido, entendo como eram as práticas educativas do corpo presente no desporto e como a cultura física estava presente na cultura escolar do CECG, buscando inculcar nos estudantes deste educandário a prática de exercícios físicos e as virtudes do desporto.

Entendo que a construção do corpo “são” no CECG se deu por meios de muitas práticas educativas, neste capítulo, apresentei algumas dessas práticas e os discursos por elas emitidas. A Educação Física foi um dos muitos saberes que circularam no colégio, cujo papel era educar, civilizar, disciplinar o corpo. Desta forma, o seu investimento sobre os corpos dos estudantes enfrentou concorrências com outras práticas educativas, como a do cinema e do rock - que eu trato no próximo capítulo-, assim como a falta de recursos, seja pelos uniformes incompletos ou da improvisação, como tratei no I capítulo, que também educavam os corpos, mas produziam outras subjetividades, diferentes das idealizadas pela RBEFD e da própria ciência. No próximo capítulo, analiso as festas cívicas desportivas estudantis a partir das apropriações dos alunos do CECG.

CAPÍTULO III:

“A GRANDE FESTA ESTUDANTIL”: OS EVENTOS CÍVICOS-DESPORTIVOS E AS APROPRIAÇÕES DOS ESTUDANTES DO CECG

No presente capítulo, analiso as apropriações dos ex-alunos e ex-alunas dos eventos cívicos, os jogos e os desfiles e dos discursos da Educação Física. Para tal análise, dialogo com Roger Chartier (2002, p. 26) que afirma que a apropriação tem por objetivo fazer uma “história social das interpretações”, ou seja, fazer uma história de como os sujeitos, individualmente e coletivamente, entendem e ressignificam os discursos e práticas que pretendem ser universais. O autor desenvolve uma reflexão em torno da apropriação a partir dos seus estudos sobre as práticas de leitura, pensando que os sujeitos dão significado aquilo que leem e a partir das suas leituras, produzem novas formas de compreender a si e o mundo. (CHARTIER, 2002, p. 24).

Neste capítulo, operacionalizo esta categoria para analisar como os interlocutores compreenderam e criaram (assim como compreendem e criam no presente) significados sobre os eventos cívicos-desportivos. Entendo que os discursos estão dispostos a leitura não apenas nos livros escritos, mas nas práticas culturais como um todo e, portanto, é possível perceber como os ex-alunos (as) do CECG se apropriaram desses eventos, ressignificando os seus sentidos, valores e (re) construíram identidades.

Nos capítulos anteriores utilizei como metodologia para análise das fontes a análise de discursos, metodologia proposta por Michel Foucault (1999), buscando perceber nas fontes, os discursos da Educação Física sobre os “corpos sãos e mentes sãs” que produziram práticas educativas que refletiam o desejo de obter corpos hígidos, belos, produtivos e dóceis. Neste capítulo continuo a analisar os discursos, mas me atentarei também para as apropriações ou não-apropriações destes discursos por parte dos estudantes do CECG.

3.1. “O IMPORTANTE É COMPETIR”: OS JOGOS COLEGIAIS

Durante a segunda metade da década de 1960 e a década de 1970, os cidadãos campinenses vivenciaram intensa movimentação desportiva na cidade, percebo essa “agitação” através das matérias que saíram nos jornais, vários eventos desportivos foram realizados, desde as competições de futebol profissional, as competições amadoras, e para o público estudantil e industrial. Entre os eventos realizados neste período cito os Jogos Ginásio-Colegiais (organizado pela Secretaria de Educação e Cultura de Campina Grande); as Olimpíadas do

Exército (organizada pelo Exército); Olimpíadas dos Operários (organizados pelo SENAI), Campeonato Salonista (organizado pela Associação Atlética do Banco do Brasil – AABB), Campeonato de Xadrez- organizado pelo clube de Xadrez de Campina Grande, dentre outros. Também foram realizadas gincanas, outro tipo evento que estimulava a disputa entre os educandários e alimentava o espírito competitivo desses jovens.

Em 1966 foi realizado a primeira edição dos Jogos Ginásio-Colegiais, o evento gerou expectativa no Diário da Borborema que fez a cobertura de todas as edições, até o recorte selecionado por este trabalho. A seguir, apresento o artigo publicado sobre a abertura do I Jogos Ginásio-Colegial, publicado pelo jornal.

A juventude deve ser estimulada

A abertura, sábado último, dos Jogos-Ginásio-Colegiais, em Campina Grande, premiou os seus organizadores e participantes, antecipadamente, do maior êxito possível, especialmente, surpreendendo aqueles que esperavam pelo sucesso da grande parada, mas que não julgaram, jamais, que o acontecimento sócio-esportivo, assumisse características de brilhantismo, como se verificou na grande festa estudantil sábado realizada.

Viu-se, sem sombra de dúvidas, que houve um cuidado antecipado de programar os jogos, de distribuir tarefas, de solucionar problemas, de traçar, enfim, o roteiro certo que organizadores e participantes dos Jogos teriam que cumprir, para que não surgisse, de última hora, empecilhos ou dificuldade.

E observa-se que através desse trabalho, que há ainda nesta cidade muita coisa a ser realizada, desafiando a iniciativa, a coragem e o discernimento de quantos pensam em Campina Grande, está se perdendo no vazio da inutilidade.

O que os professores e alunos realizaram com a abertura dos Jogos Ginásio-colegiais foi qualquer coisa de surpreendente, de admirável, de encantador, fazendo arrancar aplausos da numerosíssima assistência que não se cansou em aplaudir os jovens atletas.

Senso de organização, disciplina e a ordem, aliados ao perfeito treinamentos e adestrada apresentação dos colegiais foram o êxito maior da brilhante festa que, se de agora por diante não apresentasse novas facetas e novos brilhantismos, já estaria, por isto mesmo, vitoriosa em toda sua plenitude.

Festa encantadora, brilhante e de alta significação, não ficou a dever a quantas, nos grandes centros do país, são realizadas anualmente, porque a abertura dos I Jogos Ginásio-colegiais de Campina Grande excedeu a todas as expectativas e atingiu um brilhantismo elogiável por todos os títulos.

É preciso, que agora os seus organizadores ou pessoas outras pensem noutros problemas dos jovens e que não fiquem somente nesta apresentação de agora os jogos ginásio-colegiais, devendo se repetir ano por ano, a fim de que a nossa mocidade tenha, nestas realizações cívicas, o ensejo de demonstrar as suas qualidades de exhibir os pendores, de mostrar, através da arte, que são capazes de honrar o nome tradicional de Campina Grande.

Essa conjugação de esforços e de serviços, aliados à boa vontade de quantos idealizaram e promoveram os Jogos Ginásio-colegiais de Campina Grande, coroada do maior êxito e fez com que os jovens demonstrassem que dos nossos maiores denpede [sic.] inelutavelmente, a maneira de conduzirem, de ser uteis a comunidade. “men sana incorpore sano” (DIARIO DA BORBOREMA, 11 out 1966).

O artigo, em todo o seu texto, exalta a realização do evento e os seus organizadores, usando de expressões exageradas, para anunciar ao leitor o sucesso do evento. O artigo vem reforçar o pensamento de que Campina Grande era afortunada em todas as suas empreitadas, afirmando que havia muita coisa para ser realizada na jovem cidade que estava destinada a ser grande, decepcionando os “pessimistas” que duvidavam do seu sucesso. Os jogos Ginásio-colegiais não só inseriam Campina Grande no movimento nacional de educação através da cultura física, como mobilizava a juventude campinense a se inserir ao “corpo da nação”, como também, ao projeto de civilização da cidade, motivado pela elite intelectual campinense. O título do artigo, “a juventude deve ser estimulada”, soa como uma intimação aos órgãos responsáveis pela realização do I Jogos Ginásio-colegiais, a dar continuidade ao evento e a estimular os jovens a se envolverem nesse projeto que tem a cultura física como um caminho para o progresso e a ordem.

Nas competições escolares, o público estudantil fazia a festa, haviam desfiles de aberturas e de encerramentos, os eventos duravam semanas e vários educandários participavam dentro e fora das quadras. Nesses eventos a competição e a beleza eram a “tônica”⁵⁹. Hermes, que participou de vários eventos junto com o CECG conta um pouco sobre essa festa.

Naquela época tinha os jogos ginásiais de Campina Grande, que era dos diretores de escola particulares, né?! Entendeu?! Eram jogos muito bons, para você ter ideia os ginásios eram lotados! E principalmente quando tinha o Estadual da Prata. Quando dizia o Estadual da Prata vai jogar, a gente convocava os alunos tudinho, enchia o ginásio. O pessoal temia muito pela força que a torcida tinha. A vibração, a alegria deles em participar, o que hoje ninguém ver mais. Mas os jovens daquela época, os jovens se importava e a gente incentivava o Estadual da Prata, colocava tudo, em todas as modalidades. [...] Era uma competição muito bonita, era muito bonito os alunos, participavam todos entusiasmados [...] o Estadual da Prata, ele tinha uma participação vibrante e a gente fazia questão de fazer isso, e assim foi que a gente levou o Estadual da Prata para muitas conquistas.

Segundo o relato, o CECG incentivava a participação dos seus alunos não-atletas nos eventos desportivos, como torcida. Os estudantes eram “convocados” a assistir aos eventos, dando a entender que torcer pelo colégio também era um compromisso dos discentes não-atletas. Também havia uma exigência da comissão organizadora dos eventos para que os

⁵⁹ A palavra “tônica” era uma expressão muito utilizadas pelos jornalistas do Diário da Borborema, pelo contexto dos artigos, percebe-se que a palavra tem o sentido de “destaque”.

educandários estivessem presentes na cerimônia de abertura, como apresento na seguinte nota do jornal Diário da Borborema.

[...] 6) A diretoria do III jogos ginásio-colegiais pede encarecidamente a todos os diretores dos colégios participantes a presença de seus educandários no desfile de abertura, a não participação implicará em pena de ser imposta pela infração cometida, a critério da referida comissão. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 11 de out de 1968, p. 4).

A nota não esclarece que penas seriam impostas àqueles educandários que não participassem do desfile de abertura do III Jogos Ginásio-colegiais, mas indica o autoritarismo da comissão organizadora sobre os colégios, o que indica que tais eventos não eram simples festas para a classe estudantil, mas um ato cívico. Nos dias das cerimônias de abertura e encerramento, as aulas nos colégios eram suspensas para que todos pudessem participar dos jogos.

No caso do III Jogos Ginásio-colegiais, o evento foi realizado no dia 11 (onze) de outubro, dia do aniversário de emancipação da cidade de Campina Grande e a cerimônia de abertura dos jogos foi um desfile que entrou para o calendário comemorativo da cidade e contou com a presença de autoridades, portanto, esses eventos eram revestidos dos sentimentos de civismo e patriotismo que buscavam envolver a comunidade campinense, indo além do festejo lúdico. Essas festas não eram inocentes e tinham valores educativos a serem transmitidos. Os atores desses espetáculos deveriam ser produtos dos investimentos disciplinares da escola sobre o corpo, com técnica e valores morais, para que estes valores fossem reproduzidos através dos corpos dos estudantes nos jogos e desfiles. O público que acompanhava a esses eventos deveria apreender as virtudes do desporto, em que cabia ao corpo virtuoso a vitória.

Não duvido que os estudantes do CECG se envolviam e se divertiam com as competições. Os sujeitos são capazes de ressignificar os sentidos de um dado evento, portanto analiso as apropriações dos estudantes do CECG a essas festas que eram chamadas pelo jornal Diário da Borborema de a “grande festa estudantil”. Por festa, entendo que se trata de um evento de divertimento e entretenimento, imbuída de valores diversos que correspondem ao seu propósito. Nos eventos desportivos, a diversão era competitiva e cívica. A presença “maciça” dos alunos das escolas deveria representar a força desportiva que a cidade pretendia mostrar, assim como a competitividade e disciplina das instituições, que competiam com os atletas e torcida. Segundo Hermes, devido ao contingente de estudantes do CECG que participavam dos eventos torcendo pelo colégio, os demais times “temiam” a sua torcida.

Nos jornais do Diário da Borborema encontro várias notas falando sobre o contingente de alunos do CECG que se faziam presentes nos eventos desportivos e nos desfiles cívicos, devido ao alto número de estudantes matriculados neste educandário, um dos maiores da Paraíba, em termos físicos, junto com o Lyceu, na capital. Sobre a tensão que a torcida do CECG causava nos demais times, encontrei uma matéria no jornal Diário da Borborema em que as atletas do Colégio Ginásio Virgem de Lourdes (Lourdinias) se queixavam da torcida do CECG.

[...] NERVOS

A garota Saula Sergio acha que “se as meninas não tivessem ficado nervosas com a torcida, teríamos saído campeãs. Os torcedores as vezes atrapalham”.

TABELA

Na opinião de Materna Maia, a tabela deveria ter sido feita com mais cuidado. “Aconteceu do nosso time disputar duas vezes no mesmo dia sem haver condições para isso”.

Claudia Lopes por sua vez, mostrou-se entusiasmada com o time dos Redentoristas. “Merecia uma classificação melhor, pois joga muito bem”.

As alunas foram unânimes em dizer que a torcida comportou-se mal. Os estudantes do Colégio Estadual chegaram a invadir o campo, só saindo com a intervenção do juiz. Uma das alunas, Materna, opinou que bom mesmo é que a torcida se limitasse a bater palmas. “Houve momentos em que a gente sequer ouvia o apito”. Mesmo assim, estão satisfeitas e esperam no próximo ano conquistar o troféu de campeãs de voleibol feminino primeira categoria. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 29 de out de 1972, última página).

A matéria se referiu ao VII Jogos Ginásio-colegiais de 1972, em que na classificação de campeões o Colégio Lourdinias ficou em segundo lugar no voleibol feminino e o CECG em primeiro lugar, na mesma categoria. Para as atletas do Lourdinias, o barulho da torcida do time rival deixou as atletas nervosas e, por tanto, isso havia prejudicado o desempenho do time. Sobre o comportamento da torcida do CECG, invadir a quadra e fazer barulho para prejudicar o adversário foi um ato de indisciplina por parte dos estudantes que ia em desencontro com as virtudes do desporto, que defendia o respeito ao adversário. Segundo Dr. René Maheu, em seu discurso no Congresso Científico de Munique, publicado na RBEFD de 1973, a atividade desportiva era “um comportamento ético em face da vida”, portanto, a competição desmedida, almejando a vitória como o único fim, seria um desvio dos valores do desporto.

Para entender sobre as representações das competições desportivas escolares, Almeida (2006) tece uma análise interessante sobre as Olimpíadas⁶⁰ que me aprou para esse estudo. Para ele, as olimpíadas são simulações estilizadas e controladas das guerras entre as nações, em que os territórios conquistados são morais e virtuosos. O autor diz que:

Grandes espetáculos transmitidos em cadeia mundial de redes de televisão são momentos de aglomeração e ordenação virtual de público em torno à celebração de valores e virtudes. São momentos em que a História é reordenada e rerepresentada em liturgia visual. Durante os dias em que o espetáculo transcorre, como nas olimpíadas, imagens e palavras emoção e participação e ao mesmo tempo, informam e educam. Sentimentos individuais são trazidos a uma frequência coletiva e enfeixados numa grande pulsação nacional. (ALMEIDA, 2006, p. 80).

Embora o autor se refira às olimpíadas, que têm uma dimensão maior que os jogos realizados na cidade de Campina Grande, também é possível utilizar desta discussão para analisar os eventos desportivos locais. Os jogos escolares envolviam de sentimentos, não apenas os estudantes, mas outros sujeitos que assistiam ao vivo ou acompanhavam pelos jornais as notícias sobre os resultados das competições. Os jogos eram abertos ao público geral e muitas vezes gratuitos, o que os tornavam acessíveis para todos os grupos sociais.

Esses campeonatos colocavam na “arena”, as instituições escolares para competir entre si, com sua educação, seus recursos e sua estrutura. As escolas entravam em “guerra” para conquistar o território da virtude e dos valores morais e mostrar, perante a população campinense, quem oferecia a melhor educação da cidade. Na abertura dos jogos, as autoridades responsáveis em fazer a educação escolar na cidade se faziam presentes, como lideranças desta “guerra simbólica”. Apresento a seguir, a matéria do Diário da Borborema sobre a abertura do V Jogos Ginásio-Colegiais de 1970:

[...] AUTORIDADES

O acontecimento esportivo contou com a presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas, sendo que a saudação dos jovens competidores foi feita pelo D.r. Francisco de Assis Matias, enquanto o representante do governo estadual, Dr. Francisco Maria Filho procedeu o hasteamento do pavilhão nacional sob o som do hino nacional brasileiro, executado pela banda da prefeitura municipal de Campina Grande.

[...]

PIRA OLIMPICA

⁶⁰ As Olimpíadas é um espetáculo desportivo, que começou na Grécia Antiga e atualmente tem alcance mundial. Vários atletas de diferentes nações competem entre si, representando seus países, sendo essas competições acompanhadas por espectadores “ao vivo”, nos estádios e ginásios, e também através dos meios de comunicação, como a televisão, por exemplo.

O atlético Abraão Mineiro da Silva, do Colégio Estadual acendeu a pira olímpica, tendo sido escolhido por uma comissão especial. Por outro lado, o juramento do atleta foi feito pelo estudante Emilson Gomes dos Santos Bernadete, fez o juramento do atleta. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 11 de out de 1970, p. 4).

As autoridades envolvidas na cerimônia de abertura do V Jogos Ginásio-Colegiais eram: o representante do Governo do Estado, que na época era João Agripino Filho (1966-1971), eclesiásticos, representando as instituições escolares religiosas como o Pio XI, Lourdinias e Colégio das Damas, demonstrando que os jogos também eram atribuídos de valores compartilhados pela Igreja. A presença dos membros do exército indica que essa “festa estudantil” estava sob o olhar e ordem do Regime Militar. Como noticia o jornal, os jovens competidores foram saudados pelo Dr. Francisco de Assis Martins, diretor do CECG e jurista, responsável por uma das varas criminais da cidade. Os eventos desportivos colegiais eram espetáculos controlados pelas instituições políticas, militares e religiosas, revelando os interesses desses grupos na educação dos corpos e das sensibilidades dos campinenses.

No caso do CECG, estas disputas também serviram de propagandas políticas. Sendo o colégio uma instituição pública, a vitória sobre as escolas particulares demonstrava, para os cidadãos que acompanhavam esses eventos, que a administração estadual investia em uma educação de qualidade e que se equiparava a oferecida pelas instituições privadas. Tal memória foi construída e se tornou oficial, a educação pública no período Ditadura Militar é considerada como um “exemplo”, pelos cidadãos comuns, nos dias atuais. Todavia, essa memória vem sendo questionada e desconstruída pelas pesquisas acadêmicas em História da Educação, o que revela a importância desta área de conhecimento na desmistificação dessa memória que busca relativizar as ações do regime no país, criando uma falsa ilusão de que o sistema, mesmo com sua censura, repressão e violência, funcionou.

Entendo que a educação do físico se exerceu para além dos muros das instituições de ensino. Através dos jogos e desfiles, a educação escolar se deslocava para outros espaços através dos corpos dos atletas que, vestidos com o padrão da escola eram a “própria escola”. As cerimônias de abertura dos jogos ginásio-colegiais iniciavam com um desfile que passeava pelas ruas de Campina Grande, convidando os moradores a prestigiar o ritual que continuava no Estádio Presidente Vargas, com entrada franca. Na Semana do Exército, as festividades em comemoração ao Dia do Soldado foram realizadas com demonstrações de Educação Física e desporto nos bairros locais, no centro desportivo da 5ª Companhia de Infantaria e em estádios de futebol.

Essas festas espetacularizavam a educação dos corpos, buscando envolver o público presente com as virtudes da competição e da beleza dos corpos exercitados, transformando-se em um ato cívico e produzindo nos sujeitos, identidades. Em agosto eram realizadas as Olimpíadas da Semana do Exército, que homenageava o patrono do Exército, Duque de Caxias⁶¹. Luís Alves da Silva, o Duque de Caxias foi um militar do Brasil Império, no século XIX, que figura na memória oficial como “o pacificador” por ter levado as Forças Armadas imperiais à vitória sobre as revoltas imperiais e a Guerra do Paraguai. O evento, cujo objetivo seria promover a prática de esportes entre os educandários da cidade, também era uma cerimônia de exaltação ao Exército, através da figura do seu patrono.

No ano de 1978 foi realizada no Estádio Ernani Sátiro⁶²- O Amigão, a VII Olimpíadas da Semana do Exército, cujo “espetáculo cívico” era organizado pela 5ª Companhia de Infantaria e dias antes da realização do evento, foi publicado no Diário da Borborema às normas do evento. As entidades escolares que participariam do evento, deveriam seguir o seguinte ritual: Ao som do dobrado, deveriam desfilar até uma linha que demarcava o seu lugar de posicionamento. Após o desfile, os participantes se preparariam para fazer o “juramento do atleta”, em que um estudante deveria dizer às seguintes palavras, que seriam ser repetidas pelos demais.

Juramos/ que nos apresentaremos / nas competições/ como concorrentes leais/
respeitando os regulamentos/ e com desejo/ de prepararmos/ com espírito
cavaleiresco/ para o bem/ de nossas representações/ e para a glória dos desportos/ de
Campina Grande. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 16 ago. 1978, p. 4).

O “Juramento do Atleta” era uma ode ao desporto campinense. O evento organizado dentro dos moldes da cultura militar determinou cada passo das equipes participantes e qualquer falha poderia custar o prêmio final, pois o desfile de abertura também era competitivo e os educandários deveriam obedecer à determinados quesitos para se destacarem entre as outras. A

⁶¹ A partir do Decreto nº 51.429, de 13 de março de 1962, o Duque de Caxias, Luiz Alves da Silva recebeu o título de patrono das Forças Armadas brasileira.

⁶² O Nome do Estádio de Futebol homenageia o político Ernani Sátiro, que governou o Estado da Paraíba entre os anos de 1969 a 1971.

partir das fontes, produzi uma tabela com os quesitos que seriam julgados pela comissão organizadora da VII Olimpíadas do Exército⁶³, no dia do evento.

Tabela 2: Tabela sintetizada pela autora a partir dos quesitos apresentados no Jornal Diário da Borborema de 16 de agosto de 1978.

QUESITOS	OBSERVAÇÕES	PONTUAÇÃO
Pontualidade	-----	0 a 30 pontos
Disciplina	Na concentração e no desfile: Conduta individual e de toda unidade	Pontuação não informada.
Uniforme	Beleza, padronização, simetria, limpeza, etc.	Pontuação não informada.
Presteza	Destina-se a punir as entidades que atrasarem o desenvolvimento normal do desfile	0 a 10 pontos.
Homenagem a Caxias	Criatividade das entidades em alegorias, faixas, pinturas, etc.	0 a 10 pontos.
Alinhamento e cobertura	Simetria entre os integrantes das entidades	0 a 10 pontos.
Cadência	Serão observados se todos os integrantes das entidades estão com o passo uniforme	0 a 10 pontos.

Fonte: Arquivo DB/D. A. Press

A cultura militar era encenada pelos estudantes-atletas nas Olimpíadas do Exército. A música, o juramento, o ritmo, os valores e os símbolos que construía a identidade do militar também eram compartilhados e vivenciados pelos estudantes. Observo que a disciplina é a grande atração dessa festa, ela se apresenta nos corpos, no tempo e no espaço. Existe uma aproximação entre a escola e o quartel no que compete às técnicas disciplinares; as filas, os uniformes e o controle do tempo. Michel Foucault (2012, p. 141) explica que a “disciplina é a arte de dispor em filas” e já era uma técnica conhecida pelos estudantes do CECG que eram dispostos em filas, no pátio para serem vistoriados pela direção, antes de se dirigirem às salas de aula. No estádio O Amigão, essa prática deveria se repetir, os corpos seriam direcionados para o local do evento, acompanhados da música que “ajustava o corpo a imperativos temporais” (Ibid., p. 146).

No espaço demarcado pelo barbante, os atletas deveriam formar filas alinhadas para sair em marcha no ritmo do dobrado militar, como jovens soldados caminhando no mesmo

⁶³O Juramento do Atleta e os quesitos de avaliação dos desfiles das equipes estudantis foram publicados pelo Diário da Borborema, dias antes da abertura do evento, com o objetivo de informar aos competidores e a população sobre a organização e as decisões tomadas pela comissão organizadora do evento.

ritmo e no mesmo passo. A cadência, a simetria e o alinhamento das filas eram avaliadas e atribuídas notas classificatórias, normas militares que atravessavam os muros dos quartéis, refletindo o desejo pela harmonia dos corpos coletivos.

O tempo se configurava como um dos pontos principais do evento, estando presente no ritmo da voz, no juramento do atleta e dos passos marchados. A pontualidade foi o quesito mais importante que poderia definir os resultados finais, o grupo que atrasasse a realização do evento não seria perdoado e perderia pontos. Outro elemento que se destaca nessa festividade é a homenagem à Duque de Caxias. A exaltação dessa figura política e militar como um herói nacional pretende esquecer a história de arbitrariedade e repressão do passado e inspirar na sociedade civil o orgulho nacional e o sentimento de pertencimento. Os eventos desportivos também exerciam política, eram lugares de construção de identidades nacionais, memórias coletivas e esquecimento.

A VII Olimpíadas do Exército teve o início no dia 20 de agosto de 1978 e realizou um desfile de abertura que levou a campo, segundo o jornal Diário da Borborema, 800 estudantes formando um letreiro humano com o nome “Olimpíadas do Exército” no centro do Estádio o Amigão, como apresento na imagem a seguir:



Figura 18: “O povo prestigiu a abertura das Olimpíadas do Exército” (20 de agosto de 1978, capa).

Fonte: Arquivo DB/D. A. Press

Segundo a informação do jornal, os estudantes participantes executaram uma coreografia de ginástica para formar o letreiro. A legenda busca deixar claro que o letreiro foi formado por colegiais e não pelos atletas, como assim se referiam aos estudantes desportistas. O letreiro humano apresentava as habilidades de um corpo educado pela Educação Física, capaz de executar uma coreografia de ginástica e realizar a performance desejada pelos coreógrafos.

No tratamento com a fonte iconográfica é importante estar consciente de que esta fonte carregada de valores intrínsecos. As fotografias não são neutras de significados, nem inocentes. Kossoy (2001, p. 42) chama a atenção para o papel do fotógrafo, produtor desse documento, como um “filtro cultural”, é preciso estar atento que:

A eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético-, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõe o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influenciarão decisivamente no resultado final e configura a atuação do fotógrafo como um filtro cultural.

A partir desta leitura, entendo que a fotografia é um texto no qual o fotógrafo, neste caso, Nicolau de Castro, foi o seu escritor. Em seu texto, Nicolau de Castro preocupou-se em fotografar de um ângulo que lhe possibilitasse mostrar os atletas participantes, os colegiais formando o letreiro, as autoridades e principalmente, o público presente, construindo a narrativa de que esses eventos cívicos-desportivos eram espetáculos que reuniam toda a comunidade campinense na mesma emoção, e educava a juventude colegial para a disciplina, o civismo e a nação.

As olimpíadas, além de um evento de competição desportiva, também era um momento de apresentar a sociedade campinense as habilidades dos militares da 5ª Cia de Infantaria. Em nota, o Diário da Borborema publicou:

A abertura do VII Olimpíadas da Semana do Exército foi revestida de um colorido especial, com as dependências do estádio “O Amigão”, parcialmente lotadas. Às 16 horas o comandante da 5ª Companhia, major Waldir de Amorim Damaso abriu oficialmente a olimpíada e logo em seguida todos os participantes desfilarão no estádio.

O ponto culminante e que recebeu os aplausos dos presentes, se relacionou com os saltos de paraquedismo por os integrantes do Aero clube de Campina Grande, bem como a demonstração do exército de “repell” em negativa por componente da 5ª Cia de Infantaria, sediada em nossa cidade, além de show de ginástica rítmica e coreografia, premiação aos vencedores do desfile e show pirotécnico em homenagem ao I Exército Brasileiro. O povo participou ativamente e à noite vários jogos foram realizados nas quadras do Clube do Trabalhador, Associação Atlética Banco do Brasil e Campinense Clube. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 20 de ago. de 1978).

As demonstrações de paraquedismo e rapel apresentava ao público um espetáculo lúdico para o encantamento da plateia, um ritual que ordena o desporto em uma “liturgia visual”. Os corpos estudantis construindo um letreiro humano, os fogos, as apresentações e as homenagens ao Patrono do Exército, são elementos que compuseram essa liturgia, que educavam as sensibilidades dos sujeitos, produziam identidades, transmitiam valores e despertavam desejos como o “prepotente, ardente espírito da juventude que se exprime na competição” (RIEFENSTAHL, 1936, Apud ALMEIDA, 2006, p. 83).

Para o desporto a competição é um princípio, juntamente com a disciplina e a beleza. O espírito competitivo é alimentado como uma virtude de auto superação, uma prática educativa de autodisciplina, competir buscando unicamente a vitória era um ato condenável. No editorial da RBEFD de 1973, Eric Tinoco Marques⁶⁴ escreveu que os homens que objetivavam apenas a vitória eram “idiotas da objetividade”, “sem visão mais projetada que dois ou três passos à sua frente” e que “desvirtua as competições”, ele orientou os professores de Educação Física a “vacinar” os estudantes-atletas contra os vendedores de vitória, desde a sua iniciação desportiva, imunizando os corpos e as mentes contra a ambição objetiva da vitória que não traz em si, os valores da educação disciplinar. A seguir, apresento um trecho do artigo de Marques (1973).

[...]. Para tanto, contaríamos com você, professor de Educação Física, que, melhor do que ninguém sabe que a vitória é importante, mas não é tudo e nem verdadeiramente o mais importante. Você, professor de Educação Física, que sabe e conhece que só a competição em alto nível é benéfica para o atleta, pode e deve começar o trabalho agora, mostrando que o vencido hoje, poderá ser o vitorioso de amanhã com muito mais tranquilidade do que aquele que encastelar a vitória como propriedade cativa e necessária.

Competir ainda é importante, e não podemos aceitar nenhuma outra concepção- e isto não pode significar um abrandamento na preparação, não quer dizer um descaso passivo nos treinamentos. Quer dizer que vamos trabalhar conscientes de que vencerá o melhor preparado, o mais capacitado para dominar-se e dominar a técnica; vamos competir descompromissados com a vitória-a-qualquer-preço...

E quando acreditamos nisso, por certo não nos fugirão as vitórias verdadeiras, pois já teremos conquistado a mais importante de todas: a vitória sobre nós mesmos. (MARQUES, 1973, pp. 4-5. N° 16.)

O principal objetivo, idealizado pelo desporto, não era conquistar a vitória sobre os outros, mas sobre si mesmo, dominar-se, eliminar os próprios vícios, tornar-se virtuoso, um

⁶⁴ Eric Tinoco Marques foi um coronel do exército e atleta brasileiro, participou de competições internacionais durante a década de 1950.

investimento sobre o próprio corpo para torná-lo belo, produtivo e vencedor, os títulos de campeão seria para aquele que estivesse bem preparado e, portanto, disciplinar a si mesmo deveria ser um trabalho constante, sem fim, dentro e fora dos ginásios e estádios. Segundo o relato das atletas do Colégio Lourdinias para o Diário da Borborema, que citei anteriormente, a torcida do colégio CECG teria se comportado mal, prejudicando as atletas do Lourdinias, o que demonstra que os alunos do CECG não haviam aprendido a dominar-se contra o desejo da vitória a qualquer custo, entendendo a competição como um desafio de superação do outro e não de si mesmo.

3.2. “O DB É A MAIOR”: AS GINCANAS DO DIÁRIO DA BORBOREMA

Outros eventos foram realizados na cidade a fim de alimentar o espírito competitivo dos estudantes campinenses, as gincanas mobilizavam os jovens a defender suas escolas em atividades, ou missões, que colocavam a prova a competência, inteligência, criatividade e desenvoltura desses jovens para superar os desafios impostos pelos idealizadores do evento. Além de educá-los para a cidadania, fazendo com que os estudantes se envolvessem com a história, a cultura e o cotidiano da cidade, produzindo sentimentos de pertencimento, as gincanas inseriam outros órgãos no processo educacional da comunidade campinense.

O Diário da Borborema realizou, a partir do ano de 1972, a “Ginkana do Repórter Estudante”, em que os estudantes realizavam pesquisas de campo sobre a cidade de Campina Grande e o material era publicado no jornal em forma de reportagens. Os leitores do jornal passavam a conhecer mais sobre a cidade através do material produzido pelos competidores, segue abaixo uma nota do Diário da Borborema sobre a gincana organizada pela empresa.

GINKANA

Simplemente contagiante o entusiasmo com que a juventude estudantil da Camp [sic.], participou da “II Ginkana do Repórter Estudante” comemorativa do 16º aniversário do Diário da Borborema. Louvável a colaboração dos diretores dos colégios disputantes. Digna dos mais fanáticos aplausos a boa vontade – com poucas exceções- das pessoas solicitadas para entrevistas, enquetes e reportagens, prova evidente da ascensão da nossa mentalidade. (DIÁRIO DA BORBOREMA. 10 de mai. de 1973). [grifo meu].

Para o jornal, a participação dos cidadãos nesse evento - que envolvia não apenas os estudantes, mas também a comunidade - era um exemplo de que a “mentalidade” dos campinenses estava “evoluindo”. Isso demonstra que o jornal Diário da Borborema também fazia parte deste projeto de desenvolvimento da cidade de Campina Grande através da

informação e da educação, assim como o interesse em assumir um lugar de destaque na imprensa paraibana. Abaixo da notícia sobre a gincana, o jornal publica a seguinte nota:

Necessário é frisar que no total, cinquenta pessoas foram submetidas a enquete, e uma esmagadora maioria considerou o nosso jornal o melhor do Estado, comparando-o mesmo aos das grandes metrópoles, guardadas, é lógico, as devidas proporções. (Ibidem.).

O jornal, através da gincana, produziu discursos sobre a cidade e sobre si mesmo, as matérias colaboraram com a produção da imagem de uma Campina Grande do progresso e metropolitana. Em algumas matérias foi possível encontrar expressões do tipo “Campina Grande, a São Paulo nordestina”, comparando o desenvolvimento da cidade interiorana a da metrópole brasileira. Uma das reportagens produzidas pelos estudantes foi sobre a “pujança de Campina Grande”, em que os empresários entrevistados pelos competidores, posavam para a foto segurando um caderno do Diário da Borborema, mostrando que eles faziam parte dessa “esmagadora maioria” que consideravam o jornal o melhor do Estado. O CECG foi um dos educandários que participou da II Gincana do Repórter Estudante, ficando em segundo lugar na competição. Segue a matéria sobre as premiações do evento:

GINKANA DO DIÁRIO FEZ A ESTUDANTADA VIBRAR

Alcançou grande repercussão, principalmente nos meios colegiais, a Segunda Gincana Repórter Estudante, promovida pelo DIÁRIO DA BORBOREMA, anteontem, como parte das comemorações de mais um aniversário deste jornal. A representação do SENAI conquistou com muita justiça a primeira colocação, vindo em segundo lugar o Estadual da Prata. O resultado não chegou a surpreender, muito embora as expectativas fossem em torno de uma vitória do “Gigantão”. As taças, brindes e troféus foram entregues durante festiva cerimônia, levada a efeito no auditório da Televisão Borborema, participando diretores e representantes dos educandários concorrentes, além de jornalistas do DIÁRIO e elevado número de estudantes.

CARNAVAL

A Segunda Gincana Repórter-Estudante obteve êxito em todos os aspectos, desde o seu brilhantismo à organização e interesse demonstrados pelos principais educandários da cidade. A partir das 16 horas, grupos colegiais vinculados a diversos estabelecimentos de ensino se concentraram em frente ao nosso jornal, iniciando um verdadeiro carnaval. A presença de grande número de moças deu um colorido especial ao acontecimento. A animação foi surpreendente, mas tudo ocorreu dentro da perfeita ordem. Os jovens formaram longos cordões humanos, muito deles, portanto instrumentos de banda marcial numa grande vibração empolgante. Em dado momento a aglomeração atingiu a tal ponto que a Rua Venâncio Neiva

teve interdito um trecho [?] nas imediações do DIÁRIO. Quem estava passando em meio ao frevo imaginava está havendo uma comemoração carnavalesca fora de tempo. (DIÁRIO DA BORBOREMA. 04 de out de 1973, última página). [grifo meu].

A publicação do jornal sobre a gincana buscou passar para os seus leitores uma ideia de que o Diário da Borborema era um jornal bem-sucedido em suas empreitadas, afirmando a sua qualidade e a preferência do seu público. Segundo o jornal, os estudantes teriam feito da premiação uma festa ordeira, sem indisciplina e rivalidade, com belas moças e rapazes animados, mostrando que o jornal também exercia um papel importante na educação desses jovens através dos seus eventos, criando uma imagem cristalizada da juventude estudantil campinense que participou da gincana. Apresento a seguir, imagem que ilustrou a publicação do Diário da Borborema sobre a II Gincana do Repórter Estudante, que acabo de citar.



O entusiasmo tomou conta de todo mundo e a emoção foi grande, principalmente durante a entrega das taças e trofeus.

Figura 19: “Ginkana do Diário fez a estudantada vibrar”.
(Diário da Borborema, 04 de outubro de 1973, última página)

Fonte: Arquivo DB/D. A. Press

Na Figura 19, é possível ver a entrega dos troféus da II Ginkana do Diário da Borborema aos vencedores, entre eles, dois estudantes do CECG que estão usando o uniforme de Educação Física do colégio, exibindo o porte atlético dos seus corpos e a estética “desleixada” da moda *hippie*, que era sucesso entre os estudantes do colégio, durante os anos de 1970⁶⁵. A fotografia seguida da legenda que diz, “o entusiasmo tomou conta de todo mundo e a emoção foi grande, principalmente na entrega das taças e dos troféus”, busca convencer os leitores sobre o sucesso do evento e o envolvimento dos estudantes. A forma como as matérias são construídas nos jornais educam o olhar do leitor. A imagem e a legenda, são textos que unidos buscam transmitir uma mensagem interessada e induzir o leitor na leitura e interpretação da informação.

Herman Lima (1963, p. 141, *apud*. De LUCA, p. 138) afirma que as fotografias trouxeram para o jornalismo impresso uma “nota leve, espirituosa e atraente, a quebrar a monotonia das grandes folhas onde a matéria impressa se estendia, em artigos de fundo, crônicas, sueltos e noticiários, em colunas maciças de texto”. Em um país de poucos leitores, como o Brasil, as fotografias produziram outras formas de leitura, mais sedutoras e imediatas. Também entendo que as fotografias no jornal buscavam afirmar uma “verdade”, apresentando ao leitor as imagens como provas das afirmações produzidas.

A realização de eventos competitivos por parte do Diário da Borborema mostra como a imprensa fez parte da cultura educacional e da cultura física produzida na cidade. Os jornais também foram produtores de práticas educativas que educam as sensibilidades dos seus leitores, trazendo artigos que discutem sobre gênero, moda, política, comportamento e atribuindo valores.

É comum encontrar no Diário da Borborema matérias e campanhas sobre o cuidado com a saúde física, sobre a educação moral por parte dos pais, indicando que o jornal também tinha interesse em participar da construção de uma sociedade “sã”. Entendo também que as Gincanas fizeram parte das estratégias de vendas do Diário da Borborema. Os artigos publicados pelos estudantes mobilizariam os pais, diretores e professores dos educandários e os próprios estudantes a comprarem e lerem o Diário da Borborema, expandindo assim, as vendas e principalmente, seus discursos interessados.

⁶⁵ No próximo tópico, falo sobre a estética dos estudantes do CECG.

3.3. NOS TEMPOS DA BRILHANTINA GLOSTORA: AS APROPRIAÇÕES DOS DESFILES CÍVICOS PELOS ESTUDANTES DO CECG

No dia sete de setembro de 1975, foi realizado em Campina Grande um desfile cívico em homenagem ao Dia da Independência. Neste desfile, vários estudantes desfilaram representando as suas instituições de ensino e os valores que estas defendiam e buscavam preservar. A Educação Física ocupou um lugar especial neste dia, as escolas desfilaram com cartazes fazendo referência a sua importância para a nação. A seguir, apresento a imagem do desfile do CECG carregando a faixa com os dizeres “Mente sã em corpo sã”.



Figura 20: “Mente sã em corpo sã”

Fonte: amigos_estadual_prata/facebook.

A imagem apresentada não me permite uma leitura mais detalhada devido a sua baixa qualidade. Todavia, identifico dois jovens carregando a faixa, uma moça e um rapaz, apresentando uma representação heterossexual, formadora do “Brasil do futuro”. Identifico também que o desfile passava por uma rua comercial da cidade, se caracterizando como um evento urbano. As entrevistas e os jornais informam que as principais ruas do centro da cidade se transformavam em passarelas para os desfiles cívicos, aqueles que quisessem fazer parte desses momentos, precisavam se deslocar das zonas periféricas e rurais para a zona central da cidade. O desfile de 1975 foi noticiado pelo Diário da Borborema, que dedicou uma página completa para falar sobre esse desfile, que segundo a reportagem, foi “monumental”.

O desfile teve início na Rua João Pessoa, percorreu a Rua Marquês do Herval, desceu pela Rua Irineu Joffily e terminou nas proximidades da Cavesa, uma loja de automóveis [localizada na Rua Miguel Couto] que faz esquina ao Açude Velho⁶⁶, (DIÁRIO DA BORBOREMA, 9 de setembro 1975).

A escolha das ruas em que os desfiles passavam não eram aleatórias, esses eventos buscavam atrair pessoas de todos os segmentos sociais, portanto, a zona central seria esse espaço de “democracia” frequentados por ricos e pobres, patrões e empregados, também considerado o “coração da cidade” devido a sua atividade econômica. Em alguns anos os desfiles se concentraram no Açude Velho, localizado próximo ao Bairro do José Pinheiro, zona periférica da cidade. No período estudado, o Açude Velho se urbanizava e se tornou um “cartão postal”, se afastando cada vez mais da periferia e se aproximando do centro. Com a urbanização, se tornou um espaço de sociabilidade, com “pedalinhos” que atraíam crianças e adultos, um espaço de lazer das famílias campinenses.

Segundo o jornal, a “multidão” que assistiu a esse desfile era “incalculável”. Os jornalistas campinenses foram grandes responsáveis pelos discursos megalomaniacos sobre Campina Grande, era recorrente as matérias supervalorizando os eventos da cidade, com grandes cargas de exageros. Na cartografia do desfile da Independência de 1975, o Palanque Oficial que concentrou as autoridades militares e administrativas ficou instalado na Praça da Bandeira, palco de muitas manifestações políticas e culturais da cidade. É interessante pensar como essas festas eram atravessadas pela memória histórica, desde a ritualização da memória da Independência pelos desfiles, aos nomes das ruas e da praça. Curiosamente, o Marquês do Herval foi um general do exército no século XIX, enquanto Miguel Couto foi um médico eugenista do início do século XX, figuras que simbolizam os investimentos do poder disciplinar sobre os corpos dos brasileiros.

⁶⁶ O Açude Velho, como é conhecido na cidade, foi construído no século XIX para abastecer Campina Grande nos períodos de seca, foi o primeiro açude construído na cidade para esta finalidade. No início do século XX, quando Campina Grande se desenvolvia industrialmente, várias fabricas foram instaladas nas proximidades do Açude Velho, por muitos anos esse setor foi caracterizado como uma área de violência e marginalização. Com a desativação dessas fábricas, ao longo do tempo o Açude Velho foi se tornando um cartão postal da cidade, desta forma, os governos investiram na sua urbanização, transformando-o em um espaço de sociabilidade. Atualmente, a região do Açude Velho é uma “área nobre” da cidade, com altos investimentos do setor imobiliário e gastronômico.

O dia da Independência foi proclamado feriado nacional, sendo assim, os cidadãos estariam disponíveis para prestigiar e participar desse “ato patriótico”, que perdura até os dias atuais. Mauricio Parada (2009) em seu livro sobre as cerimônias cívicas no Estado Novo, fala sobre a construção de um calendário cívico pelo governo varguista que tinha por objetivo, despertar o sentimento cívico que unisse as elites e as massas. Esses eventos colaboram na construção de uma memória oficial e como o termo “oficial” sugere, pretende ser tida como legítima.

Esta memória elege os fatos que devem ser lembrados e os heróis nacionais, busca silenciar outros grupos e apagar histórias para reconstruir os fatos dentro do seu ponto de vista. O dia da Independência, por exemplo, comemora a figura de Dom Pedro I como herói que tornou o Brasil livre de Portugal, porém, Dom Pedro I estabeleceu um governo déspota e escravista que não está presente nos discursos oficiais. O calendário cívico construído no Governo Vargas se fixou e perdurou ao longo do tempo, sendo comemorado ano pós ano, até os dias atuais, com desfiles cívicos. Em 1975, o Brasil comemorou mais um dia Sete de setembro os educandários da cidade saíram às ruas, desfilando em homenagem a Independência do Brasil, entre eles, o CECG.

O Colégio Estadual da Prata conduzia a frente uma faixa com os dizeres: “Mente sã em corpo sã”. Sua banda marcial vinha logo após, sendo seguida por um pelotão, conduzindo os pavilhões Nacional e Estadual e do Colégio, um outro conduzindo diversas bandeiras.

Em seguida, apresentava uma faixa com o nome “O Gigantão”, e outra com os dizeres “A Paraíba nesse Nacional, uma homenagem ao Campinense⁶⁷”. Um pelotão conduzindo o nome de todos os clubes do Estado e finalmente, mais dois conduzindo um grande número de troféus que foram conquistados por aquele educandário. (DIÁRIO DA BORBOREMA, 9 de set. 1975).

Em vez de desfilarem um pelotão formado por atletas ou alunos de Educação Física, como fizeram algumas escolas, o CECG preferiu desfilarem os seus troféus, mostrando ao público que a escola colecionava vitórias. Esses eventos cívicos também eram oportunidades de fazer propaganda sobre a educação da escola. Para mostrar que o colégio educava corpo e mente, o CECG levou para as ruas os troféus como resultados da sua excelência. Outras escolas também apresentaram faixas e letreiros, enaltecendo a Educação Física, que diziam: “De Mãos Dadas,

⁶⁷ O Campinense Futebol Clube é um time de futebol profissional da cidade de Campina Grande. Em 1975, o Campinense participou do Campeonato Brasileiro. Cf.: <http://campinense.webnode.com.br/>. (Acesso em 30 de outubro de 2017).

representando a Paraíba no Campeonato Nacional” e “O esporte é interação”, além dos pelotões formados pelos alunos de Educação Física. Isso demonstra que a cultura física se transformou no tema central da festa, ela deveria ser lida nas mensagens e nos corpos dos alunos. A comemoração do Sete de setembro, criou a ilusão de uma nação livre, quando o país estava sob uma ditadura violenta, onde os seus cidadãos não podiam expressar livremente suas opiniões e desejos de governo.

Se a data oficialmente comemorava a Independência do Brasil à Portugal, o desfile de 1975 deu outro sentido a noção de independência; um país que se tornaria “livre” do atraso e das “falsas ideologias” graças aos corpos regenerados, hígidos, higienizados, fortes e belos pelo esporte. Maurício Parada (2009, p. 27) em suas análises sobre as festividades cívicas no Estado Novo, fala que a construção de um calendário cívico objetivou “fixar um significado para a comunidade nacional, um significado que devia ser guardado na memória coletiva e vivenciado através das intensas ações físicas nas cerimônias públicas”, ou seja, a rememoração dos eventos do passado, celebrado pelo ato cívico, para além da lembrança, deveria ser vivida, através dos desfiles e dos cantos orfeônicos.

Embora o autor esteja se referindo a outra época, me apropriado de seus estudos, pois esses elementos se tratam da produção e reprodução de uma cultura cívica que manteve determinadas práticas como as festividades e atualizou, inventou e reinventou outras, de acordo com as necessidades do Regime Militar, de se criar um tempo cívico que mobilizasse os brasileiros e produzisse um imaginário sobre a cultura política e uma memória que legitimasse o seu governo.

A cultura cívica em Campina Grande, foi produzida através de eventos que alteravam o cotidiano escolar e cidadão, a pátria era exaltada através das programações que se estendiam durante uma semana, enquanto as escolas se preparavam com antecedência para organizar e ensaiar as apresentações. Esse prolongamento da data comemorativa é chamado por Maurício Parada (2009, p. 70) de “tempo cívico”. O autor explica que as semanas comemorativas no Estado Novo “funcionava, para muitos como uma verdadeira experiência sensorial e física de integração ao “corpo da nação” (Ibidem, p. 70), ou seja, o prolongamento dessas datas poderia funcionar como uma forma, supostamente eficaz, de envolver a população nos valores que o Estado desejava inculcar, através dessas experiências que não aconteciam no “tempo rotineiro”.

Durante a “Semana da Pátria” as comemorações representavam uma ruptura no cotidiano da cidade, como apresento a seguir, analisando a programação da Semana da Pátria de 1978, publicada pelo Diário da Borborema:

ELABORADA A PROGRAMAÇÃO DA SEMANA DA PÁTRIA

[...] PROGRAMAÇÃO

Com o Pavilhão Nacional permanecendo hasteado na praça do Sesquicentenário, das 8,00 horas do dia primeiro, às 18,00 horas do dia Sete de setembro, ao dia 2 a 6 haverá, diariamente, o hasteamento pela manhã e o arreamento à noite da Bandeira do Brasil no Museu de Artes, no Parque do Açude Novo, com execução e cânticos do Hino Nacional, da independência e o Hino Cívico “Brasil cante comigo”.

A essas solenidades diárias, estarão presentes representações militares e estudantis.

PROMOÇÕES

O roteiro prevê, ainda, uma série de promoções, tais como:

Dia 02- 15,00 horas no Estádio Presidente Vargas, Concurso de Bandas Marciais.

Dia 03 – 9,00 horas dentro da campanha “Esportes para Todos”, II Passeio a Pé de Campina Grande”, promovido, conjuntamente com a prefeitura de Campina Grande e MOBREAL, num percurso de quatro quilômetros.

Dia 05- Noite Cívico-artístico, no Teatro Municipal, a ser coordenada pelas professoras Beth Vasconcelos, Ida Ximenes, Inalzi França, Lenira Rita.

Por outro lado- em data a ser definida pelo Gabinete do Prefeito: dias 4 e 6- haverá entrega pela prefeitura, dos prêmios por ele outorgado aos dez alunos campinenses, participantes do Concurso “Símbolo da Semana da Pátria-78”. Entre esses, figura Francisco Gaudêncio Junior incluído entre os 200 melhores trabalhos do País; e Klinger Nogueira, ambos alunos do Colégio Alfredo Dantas, este último tendo chegado à última etapa do concurso e cujo o símbolo afinal escolhido- o foguete foi o seu trabalho apresentado.

[...] (DIÁRIO DA BORBOREMA, 20 de ago. de 1978.). [grifo meu].

Em 1978, foi elaborado uma programação para “Semana da Pátria” de 1978, em que a população campinense poderia acompanhar o ritual disciplinado do hasteamento e o recolhimento da bandeira, um dos símbolos da pátria, entre outras atividades. É importante ressaltar que essas cerimônias não foram criadas pelo Governo Militar pós-1964, o calendário cívico foi uma herança do Estado Novo. Na Paraíba, assim como no Brasil, as comemorações da “Semana da Pátria”, no Estado Novo, assim como em outras datas, realizavam rituais semelhantes aos citados por esse trabalho, com uma programação que se estendia durante a semana e mobilizava a população, principalmente os estudantes, como é possível conferir nos estudos de Parada (2009) e Vania Cristina da Silva (2011).

Entre os eventos promovidos, o desporto fez parte da programação da “Semana da Pátria” de 1978, através da campanha “Esporte para Todos”. Percebo os esforços do Estado em democratizar a prática de atividades físicas, para aqueles que não eram institucionalizados pelos órgãos escolares, militares e trabalhistas, assim como a apropriação da cultura física pelo

governo, para transmitir seus valores e ideologias. Na RBEFD de 1976, foi publicado um artigo falando sobre a importância da campanha nacional, “Esporte para todos”, o artigo destaca:

O afluxo de pessoas para os grandes centros, em curto período, suscita múltiplos e complexos problemas que necessitam de solução. O novo estágio de evolução industrial, preconizado pelo II PND, impele o país ao ajustamento de sua estrutura econômica e social que enfatiza a valorização e promoção do homem, e ainda a “consolidação de uma sociedade industrial moderna e de um modelo de economia competitiva”.

Na complexidade destas dimensões afloram, como resultantes do processo de urbanização, as doenças de civilização”, destacando-se problemas circulatórios, problemas psicológicos, aumento do consumo de álcool e fumo, uso de tóxicos e a ausência de movimentos determinada pelas facilidades tecnológicas. (VASCONCELLOS, 1976, p. 4).

É possível ver que a Educação Física tinha um papel importante no projeto de Brasil do Governo Militar, como combater os supostos males trazidos pela imigração aos grandes centros urbanos, como o desemprego, e produzir recursos humanos para atuar nas indústrias e consequentemente, desenvolver a economia do país. Para além de promover a saúde física da população, a Educação Física também era um remédio contra as doenças morais causadas, segundo o autor, pela civilização, como os vícios do álcool, cigarro e outros tipos de drogas e o sedentarismo provocados pelo desenvolvimento da tecnologia.

Na reportagem do Diário da Borborema sobre a “Semana da Pátria”, percebo também a apropriação do estado aos espaços culturais, enquanto a produção artística considerada subversiva era censurada, espaços como os museus e teatros eram ocupados pela programação cívica-artística. Fernandes (2013), explica que a cultura teve um papel importante na legitimação do projeto político militar, a censura não foi a única intervenção do estado na produção artístico-cultural, o mesmo criou órgãos que disciplinavam a produção e reprodução cultural no país, que ia desde a proibição de obras que se opunha ao governo e aos valores que o Estado defendia, à promoção de eventos e incentivo a indústria cultural.

Para a realização da “Semana da Pátria” em 1978, foram criadas três comissões, - comissão central, executiva e de divulgação-, que se responsabilizou pela organização e supervisão do evento, segundo noticiou o jornal, comissões organizadas pelo estado para promover atividades artísticas culturais de acordo com os interesses e valores do regime.

Se os eventos cívicos encenavam valores, como afirma Parada (2009), o concurso “Símbolo da Semana da Pátria-1978”, revela que os estudantes eram o principal alvo dessas festividades. Entre os nomes citados pelo jornal, dois estudantes receberam destaque do Diário da Borborema, por terem participado de um concurso nacional. Essa informação indica que a

escolha dos dez estudantes participantes não foi aleatória, estes concorreram ao concurso local, porque eram exemplos a serem seguidos. O Estudante “Símbolo da Semana da Pátria-1978”, deveria representar os valores defendidos pelo Estado, para inspirar os jovens a seguir os seus passos.

As festas cívicas reafirmam a memória oficial e são produtores de memórias coletivas, contudo, se estes eventos promoveram experiências que integravam os sujeitos ao “corpo” da nação, como afirma Parada (2009). Afirmo assim, que esses eventos cívicos foram palcos de experiências coletivas e também particulares, que muitas vezes se distanciavam dos propósitos do Estado.

Halbwachs (2006) explica que a memória coletiva é atravessada pela memória individual e vice-versa, contudo, a memória coletiva se constrói a partir das lembranças, dos sentimentos e do imaginário em comum, construído e despertado no coletivo, enquanto a memória individual são ressignificações dos sujeitos que subjetivam e constroem visões de mundo particulares, a partir das suas experiências.

Embora essas memórias não apareçam nas histórias macros, elas não são apagadas com o passar do tempo, elas resistem, dando sentido à vida dos sujeitos, sendo lembrada com carinho e tristeza. Através da história oral, algumas dessas memórias são acessadas e os eventos produtores de memória coletiva são como cenários e estimuladores de experiências individuais. Quando perguntei aos entrevistados e entrevistadas sobre os desfiles cívicos, era o Eu que aparecia, que era lembrado, rememorado. Os interlocutores, ao contar sobre as suas lembranças dos desfiles cívicos, revelaram outras histórias para além do ato patriótico. Apresento a seguir, um trecho da entrevista com Atlanta, em que ela falou sobre os desfiles cívicos.

Nós éramos tão orgulhosos com aquela farda para não sair amassando. Eu só participei de dois, porque eu era assim, bem pior do que você, me desculpe... (risos). Mas eu era só pele e osso e sempre tinha crise de amígdalas! Aí a minha mãe tinha sempre um cuidado, ela ia seguindo o colégio com o lanchinho para me dar e aí depois ela foi falar com o diretor para eu não participar, porque era um esforço muito grande. (ATLANTA, 2016).

Atlanta fala sobre o seu orgulho de vestir a farda do colégio. Vestir o uniforme do CECG era vestir a fama que o colégio construiu nos desfiles cívicos, a partir dos investimentos disciplinares sobre os corpos dos alunos. Para Atlanta, desfilar era fazer parte desse “momento de glória” da escola, sua identidade de estudante do CECG se reafirmava através do sentimento de orgulho em exibir um dos principais símbolos escolares. Todavia, Atlanta não pôde

participar de todos os desfiles realizados na época em que estudou no CECG, devido as suas condições físicas, para aguentar o itinerário dos desfiles, sem proteção contra a chuva e o sol, o corpo precisava ser “são”: hígido, forte e resistente. Como Atlanta não possuía este corpo, ela foi dispensada dos desfiles.

Os entrevistados relatam que a participação nos desfiles era obrigatória, aqueles que não participassem sofriam punições. Contudo, Atlanta possuía um corpo magro, frágil e doente, um corpo não desejado pela cultura física presente nas escolas, este corpo não representava um corpo são, portanto, a sua dispensa foi pertinente.

Em vez das bandeiras, dos hinos e dos brasões, as estrelas dos desfiles cívicos eram as moças e rapazes que desfilavam, chamando atenção daqueles que os assistiam. Percebo nos relatos dos entrevistados e entrevistadas que as celebrações da Independência da Pátria ou do aniversário da cidade pareciam estar em segundo plano, pois não são os seus símbolos e sentimento de unidade e patriotismo que são rememorados.

Os interlocutores se recordam de momentos mais pessoais, revelando o que lhes chamavam atenção e despertavam prazeres, nesses acontecimentos. Até mesmo Hermes, um militarista que se considera um “vibrador” da pátria, lembra de situações pessoais, que possivelmente tinham mais significados para ele, enquanto um jovem rapaz em uma fase de descobertas sentimentais e sexuais, do que a cerimônia em si.

Os desfiles, se você ver. Se você tivesse tido a oportunidade, na época, de assistir um desfile em Campina Grande, você ver o Estadual da Prata, Damas, Escola Normal... A Escola Normal era muito bonita, as normalistas como chamavam.... Ela tinha uma banda delas também. Ah, elas ficavam muito bonitas, está entendendo? Agora pediu para não chover, por causa do laquê que botava no cabelo.... Aí quando chovia, com a maquiagem que botava, borrava o rosto, às vezes até a farda! (Risos). (HERMES, 2016).

Em sua fala sobre os desfiles cívicos, Hermes se recordou das apresentações da Escola Normal, um educandário só para moças. Esse relato me provocou o olhar sobre os desfiles cívicos como eventos que proporcionavam as paqueras entre os estudantes, sobre os desejos despertados e o imaginário construído em torno do universo feminino e masculino.

Hermes rir ao se recordar das moças que tinham sua maquiagem e cabelo desfeitos pela chuva. Na História da Beleza, Santana (2014) conta que a maquiagem exerceu um papel importante na construção da beleza feminina, se no início do século XX, uma moça maquiada era considerada como portadora de uma beleza artificial, após a segunda metade do mesmo

século os produtos cosméticos foram aderidos, a fim de construir uma aparência considerada bela, segundo as estrelas do cinema e da publicidade.

Desta forma, percebo a influência da moda no comportamento das moças da Escola Normal que se penteavam e se maquiavam para sentir-se belas e inspirarem admiração por parte do público presente. Entretanto, os produtos de beleza não resistiam as mudanças climáticas, criando uma situação de constrangimento para as moças e cômica para o público que ora se encantava com a beleza das normalistas. As moças não eram as únicas preocupadas com a aparência nos dias de desfiles. No grupo *amigos_estadual_prata*, da rede social *Facebook*, um ex-aluno lembrou que os homens também cuidavam de si e de sua imagem.

Sete de Setembro, dia das meninas desfilar com as fardas, especialmente, as saias, guardadas debaixo do colchão, K-B-los cheios de laquê pro vento não assanhar. Tinha umas que usavam bombril nos penteados, ficavam lindas! E, a gente botava brilhantina Glostora (cheiro forte, kkkk), um pente no bolso da calça e um espelho redondo marca "Flamengo"! Boas recordações... (POLIDAMAS, *amigos_estadual_prata/Facebook*. Acesso: 15 de nov. 2017).

Este depoimento revela alguns dos segredos utilizados pelos jovens para cuidar da aparência. Guardar os uniformes debaixo do colchão era uma técnica para manter a roupa engomada, enquanto o Bombril dava volume nos cabelos das moças que faziam penteados com topetes semelhantes aos de Brigitte Bardot, atriz francesa, considerada um “símbolo sexual” dos anos de 1960. Os rapazes também se preocupavam com a sua aparência, seus cabelos eram penteados com brilhantina Glostora, semelhante aos astros hollywoodianos e o pente no bolso, compunha a estética dos jovens como Polidamas⁶⁸. Na imagem a seguir, é possível ver a estética de alguns jovens que tocavam na banda marcial do CECG.

⁶⁸ Segundo a mitologia, Polidamas de Skotoussa foi um atleta famoso, não pelos seus feitos olímpicos, mas por matar um leão com as próprias mãos no Monte Olímpio. Sua força foi comparada ao herói Hércules, o que lhe levou a um triste fim, em um verão, Polidamas e seus amigos dormiam em uma caverna, quando o teto começou a desabar, Polidamas sustentou o teto para que os seus amigos se salvassem, contudo, o mesmo não conseguiu escapar do desabamento e pereceu.



Figura 21: Banda Marcial do CECG de 1968.

Fonte: Amigos_estadual_prata/Facebook.

Nesta imagem, percebo que a banda marcial do colégio era composta por moças e rapazes, nas imagens dos desfiles da década de 1950, percebo a ausência das moças, indicando que na quinquagésima década, não era permitido às mulheres tocar os instrumentos. Outro elemento que me chama atenção na imagem é o integrante da banda que burla as normas de uniformização para os desfiles ao usar óculos escuros. Para além da função de proteger os olhos contra os raios solares, os óculos escuros se constituíam em um acessório que ajudava na construção de uma estética jovem, esportiva e rebelde.

Ao falar da beleza masculina, Sant'anna (2014) apresenta os atores Marlon Brando e James Dean como ícones da juventude, a partir dos anos de 1960, os óculos escuros e os topetes feitos com brilhantinas ajudavam a compor o seu estilo *bad-boy* que inspirou muitos jovens das gerações 60-70. Não identifico outros estudantes portando tal acessório, os alunos deveriam desfilar padronizados, com exceção dos pelotões temáticos e as balizas que usavam roupas que caracterizavam o seu papel no desfile.

Também percebo que as saias das moças estavam acima dos joelhos. As saias dos uniformes femininos foram alvos constantes das burlas das estudantes que dobravam o cós para encurtá-las. A minissaia virou febre entre o público feminino durante os anos de 1960-1970 e despertou o desejo de muitas estudantes do CECG, como já falei anteriormente.

Nas imagens dos desfiles cívicos da década de 1950, as saias do uniforme mediam abaixo dos joelhos (Figura 23, p. 150), até o início dos anos de 1960, as saias mantinham esse padrão. Contudo, na Figura 21, assim como na imagem a seguir, percebo que o encurtamento da saia se oficializou, tornando-se comprimento padrão do uniforme escolar. A saia acima do joelho se torna frequente nas fotografias que datam a segunda metade dos anos de 1960 e os anos de 1970. Desta forma, compreendo que com pequenas burlas cotidianas, as estudantes do CECG conseguiram impor os seus desejos na forma de representar a escola e representar-se.



Figura 22: Desfile de 7 de setembro de 1975.

Fonte: amigos_estadual_prata/Facebook.

A imagem apresentada, data o ano de 1975, é possível identificar a mudança na estética dos estudantes, enquanto na imagem que retrata o desfile cívico de 1968, os rapazes apresentam cabelos curtos e penteados com brilhantina, durante a década de 1970, a moda entre os rapazes foram os cabelos compridos, como os astros do *rock*. Sant’anna (2014) fala que durante a década de 1970, a moda *hippie* influenciou a estética dos jovens desta geração, segundo ela, os cabelos compridos e a forma “desleixada” de se vestir produzia uma imagem autêntica e autônoma para os rapazes. Percebo essa representação nas canções do cantor Roberto Carlos,

em que o “cabeludo” é retratado com essa autenticidade e certa rebeldia. Na música Detalhes, por exemplo, que ficou famosa nos anos de 1970, o cantor se coloca como um “cabeludo” de presença marcante que não é possível esquecer.

A música vai exercer um papel importante no comportamento dos jovens, no período da Ditadura Militar. Parada (2009), em seu texto *Música e ação doutrinária*, analisa o papel do canto orfeônico e das bandas marciais na construção de um corpo cívico e disciplinado para o estudante na era Vargas, quando o canto orfeônico se tornou matéria obrigatória nas escolas, ele diz que “as classes de canto orfeônico serviriam como iniciação à cultura musical, mas, sobretudo, constituíram-se como local de coesão em torno de um projeto de cultura cívica.”, (Ibid. p, 196) e completa que:

A disciplina musical agiria primordialmente sobre o corpo do jovem escolar. Assim, o aprendizado da música teria como um dos seus objetivos adequar a fisiologia do estudante para torna-lo um executor perfeito dos exercícios e efeitos sonoros exigidos durante as aulas e as cerimônias cívicas: a disciplina física implicaria o controle dos elementos fisiológicos ligados a respiração e da emissão correta dos fonemas. Assim como a educação física, o canto orfeônico realizaria uma intervenção no corpo infantil [e também juvenil] procurando “aperfeiçoá-los”, adestrando-o para o uso correto da voz, ordenando os semelhantes e identificando “as vozes” desviantes. (PARADA, 2009, p. 226).

O autor explica que o canto orfeônico buscava educar o corpo, também considero que o Estado esperava, através dessas aulas, educar a sensibilidade dos alunos, despertando neles o interesse por um tipo de música (e arte) e que fosse moral e cívica. Como já disse anteriormente, o CECG ofertava a disciplina de canto orfeônico, portanto, considero que o propósito da disciplina, exposto por Parada (2009), permaneceu nos anos em que esta disciplina compôs o currículo escolar, o CECG tinha, inclusive, uma banda formada por moças, que participavam de eventos oficiais, como conta Atlanta:

Naquela época estava começando Roberto Carlos e a Jovem Guarda e depois foi chegando aquela história da MPB, com Chico Buarque e companhia e nós chegamos a formar um grupo musical no colégio, éramos eu e Graça Batista, Maria das Graças Batista. Eu e Graça cantávamos, é... Rosinha, que é Rosângela Soares, tocava piano. Gerusa, que é a irmã dela, tocava guitarra, baixo e Eliane Boa Ventura tocava guitarra e ainda tinha uma menina que tocava acordeom, era professora inclusive, Josélia e tocava escaleta. Escaleta é um instrumento que tem tecla e é soprado... E nós formamos um grupo do Colégio Estadual, com a professora Dalvanira Gadelha... Dona Dadá e o professor Gadelha que nos ajudou muito! A gente viajou, foi para João Pessoa se apresentar na posse do governador Pedro Gondim! (Risos). É, só você vendo, nós nos hospedamos no palácio! Chique!! (Risos)... (ATLANTA, 2016).

Atlanta foi membro do conjunto musical do CECG, este conjunto contava com a direção dos professores de músicas da instituição, entre eles, Dalvanira Gadelha, diretora do “Coral Villa Lobos”⁶⁹, também formado por alunas do CECG. Os grupos formados pela escola participavam de eventos oficiais, com a presença de autoridades políticas e militares, como exemplo; a cerimônia de posse de Pedro Gondim⁷⁰, citada por Atlanta e uma apresentação em Brasília, no ano 1972, que apresento nos anexos o convite da apresentação (Figura 24, p. 151 e Figura 25, p. 152). Considero as análises de Parada (2009) sobre o papel disciplinador da música cívica, todavia, também acredito que os estudantes se apropriaram do aprendizado musical para formar conjuntos musicais que se distanciavam desta cultura cívica.

O *rock and roll*, a partir dos anos de 1950, exerceu forte influência sobre a juventude brasileira, em Campina Grande, por exemplo, cidade onde o forró, xaxado e baião são símbolos culturais, vários conjuntos de *rock* foram formados por estudantes, essas bandas tocavam nos “assustados” e nas matinês. Os “assustados” eram como se chamavam os bailes entre os anos de 1960 e 1970. Segundo Atlanta, este nome se deve ao fato das festas serem organizadas em cima da hora, no “susto” e a as matinês eram festas realizadas durante o dia.

Um dos membros do grupo *amigos_estadual_prata*, também relembra o “pé de parede”, essa festa era realizada em casas residenciais, os sofás, cadeiras e mesas eram afastados para a parede, abrindo espaço para que as pessoas pudessem dançar ao som de uma *pick-up* reproduzindo um disco de vinil, os jovens que iam para essas festas e ficavam ao redor da sala, no “pé de parede” esperando sua vez de dançar. Esses relatos revelam alguns dos meios de diversão desta época e faziam parte da cultura juvenil urbana campinense, assim como representam espaços em que os jovens burlavam as normas.

⁶⁹ O nome do coral homenageia Heitor Villa Lobos, um maestro brasileiro, defensor da disciplina de canto orfeônico nas escolas, como uma música renovadora da moral e do civismo.

⁷⁰ Identifiquei uma confusão nos eventos relatados por Atlanta. Pedro Gondim foi eleito governador da Paraíba em dois momentos, de 1958 a 1960 e 1961 a 1966, ele também foi eleito deputado federal em 1966, contudo, teve o seu mandato cassado em 1969, tendo os seus direitos políticos suspensos, conforme o Ato Institucional nº 5. (Cf.: FGV CPDOC- Pedro Moreno Gondim). Raimundo Gadelha, professor de música do CECG, foi diretor do colégio durante os anos de 1958 e de 1964 a 1965, enquanto a sua esposa Dalvanira Gadelha, também professora de música e teatro, passou a lecionar no colégio a partir de 1964. (Cf.: Colégio Dr. Elpídio de Almeida-Prata/Relação dos diretores; Colégio Dr. Elpídio de Almeida-Prata/Relação dos professores) Atlanta iniciou os seus estudos no CECG, ainda criança, em 1963, (ATLANTA, 2016). Desta forma, não seria possível a participação de Atlanta na cerimônia de posse de Pedro Gondim para governador. Não estou negando o acontecimento relatado pela entrevistada, mas afirmando que houve uma confusão, comum no trabalho com a oralidade. Provavelmente, a cerimônia na qual Atlanta participou, junto com a banda do CECG não foi a cerimônia de posse para governador de Pedro Gondim.

Atlanta também conta que formou junto com suas amigas, uma banda de *rock*, a primeira banda feminina do estado, que se chamava “As Brasas”, transgredindo os padrões de comportamento da época e o cenário musical campinense, composto majoritariamente pelo masculino. Ela conta um pouco sobre essas lembranças.

Depois disso, terminamos por nos afastar do colégio, porque o grupo era um grupo do Colégio Estadual da Prata, nós tínhamos uma farda, olha a farda como era; um tubinho verde lodo, com gola rolê, casaquinho bege por cima, chique de morrer! Aí depois disso, esse grupo... Dona Dadá [Dalvanira Gadelha], se você perguntar a ela, ela vai se lembrar! Depois disso nós formamos, aí já saiu do âmbito do colégio, nós formamos um grupo de rock chamada As Brasas (risos)... Mas também já não era as mesmas pessoas, mas tínhamos esse grupo. O apoio maior era da mãe de Rosinha, dona Armênia Soares, morava aqui na Prata [bairro da Prata]. E aí nós também tínhamos uma roupa uma calça comprida, uma blusa, um chapéu e uma jaqueta que Rosinha até tem... que até o Elba Ramalho de vez em quando falo nisso, ela foi a nossa baterista durante seis meses...[...] (ATLANTA, 2016). [grifo meu].

O grupo “As Brasas” animou a juventude campinense nos “assustados” e em competições de bandas realizadas na cidade. Nas Brasas, a performance de Atlanta era rebelde, se no grupo do colégio as integrantes vestiam uma farda de tubinho com gola alta e um casaco, apresentando uma aparência formal, em As Brasas, Atlanta e suas parceiras usavam calça comprida, jaqueta e tocavam guitarra e bateria. A cantora Elba Ramalho, antes de se tornar um dos principais nomes da cultura popular nordestina, foi baterista da banda “As Brasas”. No programa Domingão do Faustão⁷¹, ela falou do desafio que era uma mulher tocar em uma banda e se apresentar em eventos, durante este período.

Quando nós formamos essa banda, eu detestava estudar, eu estudava por compromisso com a família, eu queria saber de música e de teatro, aí paralelo a escola, quando eu podia, eu fugia e ia para o auditório, tocar bateria, inventar grupos de teatro... [Faustão fala sobre a dificuldade para as mulheres tocarem em bandas na década de 1960]. Muito difícil. Inclusive pra família entender e liberar para que a gente pudesse sair na noite pra tocar nas festinhas noturnas e tal, mas eu sempre fui uma boêmia, logo em seguida eu comecei a tocar violão e ai não tinha mais jeito... (RAMALHO, 2017)⁷². [grifo meu].

⁷¹ Domingão do Faustão é um programa de televisão da emissora TV Globo, exibido nos domingos, pelo apresentador Fausto Silva.

⁷² Em 1995, foi ao ar, no Programa do Faustão –Rede Globo- uma homenagem à cantora Elba Ramalho em que três participantes do conjunto “As Brasas” contaram um pouco sobre a história do grupo. Cf.: Elba Ramalho-Arquivo Confidencial-1995- Sobre “As Brasas”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RiZkQi0-Qa8>. Acesso em 20 nov. 2017.

Elba Ramalho, que também foi aluna do CECG, conta sobre as suas estratégias para conseguir a permissão da família para tocar nas festas noturnas e da sua pouca afinidade com os estudos, para Elba, o seu lugar não era o lugar projetado pela sua família e para os padrões da época, mas o lugar das artes, que era visto de forma negativa pela sociedade burguesa e cristã. “As Brasas” se destacou no cenário musical da cidade, majoritariamente masculino, mostrando que o *rock*, com suas práticas educativas, também educou os corpos femininos. A música proporcionou a Atlanta e suas companheiras de banda, experiências únicas, espaços de liberdade e de transgressão.

No ano de 1971, foi realizado no auditório do CECG a I Noite de Arte e Cultura e do I Salão de Artes Plásticas, promovida pelos próprios estudantes do colégio e contou com a presença de diretores dos demais educandários da cidade e de religiosos, além da comunidade campinense, segundo a matéria publicada no Diário da Borborema. Neste evento, os estudantes prestaram uma homenagem ao cantor Jimi Hendrix, que havia falecido um ano antes.

HOMENAGEM PÓSTUMA PARA GUITARRISTA

Conduzindo uma urna funerária com uma guitarra branca dentro, dois rapazes e duas moças prestaram quarta feira a noite, no auditório do Estadual da Prata, uma Homenagem Póstuma a Jimmy Hendrix, durante a abertura da I Noite de Arte e Cultura e do I Salão de Artes Plásticas, promovidos pelos estudantes daquele educandário. Os estudantes passaram por entre os presentes no auditório e uma vez no palco colocaram flores brancas por sobre a urna, sob um fundo musical de autoria do homenageado. (DIÁRIO DA BORBOREMA, out. 1971).

Como é possível ver, figuras como Jimi Hendrix inspirou e expressou os desejos de muitos jovens campinenses e esta influência está impressa nos corpos dos estudantes que apresentei neste trabalho. Eles cuidavam dos seus corpos com a Educação Física e com a música. Não afirmo que os interesses particulares dos jovens e do Estado estavam sempre em harmonia, assim como não afirmo que estes jovens foram revolucionários em sua época. Percebo que na falta de posicionamento político, esses jovens serviram aos interesses do Estado, assim como outros estudantes subjetivaram alguns dos seus discursos e se em sua época de juventude não se posicionaram a favor ou contra o Estado Militar, hoje reproduzem seus discursos morais e políticos. Os cuidados desses jovens com os seus corpos, não estavam necessariamente, relacionado a um cuidado de si, capaz de produzir um *Corpo sem Órgãos* e

romper com o “organismo⁷³”. O cuidado de si, se aplicava no campo externo, de uma estética física e não de existência.

3.4. “A MOÇA E SEUS PROBLEMAS”: CURIOSIDADE E SEXUALIDADE NO CECG

A presença do rock na cultura juvenil dos estudantes do CECG, também possibilita uma reflexão sobre as práticas educativas da sexualidade presentes no *rock*. Segundo Sant’anna (2014, p. 1894),

O *rock and roll* projetou para o mundo a possibilidade de associar a masculinidade aos gestos, roupas e adereços às mulheres. As roupas justas, especialmente as camisetas e as calças dos jovens músicos, revelavam uma presença corporal tão espantosa quanto atraente. Anéis, brincos, colares e pulseiras ingressavam no mundo dos homens com a mesma segurança que cresciam os seus cabelos e sua irreverência.

Se o estilo e *swing* de Jimi Hendrix apresentava uma identidade masculina multifacetada, em que a virilidade e o masculino também se reafirmavam nas calças apertadas, nos sapatos de salto, nos colares, brilhos e rebolado, as cantoras Janis Joplin, Frida e Agnetha do grupo ABBA, e Wanderleia⁷⁴ entre outras, também apresentavam uma boa dose de sensualidade e irreverência na forma de se vestir, cantar e dançar. Elas também eram referências de moda e comportamento para as moças da época. Se refletirmos sobre o nome do conjunto de Atlanta, por exemplo, ele sugere uma erotização. “As Bravas” faz lembrar do fogo, da brasa que alimenta a fogueira e mantém a chama acesa, que esquentava e causa ardor.

Nas entrevistas, os (as) entrevistados (as) contam sobre a divisão entre os gêneros masculino e femininos, ambos não podiam assistir aulas ou recrearem juntos, desta forma, ao perguntar sobre as paqueras e as relações entre as moças e rapazes dentro do colégio, não consegui muitas informações, a resposta recaía sobre o fato que estes não se misturavam e, portanto, não se conheciam. Contudo, as fotografias apresentam outras histórias, nos eventos escolares, desportivos e nos desfiles, homens e mulheres dividiam o mesmo espaço e atividades, desta forma, posso afirmar que esses eventos aproximavam os estudantes e propiciavam

⁷³ Entendendo por organismo, as normas importadas pelo Estado, Família, Sociedade, religião e cultura, entre outros, que aprisionam o corpo em regras e preconceitos que os impede de conhecer a si mesmo, de transcender e construir para si um Corpo sem Órgãos. (DELEUZE; GUATARRI, 1996)

⁷⁴ Na rede social *amigos_estadual_prata/facebook*, os ex-alunos do C. E. C. G. costumam compartilhar e comentar sobre os seus artistas preferidos e que marcaram a sua juventude, entre os nomes citados, estão os artistas que citei no presente trabalho.

relações de amizades e paqueras. Na figura 17, é possível ver que dois jovens posam com os rostos próximos, sugerindo certa afinidade entre eles. Apenas Atlanta revelou algumas histórias sobre as paqueras entre os estudantes do CECG, como apresento a seguir.

Eu era meio lesa, eu não fui muito de paquerar não... acho que eu era muito menina, mas sempre tinha umas paqueras. Eu me lembro que tinha uma amiga minha, até hoje nós somos amigas, aí como ela ficava apaixonada, aí dizia que estava apaixonada, aí queria que eu escrevesse bilhetes.... Eu vivia escrevendo bilhetes, carta de amor, eu tinha facilidade para escrever, aí vivia fazendo cartas de amor. Não era aquelas coisas, mas tinha sim! Mas era uma coisa tão original, tão singelas... era assim, essas cartas (risos). Às vezes a gente, naquele tempo tinha muito, as pessoas faziam assustados. Eram encontros à noite para dançar, até para comemorar aniversário, coisa assim e também tinha umas matinês dançantes que às vezes os próprios estudantes faziam. Eu ia muitas vezes, os meninos estavam lá e a gente se conhecia, dançava, mas era uma coisa assim... Bem de diversão mesmo, claro que eu era muito bobona (risos). (ATLANTA, 2016).

Atlanta confessa que não paquerava, ela se achava “lesa” e muito nova para ser despertada pelos desejos e os amores. Contudo, esses sentimentos eram revelados em seus bilhetes que servia para unir outros casais. Entendo que mesmo com a chamada “revolução cultural”, no final dos anos de 1960, que reivindicava o direito das mulheres viverem sua sexualidade com maior liberdade, no seio familiar e escolar esses assuntos eram considerados tabus [e ainda são]. No Diário da Borborema, por exemplo, encontrei artigos que falavam sobre os “problemas” da juventude, entre esses problemas, a rebeldia e a sexualidade.

Foucault (1996) fala que o tabu é uma forma de interdição que os discursos sobre a sexualidade sofrem, ele diz que essas “interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder”, (FOUCAULT, 1996, p. 10), ou seja, o dito e o não dito no campo da sexualidade são frutos das relações de poder que buscam controlar o que se deve e quem deve saber, o que deve e quem deve falar sobre o tema. Portanto, suponho que a “timidez” de Atlanta para os assuntos amorosos fosse reflexo de uma educação tradicional, baseada nos valores morais e religiosos da época que buscavam educar os desejos da juventude através de variadas práticas educativas. Sobre outras práticas, Kallipáteira revela como os alunos e alunas buscavam na leitura, formas de conhecer sobre os assuntos que eram “proibidos” para eles.

Não sei se hoje ainda existe, mas no meu tempo existia uma biblioteca enorme. Tinha um livro cobiçadíssimo pela galera, era a “Moça e seus problemas” (risos). Hoje qualquer bebê, na hora na hora que nasceu, está muito mais para a frente do que esse livro (risos). Também tinha “O rapaz e problemas”, também e a gente lia, mas rolava assim... meio escondido. Adelaide Carraro que era uma escritora assim, meio picante..., mas assim, para a gente novinha... nem as mais “assim” do quarto ano ginásial, não deixava a gente ler Adelaide Carraro não. Não era livro para a gente não... (risos). (KALLIPÁTEIRA, 2014).

Kallipáteira lembra de dois livros que ela leu escondido na época em que foi aluna do CECG, um deles foi “A moça e seus problemas” (1967), um manual de conduta originalmente escrito em inglês pelo Dr. Haroldo Shryock⁷⁵, e que foi traduzido em português, fazendo circular no Brasil suas ideias sobre o comportamento feminino na adolescência. Por manuais de conduta, entendo o que Flavio Carneiro Santana (2014) chama de literatura normativa de civilidade, cujo objetivo seria prescrever “códigos de conduta julgados como lícitos, ao passo que outras eram condenados por serem inapropriados às relações sociais” (SANTANA, 2014, p. 8). Neste caso, “A moça e seus problemas” buscava orientar as meninas sobre as mudanças físicas e emocionais, comuns a fase, dentro dos padrões de comportamentos da época.

O livro que apresenta a fase da adolescência como um “problema”, assim como os artigos do Diário da Borborema, e traz discursos sobre o corpo, a saúde e o psicológico da mulher na juventude em uma narrativa moralista e cientificista. Foucault (1988, p. 30) diz que a partir do século XVIII, a sexualidade dos adolescentes se tornou um problema público, um corpo de profissionais, como médicos e pedagogos se responsabilizou em orientar os pais, professores e diretores de escolas de como lidar com esse “problema”, assim como uma literatura acerca do tema com recomendações, preceitos e advertências médicas, etc., passou a ser produzida, o autor vai chamar essa interdição de polícia do sexo, cujo objetivo seria “regular o sexo por meios de discursos uteis e públicos”, (Ibid., p. 28). Desta forma, percebo continuidades nas estratégias do poder em controlar a sexualidade dos jovens, através do manual de conduta “A moça e seus problemas”.

Segundo a descrição do manual, este apresentaria “sadias diretrizes para as adolescentes, em que se estudam seus problemas sociais, sexuais e sentimentais, seus sonhos e aspirações, para seu bem-estar físico, psíquico e espiritual”. (SHRYOCK, 1967, p. 01). Ou seja, em vez de proibir o sexo e a busca pelo seu conhecimento, o livro buscava educar os jovens para a sexualidade, dentro dos preceitos morais da sua época, não muito diferentes dos preceitos de dois séculos atrás.

Em um trecho do livro, o autor explica que a adolescência é como um vestido novo e, portanto, a moça precisa tomar cuidado para não o manchar, resultando em “decepções e

⁷⁵ Não encontrei muitas informações sobre o autor, segundo uma página de venda de livros, Haroldo Shryock foi decano da Faculdade de Medicina de Loma Linda, Califórnia-Estados Unidos. Além da obra *A moça e seus problemas*, Shryock também publicou outros manuais de conduta, como *O moço e seus problemas*, *Avenidas da saúde e fumar- distrai ou destrói?*

entraves pelo resto de seus dias” (SHRYOCK, 1967, p. 11). O vestido [que veste o corpo] seria uma metáfora à honra da moça, se esta fosse descuidada o seu corpo estaria manchado pela desonra, mancha essa que não se conseguiria apagar. Entendo que o uso de metáforas para falar sobre sexualidade é uma interdição do discurso, ao mesmo tempo, revela a sua produtividade. O autor cria estratégias discursivas para falar para as suas jovens leitoras aquilo que não se poderia falar explicitamente, produzindo mais discursos sobre o tema. O livro traz conselhos e orientações para as moças sobre o momento “adequado” para conhecer o sexo, sem precisar falar diretamente sobre isso.

Entretanto, como uma criança precisa de ter tanto mãe como pai, só é próprio que haja união entre as células entre o homem e a mulher, depois do casamento. De modo que até ser fecundado pelo espermatozoide masculino, o óvulo feminino produzido todos esses meses destina-se a perecer. (SHRYOCK, 1967, p. 34).

Como é possível ver nesta citação, o livro tem uma linguagem técnica e busca inculcar modelos de composição familiar e de comportamentos sexuais, assim como guiar o conhecimento da moça sobre o seu corpo. O mesmo traz informações sobre a menstruação, fecundação e a gestação com desenhos ilustrativos, apresentando os órgãos reprodutores femininos e o sêmen masculino, resumindo a sexualidade da mulher à reprodução, também traz informações sobre o corpo masculino, contudo, o livro não apresenta desenhos ilustrativos sobre o corpo do rapaz e sobre as relações sexuais.

As interdições dos discursos também produzem subjetividades sobre o que devem e como devem ser ditas as coisas no campo da sexualidade. Para falar sobre como eram algumas meninas do quarto ano ginásial, Kallipáteira fala mais com o corpo do que com as palavras. Quando ela confessa que nem essas meninas que eram “mais assim” deixavam ela e as colegas lerem Adelaide Carraro⁷⁶, por serem muito novas e a linguagem da autora ser jugada como inapropriada para a idade delas, Kallipáteira projeta o busto para frente e abre as mãos como se quisesse demonstrar que as meninas eram mais “evoluídas” com relação a esses assuntos.

⁷⁶ Ao contrário de Haroldo Shryock que escrevia manuais de conduta com títulos que sugerem o disciplinamento dos corpos num viés da moral burguesa, a autora Adelaide Carraro (1936-1992) escrevia romances, trazendo para seus escritos histórias que ela dizia ser reais, em uma linguagem “nua e crua” (*A MÁQUINA DE ADELAIDE-O AMOR FODIDO*. S. d.). A autora teve seu auge no período da Ditadura Militar, sendo seus livros os mais vendidos em um país de poucos leitores e de censura. Entre os livros publicados, consta: *A falência das elites* (1965), *Eu e o governador* (1967) e *O estudante* (1975). As histórias de Adelaide Carraro transitavam entre os temas considerados tabus e “imorais”, como sexo, drogas, prostituição e traição

Entendo que esse cuidado no uso das palavras para falar de determinados temas, foi consequência de uma educação que policiava os discursos sobre a sexualidade, assim como o cuidado das meninas mais velhas sobre as leituras das mais novas foi resultado de um esforço em negar a sexualidade da criança. O fato de o livro “A moça e seus problemas” pertencer a biblioteca da escola e estar acessível aos alunos, significa que o colégio não censurava a sexualidade dos seus estudantes totalmente, mas buscava disciplinar seus comportamentos e controlar o que estes deveriam saber.

Além dos conselhos sobre namoros, relações familiares, religião e comportamentos, o livro também apresenta diretrizes para se ter um corpo são. No capítulo “Fisicamente capaz”, a prática de exercícios físicos é apresentada como importante para esta fase, pois ajudaria no desenvolvimento do corpo, no equilíbrio emocional, na disposição e produtividade. O médico é uma figura presente no livro, apresentado como uma pessoa bondosa e amigo da família, buscando legitimar o lugar deste profissional na sociedade e no núcleo familiar. Logo, entendo que o livro “A moça e seus problemas” é um exemplo da relação poder-saber sobre a sexualidade e sobre o corpo, principalmente, o corpo feminino, cujo objetivo seria inculcar nas moças, padrões de comportamento e ensiná-las a viver a sua sexualidade de forma utilitarista - para a reprodução.

Foucault (1988) explica sobre como a sociedade ocidental desenvolveu o que ele chama de *scientia sexualis*, em vez de desfrutar dos prazeres como algumas sociedades orientais antigas, prática que ele chama de *ars erótica* – arte erótica, o ocidente buscou a verdade do sexo e dos prazeres, esta vontade de saber a verdade dos prazeres se tornou uma prática cultural que reverbera até os dias atuais. Segundo ele, a contemporaneidade deseja descobrir o sexo:

Vivemos todos, a muitos anos, preso no reino de príncipe Mangoggul: presa de uma imensa curiosidade sobre o sexo, obstinados a questioná-lo, insaciáveis a ouvi-los e ouvir falar nele, prontos a inventar todos os anéis mágicos que possam forçar sua discricção. Como se fosse essencial podermos tirar desse pequeno fragmento de nós mesmos, não somente o prazer, mas saber e todo um jogo sutil que passa de um para o outro: saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber; e como se esse animal extravagante a que damos guarida, tivesse uma orelha bastante curiosa, olhos atentos, uma língua e um espirito suficientemente bem feitos, para saber demais e ser perfeitamente capaz de dizê-lo, desde que solicitado com um pouco de jeito. (FOUCAULT.1988, p. 75).

Desta forma, considero que a curiosidade de Kallipáteira e das suas colegas em ler “A moça e seus problemas”, foi reflexo de uma “vontade de saber”, de conhecer mais sobre a

sexualidade, de descobrir os seus “segredos”, transgredindo os limites da idade, da disciplina, buscando saber mais sobre o corpo, sobre o prazer e sobre si.

3.5. “PAPAGAIOS DO GOVERNO X PAPAI PAGOU, PASSOU. ”: A APROPRIAÇÃO DA COMPETIÇÃO NOS DESFILES CÍVICOS

Como já discuti no primeiro tópico, os desfiles também foram lugares de competição, os desfiles realizados nas aberturas dos jogos escolares valiam títulos e medalhas e uma comissão julgadora avaliava o desempenho das escolas, que nessas cerimônias se tornavam equipes desportivas. Chamo esse tipo de competição, como “competição oficial”, pois era realizada dentro de normas e julgadas por uma comissão criada para este fim, enquanto na cultura dos estudantes, se produziu outro tipo de competição, despertadas pelos sentimentos de pertencimento, pela identidade e diferença. Sobre isso, Kallipáteira conta sobre as “rixas” entre os educandários durante os desfiles.

Era de paz, só tinha aquela coisa assim, que no tempo de hoje a gente diz... Não era briga, chamavam a gente de “papagaios do governo”, por causa da farda, e a gente chamava de “pano de café” o Alfredo Dantas né, e Damas era PPP, “papai pagou, passou”. A gente tinha aquela imagem que os alunos só passavam se pagassem..., mas sempre houve o maior respeito, era só bate papo assim, como coisa de criança mesmo, moças e rapazes.... Passava e falava, “pano de coar café”! “Araras do governo”! (Risos). Disso ficava... (KALLIPÁTEIRA, 2014).

A partir das reflexões de Soares Junior (2015), em que ele afirma que é possível pensar a cultura física em termos físicos e psicológicos, percebo no relato de Kallipáteira, a cultura física também faz presente nas rixas entre os educandários. Os alunos se apropriaram do valor da competição, tão cara aos desportos e criaram outras formas de competir. Através dos apelidos, os estudantes competiam entre eles, para afirmar quem estudava no melhor colégio, construindo identidades para si e para os outros, essas rixas se davam nos desfiles e jogos, quando os estudantes estavam envolvidos pelo “prepotente, ardente espírito da juventude que se exprime na competição”, que falava Riefenstahl, (1936, Apud ALMEIDA, 2006, p. 83).

Leone (2016), em seu artigo sobre os apelidos no espaço escolar, discute sobre essa prática como um ato de violência e desrespeito a diversidade. Ela diz que nomear o outro é determinar para ele uma identidade, reduzindo a “possibilidade de ser e estar no mundo do outro que está à nossa frente, considerando apenas nossos pontos de vista e nossa maneira de também ser e estar no mundo, desconsiderando a pluralidade inerente à vida humana”. (Ibid., p. 2). Ou

seja, os apelidos desmereciam o outro pela sua diferença, seja por ser um estudante da rede pública ou privada.

Kallipáteira não compreende os apelidos como uma forma de violência para com o outro, pois ela toma como referência de violência, a realidade atual das escolas, em que os alunos reagem através da agressão física, muitas vezes, resultando em mortes. Para ela, esse tipo de comportamento era sem maldade. Através desse relato, reflito sobre a naturalização dos apelidos, percebo através desses atos aparentemente inocentes, uma forma de reproduzir preconceitos. Desta forma, esses apelidos desmistificam os discursos positivos dos ex-alunos e ex-alunas que afirmam não ter existido preconceito e discriminação na época em que foram estudantes.

Também vejo nos apelidos como “papagaios do governo” e “papai pagou, passou”, como uma visão crítica dos alunos com o sistema educacional tanto público como privado. Tais apelidos permitem a reflexão em torno do ensino tecnicista da escola pública, cujo principal objetivo era formar trabalhadores, sem a preocupação de desenvolver no alunado o pensamento crítico, transformando-os em repetidores dos conteúdos, enquanto que a escola privada transformava a educação em um grande negócio, em que as boas notas e as aprovações poderiam ser compradas. Tal visão sobre a escola privada perdura até os dias atuais, devido aos casos de ameaças e imposições que alguns pais de alunos mantem com as escolas e professores, frutos de uma cultura escravocrata que as elites ainda preservam.

Para se trabalhar com as fontes orais é preciso estar ciente que os sujeitos constroem narrativas sobre si, devido a isto, não consegui identificar críticas diretas ao colégio, pois quando os entrevistados falavam do CECG, eles estão falando sobre sua própria educação e, portanto, os problemas e as falhas do colégio refletiriam na sua formação. Como já falei anteriormente, nas entrevistas, os interlocutores estabelecem uma ponte entre o passado e o presente, devido a isto, as comparações são recorrentes e a cristalização do passado acontece através dessa relação de alteridade. Entendo que a identidade é uma forma de apropriação dos discursos que constrói uma compreensão sobre si e sobre o outro.

CONCLUSÃO

Durante os anos de 1960 e, principalmente nos anos de 1970, Campina Grande vivenciou um período de festividades desportivas que movimentou a cidade e lhe rendeu o título de “celeiro dos craques”, batizada pelos jornalistas e memorialistas locais. Mobilizou vários órgãos, setores e instituições a participarem dessa festa, entre elas, a instituição escolar. Várias escolas públicas e privadas da cidade participaram desses eventos. Só foi possível construir e narrar as histórias desses eventos estudantis, cobertos de valores morais e cívicos, através da reunião de várias fontes, com procedimentos distintos, que se uniram como peças de um quebra-cabeça, se complementaram. Esses eventos foram produtos de um projeto de nação do Governo Militar que viu na cultura física uma forma de educar, disciplinar e civilizar os corpos, torná-los sãos e produtivos. Tal projeto se desenvolveu por todo país, amparado pela legislação e teve seus desdobramentos na cidade campinense.

No decorrer do texto, busquei mostrar como foram produzidas as práticas educativas do corpo na disciplina de Educação Física e no desporto, no CECG, que refletiam o desejo do corpo e mente sãos. Desta forma, concluo que no período da Ditadura Militar, se desenvolveu no Brasil uma cultura física ditada pelo desporto que foi apropriada pelas escolas campinenses, entre elas o CECG, tendo em vista a participação dos estudantes nos eventos desportivos estudantis. Embora a participação dos alunos nesses eventos fosse obrigatória, percebi nos relatos dos entrevistados que havia um desejo da parte deles de participar dessas festividades. Também concluo que no CECG esta cultura física sofreu ressignificações, como a produção de uma cultura física a partir da falta de recursos, vestimentas e acessórios para as aulas de Educação Física e treinamento desportivo, produzindo novas subjetividades sobre o corpo e a disciplina.

Além de promover a saúde e a produção de recursos humanos para o Estado, a Educação Física também serviu de estratégia para manter os jovens afastados dos assuntos políticos. Contudo, essa estratégia não obteve sucesso total, embora uma parte dos alunos do CECG não tenham se interessado pelos assuntos políticos, outros, mesmo participando dos eventos cívicos-desportivos, se envolveram com o movimento estudantil, passeatas e protesto contra o governo. Também concluo que os estudantes se apropriaram das festas cívicas desportivas estudantis e construíram outros significados, para além do político e patriótico.

Embora seja possível realizar um estudo apenas com um tipo de fonte, para este trabalho foi necessário ouvir e analisar as várias vozes que complementavam o discurso de corpo e mente sãos. Através da voz da imprensa, representada pelo jornal Diário da Borborema, pude perceber como os jogos escolares se apresentavam socialmente como um evento festivo para toda a comunidade, fazendo com que os valores da Educação Física alcançassem um público para além da escola. A fonte jornalística apresenta vários elementos que nos permite construir um texto histórico, os artigos, títulos, fotos e legendas são textos dispostos a análises do pesquisador. Pude perceber neste tipo de fonte como esses elementos se dialogavam com o intuito de dar sustentabilidade aos discursos que o jornal pretendia transmitir.

Em todas as fontes se estabelecem relações de poder, seja na sua construção, no seu acesso e na sua própria análise, devido às restrições da empresa Diários Associados, não pude me aprofundar nas imagens publicadas pelo jornal sobre essas festas cívicas-esportivas, portanto, considero os discursos construídos pelo jornal através das imagens sobre os corpos “sãos” e sobre a Educação Física e o desporto como uma das lacunas que este trabalho deixa aberta para futuras pesquisas sobre este tema, assim como outras questões que não explorei neste trabalho.

Se o métier do historiador é a lida com as fontes, organizar um acervo coeso que possibilitasse a historicização dessas práticas educativas foi o grande desafio. Contudo, a generosidade daqueles que colaboraram com esta pesquisa, tornou este trabalho possível. Ainda sobre as fontes, as fotografias se apresentaram como uma aventura para mim. Assim como as entrevistas, essas fotografias estão carregadas de afetividades, pois parte delas foram de acervos pessoais, enquanto outras foram disponibilizadas em acervos digitais, cujo sentimento de nostalgia e ufanismo motivaram os seus criadores a reunir estes materiais, organizá-los e disponibilizá-los para a comunidade campinense.

As entrevistas me possibilitaram conhecer sobre essas festividades pelo ponto de vista daqueles que participaram dos eventos e que foram os alvos principais dessas iniciativas escolares e políticas. Trabalhar com fontes orais é descobrir o não-dito da história oficial, é ouvir várias versões sobre a “mesma” história e entender que a História não é um fato estático, feito por eventos macros e por “heróis”, mas composta de experiências individuais e coletivas. Reitero aqui trabalhei a História Oral como metodologia de pesquisa que produz fontes orais, analisando-as com a Análise do Discurso. Tendo como tema as práticas educativas da Educação Física e do desporto, esta pesquisa foi atravessada por várias discussões como educação, corpo,

gênero, apropriações, subjetividades, cultura política, música, cinema, entre outros.... Um leque de eixos temáticos que permitem outros olhares, outras pesquisas, inclusive sobre o mesmo tema. Tenho interesse de dar continuidade aos meus estudos sobre a cultura física, refletindo sobre os discursos da Educação Física que buscavam educar os corpos femininos, alvos dos discursos machistas que se faziam presentes na disciplina.

Entre as muitas discussões aqui desenvolvidas, busquei desmistificar a memória de que no período da Ditadura Militar a educação pública foi “exemplar” em comparação aos dias atuais. Através das análises das fontes foi possível mostrar que a educação pública no período da Ditadura Militar recebeu golpes de morte com o baixo investimento para o setor público, enquanto o Estado comprava vagas nas escolas particulares, fortalecendo o setor privado. Compreendo esta memória que defende a educação no período da Ditadura Militar como uma forma de relativizar os danos causados pelo regime. Desta forma, como historiadora que estuda este período, sinto-me com o dever de trazer essas análises, não com o intuito de relativizar os problemas da educação nos dias atuais em comparação com os problemas do passado, mas de reconhecer as permanências destes problemas que são antigos na nossa história.

Esta pesquisa foi fruto dos meus interesses como historiadora e como sujeito que passou pelos processos de escolarização e de educação do corpo. Sendo o corpo alvo de várias iniciativas culturais para normatizá-lo, higienizá-lo e torna-lo são, busquei mostrar como o corpo é educado a ser o que ele é, como os padrões corporais e se constituem e encontram suporte nos meios de comunicação, no currículo escolar e nas políticas para reproduzir os seus discursos e buscar sua efetivação. Como ex-aluna da instituição, tenho o desejo de desmistificar alguns mitos em torno do CECG que chegam a desvalorizar a cultura estudantil dos discentes das gerações atuais, quando estes são vítimas de comparações muitas vezes fantasiosas, capazes de diminuir a autoestima do jovem estudante.

Através dessa escrita, busco colaborar com a produção acerca da História da Educação, História do corpo e História da Educação Física, mas saliento que não tenho interesse de alcançar apenas a comunidade acadêmica, também tenho como público alvo os alunos do Colégio Estadual da Prata, colaborando na formação desses jovens, através deste estudo e dos temas abordados. Por fim, concluo este trabalho, afirmando que não contei toda a história sobre a disciplina de Educação Física e do desporto no CECG e que essa história não está encerrada, sendo possível outras pesquisas que aborde este tema, assim como outros temas aqui iniciados. Também afirmo que este trabalho não objetivou contar a “verdade” sobre a história do CECG

e suas práticas educativas, mas uma versão possível, a partir do que as fontes me possibilitaram contar.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

A) ENTREVISTAS

ATLANTA. [maio de 2017]. Entrevistadora: Nita Keoma Lustosa de Sousa. Campina Grande, 2017. 3 arquivos .mp3 (1 h 12 min).

HERMES. [agosto de 2016]. Entrevistadora: Nita Keoma Lustosa de Sousa. Campina Grande, 2016. 1 arquivo .mp3 (43 min).

HERCULES [outubro de 2017] Entrevistadora: Nita Keoma Lustosa de Sousa. João Pessoa, 2017. 1 arquivo .mp3 (40 min).

KALLIPÁTEIRA. [outubro de 2014]. Entrevistadora: Nita Keoma Lustosa de Sousa. Campina Grande, 2014. 1 arquivo .mp3 (50 min).

ORSÍPPUS. [agosto de 2013:]. Entrevistadora: Nita Keoma Lustosa de Sousa. Campina Grande, 2013. 2 arquivos .mp3 (3 h 30 min).

ORSÍPPUS. [outubro de 2017]. Entrevistadora: Nita Keoma Lustosa de Sousa. Campina Grande, 2017. 1 arquivo .mp3 (1 h 57 min).

THEAGENES [outubro de 2017]. Entrevistadora: Nita Keoma Lustosa de Sousa. Campina Grande, 2017. 1 arquivos .mp3 (1 h 09 min).

B) JORNAIS

DIÁRIO DA BORBOREMA. A juventude deve ser estimulada. 11 out 1966, p. 1. Arquivo DB/D. A. Press.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Governo quer construir nação com os estudantes. 12 jan. 1968, p. 1. Arquivo DB/D. A. Press.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Ronda diária. 11 out 1968, p. 1. Arquivo DB/D. A. Press

DIÁRIO DA BORBOREMA. Um time de fazer inveja. 19 out 1968, p. 1. Arquivo DB/D. A. Press.

DIÁRIO DA BORBOREMA. O Estadual da Prata tem 3 mil vagas. 08 jan. 1970, p. 3. Arquivo DB/D. A. Press.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Homenagem póstuma para guitarrista.? Out. 1971, p. 1. Arquivo DB/D. A. Press.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Concurso pão e a certinha. 26 out 1972, p. 1. Arquivo DB/D. A. Press.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Lourdinias: melhor classificação nos próximos jogos ginásio-colegiais. 29 out 1972, última página. Arquivo DB/D. A. Press.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Ginkana. 10 mai. 1973. Arquivo DB/D. A. Press.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Ginkana do Diário fez a estudantada vibrar. 04 out 1973, última página).

DIÁRIO DA BORBOREMA. Povo nas ruas aplaudiu o desfile estudantil. 9 set. 1975, p. 11. Arquivo DB/D. A. Press.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Colégio estadual da prata. 31 jan. 1978. Arquivo DB/D. A. Press

DIÁRIO DA BORBOREMA. Ensino de segundo grau. 17 fev. 1978. Arquivo DB/D. A. Press

DIÁRIO DA BORBOREMA. Elaborada a programação da semana da pátria, 20 ago. 1978, p. 4. Arquivo DB/D. A. Press.

DIÁRIO DA BORBOREMA. O povo prestigiou a abertura da Olimpíadas do Exército, 20 ago. 1978, p. capa. Arquivo DB/D. A. Press.

DIÁRIO DA BORBOREMA. Juramento do atleta. 16 ago. 1978. Arquivo DB/D. A. Press.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Thaisy Lanny de. **Memória e cotidiano escolar:** o Colégio Estadual de Campina Grande (1968-1978). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Campina Grande, 2011.

ALEIXO, Ramon de Alcântara. Das representações docentes nas tramas de Mnemósine: cartografias de sedição e sedução nos caminhos e atalhos da História da Educação na Ditadura Militar (1964-1985). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2013. (PPGE)

ALBERTI, Venena. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. Ia reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008., p. 155-202.

ALMEIDA, Milton José de. A Liturgia Olímpica. In: SOARES, Carmem Lúcia (org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 79-108.

AMIGOS_ESTADUAL_PRATA/FACEBOOK. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/groups/545613138785497/>>. Acesso em: 18 de maio de 2017

ANDRADE, Victor Melo de. **História da Educação física e do esporte no Brasil: Panorama e perspectiva.** São Paulo: Ibrasa, 2007.

ANDRADE, Vívía Galdino. **Alfabetizando os “filhos da Rainha” para a cidadade/modernidade: O Instituto Pedagógico em– PB (1919-1943).** 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa. (PPGE)

ARAÚJO, Eronides Câmara de. **Fazer de algumas passagens, quadros e quem sabe um dia, você possa assinar: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor.** 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Campina Grande, 2011.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e imagem.** Bauru: EDUSC, 2004.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950).** 2007Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, 2007.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei Orgânica do Ensino Secundário. Nº 4.244 de 9 de abril de 1942.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-133712-pe.html>. Acesso em 06 de agosto de 2017.

_____**Reforma do Ensino Superior. Nº 5.540 de 28 de novembro de 1968.** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 06 de agosto de 2017.

_____**Reforma de 1º e 2º graus. Nº 5.692 de 11 de agosto de 1971.** Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 06 de agosto de 2017.

CASTELLANT FILHO, Lino. **A Educação Física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas: Papirus, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CENTRO ESPORTIVO VIRTUAL. Conselho Federal de Educação.: resolução 69/69.02/12/1969. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/parecer-69-69/>. Acesso em 03 de fevereiro de 2017.

COLÉGIO ESTADUAL DR. ELPÍDIO DE ALMEIDA - PRATA. Disponível em: www.colegioprata.xpg.com.br. Acesso em: 29 de maio de 2018.

CORRÊA, Denise Aparecida. **A Educação Física escolar nas Reformas Educacionais do Ensino Secundário no Governo de Getúlio Vargas.** EDUCERE, PUC-PR, 2008, p. 222-234.

Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/479_427.pdf.

Acesso em: 29 de julho de 2017.

DECRETO-LEI Nº 477 26 DE FEVEREIRO DE 1969.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De10477.htm. Acesso em: 16 de out de 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real. Pós:** revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 206-219, nov. 2012.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador volume 1: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESPORTE E EDUCAÇÃO. A fadiga do esportista. Ano IV. Nº 26. Janeiro/Fevereiro, 1973.

FERNANDES, Natália Ap. Morato. **A política cultural à época da Ditadura Militar. Contemporânea. Cidade**, v. 3, n. 1, p. 173-192, jan./jun., 2013.

FERREIRA, Artur Orlando Costa. Editorial Boletim Técnico Informativo., 1979: 11, n. 8.

FERNANDES, Silvana Torquato. **Uma outra representação da modernização em Campina Grande: a cidade nas páginas do Diário da Borborema (1960/1980)**. 2011. 000 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Campina Grande, 2011.

FRAGO, Viñao. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas: continuidades y cambios**. 1996. Disponível em:

http://www.oei.org.ar/edumedia/pdfs/T05_Docu3_Sistemaseducativosculturas Escolares_Vinao.pdf. Acesso em 06 de agosto de 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural do College de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 40ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 134.

Fundação Getúlio Vargas – CPDOC. Relatório Meira Matos. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/relatorio-meira-matos>. Acesso em: 28 de abril de 2017.

GIRALDELI J. R. Paulo. Educação física progressista. A pedagogia crítico social dos conteúdos e a educação física brasileira. São Paulo: edições Loyola. Vol. 10, 199.

_____. Introdução a Educação Escolar Brasileira. História, Política e Filosofia da Educação. [Versão prévia]. 2001.

GOIS JUNIOR, Edivaldo. Georges Demeny e Fernando Azevedo: uma ginástica científica sem excessos (Brasil, França 1900-1930). Revista brasileira de ciência do esporte. 2015, pp. 144-150. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n2/0101-3289-rbce-37-02-0144.pdf>. Acesso em: 31 de julho de 2017.

GUÉRIOS, Estela Ferreira Mansur. **Educação Física Feminina**. 2. ed. São Paulo: Edgard Blucher, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. [S.I.: s.n.], n. 1, jan./jun., 2001.

JUVENAL. Sátiras. **Consejos Superior de investigaciones científicas**. Madrid, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEONE, Kaluany Honda. **Quando a diversidade é morta: os apelidos e suas violências**. VI semana de estudos e teorias e práticas educativas, 01 e 02 de dezembro de 2016: 1 a 16.

LE MOS, Márcia. Vestir Identidades: Uma Leitura de *The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood. **E-topia**: revista electrónica de estudos sobre a utopia, Porto - Portugal, v. 1, n. 13, 2012.

DE LUCA, Tania Regina de. História dos, nos, e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Trad. por Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010. p. 17.

_____. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, et al. (org.) **500 anos de educação no Brasil**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 423-446.

MAHEU, René. Desporto e Educação. **Revista Brasileira de Educação Física e Desporto**, n. 16, p. 12-23, 1973.

- MATOS, Meira. O governo quer construir a nação com os estudantes. **Diário da Borborema**, Campina Grande, 12 de janeiro de 1968. Arquivo DB/D. A. Press
- MEDINA, João Paulo. **A Educação Física cuida do corpo... e "mente"**. 22. ed. Campinas: Papiros, 1990.
- NATTKAMPER, Heinz. **Moderna Educação Física para rapazes**. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- NEVES, Jobedis Magno Brito. Primeira Olimpíadas Colegiais de Campina Grande, In: Blog Museu Virtual Esportivo de Campina Grande. 10 de setembro de 2011. <http://museudoesportedecampinagrande.blogspot.com.br/2011/09/primeira-olimpiadas-colegiais-de.html> (acesso em 26 de setembro de 2017).
- NOBERTO DA SILVA, Osni Oliveira; SOUZA, Claudio Lucena de. Percurso histórico da formação profissional em educação física no Brasil e na Bahia. *Revista Digital Buenos Aires*, Ano 14, nº 141, fevereiro de 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd141/formacao-profissional-em-educacao-fisica.html>. Acesso em 18 de maio de 2017.
- OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência**. 2001. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica – PUC. São Paulo, 2001.
- PARADA, Maurício. **Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo**. Rio de Janeiro: PUC – Rio, 2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- PINTO, José Rizzo. Medidas Antropométricas. **Revista Brasileira de Educação Física e Desporto.**, ano 10, n. 39, p. 5-23, abr./jun., 1978.
- PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. Instrução e cultura escolar: Considerações sobre cultura escolar educacional no oitocentos. In: CURY, Cláudia Engler; MARIANO, Serioja Cordeiro (org.). **Múltiplas Visões: cultura histórica no oitocentos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009, p. 101-122.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo. v. 14, fev., 1997, p. 25-39. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>. Acesso em: 05 de agosto de 2017

POLLAK. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1989: vol. 2, n. 3, p. 3-15.

RAMALHO, Elba. Arquivo Confidencial - 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RiZkQi0-Oa8>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SANTANA, Flavio Carneiro. **Majestosa educação: família e civilidade no segundo reinado do Brasil (1940-1989)**. 2014. Tese (Doutorado em Identidade, Práticas e Representações no Mundo Contemporâneo) – Universidade de Coimbra. Coimbra – Portugal, 2014.

SANTOS, Alexandro. Cultura physica para a família campinense: Higiene e Educação Física no Instituto Pedagógico – Campina Grande – PB (1931-1942). 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Campina Grande, 2017. (PPGH)

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SENNA, Carlos. A vida vegetativa da capoeira. **Revista Brasileira de Educação Física e Desportos**, ano 10, n. 38, p. 77-80, jul./set., 1978.

SILVA, Vívica de Melo. **Por uma formação da juventude campinense: o colégio “Gigantão da Prata” (1948-1962)**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, 2014. (PPGE)

SIQUEIRA, Antônio Jorge. **Labirintos da modernidade: memória, narrativa e sociabilidades**. Recife: UFPE, 2014.

SILVA, Vania Cristina da. **Ó Pátria amada, Idolatrada, Salve! Salve!:** festas escolares e comemorações cívicas na Paraíba (1937-1945). João Pessoa, 2011.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUSA, Nita Keoma Lustosa de. **“A Prata que vale ouro” na História da Educação campinense: memórias e representações sobre o Colégio Estadual de Campina Grande (1953-1959)**. 2014. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Campina Grande, 2014.

_____. “A presença marcante” do Regime Militar na cultura escolar do Colégio Estadual de Campina Grande (1964-1980). **Anais do VI Cultura e Memória: Golpe de 1964:** Cultura e Memória. Recife: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 22 a 25 de abril de 2014.

SOUZA, Clarindo Barbosa de. Campina Grande nos anos 50: Entre o sonho e a fantasia. In: CITTADINO, Monique; GONÇALVES, Regina Célia (orgs.). **Historiografia em diversidade:** Ensaios de história e ensino de história. Campina Grande: Editora Universitária /UFCG, 2008, p. 181-189.

_____. Uma cidade enxada: Cotidiano, controle e lazer na cidade de Campina Grande. **Saeculun:** revista de história. João Pessoa, n. 27, jul./dez., 2012.

_____. Lazer permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965). 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2002.

SOARES JUNIOR. Azemar dos Santos. **Physicamente vigorosos:** medicalização escolar e modelação dos corpos na Paraíba (1913-1942). 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. João Pessoa, 2015. (PPGE)

SOARES, Carmem Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas:** a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas: Autores Associados, 2011. (Coleção Educação Física e Esportes)

_____. **As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte:** nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 81-96, set./dez., 2011.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia:** raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

Temporada 1975. <http://campinense.webnode.com.br/products/temporada-1975/>. Acesso em: 30 de outubro de 2017.

VASCONCELLOS, Osny. Esporte para todos. **Revista Brasileira de Educação Física e desporto.** Ano 8, n. 32, out./dez., 1976.

VEIGA NETO, Alfredo. Tensões disciplinares e ensino médio. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento-Perspectivas atuais. Belo Horizonte, 2010: 1-17.

VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nívia de Lima. **História e Historiografia da Educação no Brasil.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Desejos de reforma:** legislação educacional no Brasil-Império e República. Brasília: Líber Livro, 2008.

ANEXOS

ANEXO I:



Figura 23: Alunas desfilando no desfile de 7 de setembro de 1956

Arquivo: Blog Colégio Dr. Elpídio de Almeida – Prata

ANEXO II:

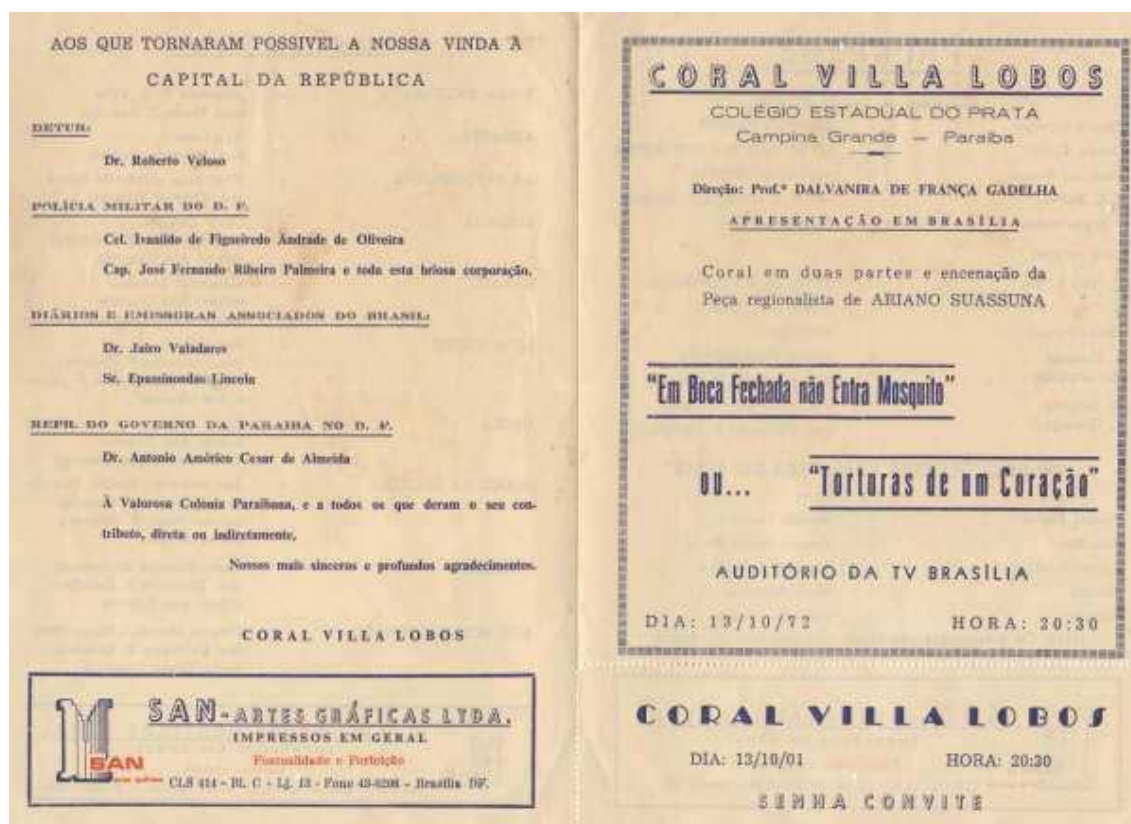


Figura 24: Convite do Coral Villa-Lobos (parte I)

Arquivo: Blog Colégio D.r. Elpídio de Almeida-Prata

ANEXO III:


PROGRAMA		CORAL	
	1.ª PARTE		2.ª Parte
Maude Sermyay	- AMOURS PARTES	VIOLA ENLUARADA	- Marcos e P. S. Valle (arr. Thaise F. Gadelha)
Arádio Vecchi	- SO BEN MI CHI A BON TEMPO	ARRASTÃO	- Edg Lobo (arr. Mauricio Gurgel)
Man del Encina	- MEJOR ES SUPRIR	AS PASTORINHAS	- Noel Rosa - João de Barros (arr. Orestes Farieno)
S. Bach	- JESUS, ALEGRIA DOS HOMENS	LUCIANA	- Paulo Tapajós (arr. Dalvanira F. Gadelha)
Negro espiritual	- SWING LOW	BABALŪ	- Margrido Lecuona solista: Ana Gouveia dança: Graça Queiroga
(com cortina)		LOVE STORY	- Francis Lai (arr. Dalvanira F. Gadelha) solistas: Paulo Renato Nogueira e Ana Gouveia
Villa Lobos	- ESTRELA E LUA NOVA	ORIXÁ	- Arió Junior solista: Ana Gouveia dança: Ana Maria Queiroga
" * "	- ROSA AMARELA	BLOCO DA SOLIDÃO	- Jair Amorim - Evaldo Gouveia (arr. Dalvanira F. Gadelha) solistas: Paulo B. Nogueira e Ana Gouveia
Eden Powell	- BUMBÃO	VALSINHA	- Chico Buarque de Holanda (arr. Dalvanira F. Gadelha) solista: Ana Gouveia
Gonzaga	- SUITE NORDESTINA	MEU SUBLIME TORRÃO	- Genival Macedo - Eunice Setti (arr. Dalvanira F. Gadelha) dança: Graça Queiroga
Cavalcante	(arr. Dalvanira F. Gadelha)		
Teixeira	- PARAIBA MASCULINA		
Gonzaga	(arr. Dalvanira F. Gadelha)		

"EM BOCA FECHADA NÃO ENTRA MOSQUITO"


- ELENCO -

Manoel Flores	- Geraldo Coutinho
Arredito	- Antônia Pereira Nunes
Tomaz Gustavo	- Reginaldo F. Ferreira
Arístida	- Maria Albertina
Leontino	- Georgivan Araújo

Nota: Os intérpretes são todos componentes do Coral.




SAN-ARTES GRÁFICAS LTDA.
IMPRESSOS EM GERAL
Pontualidade e Perfeição
CLS 414 - Bl. C - Lj. 13 - Fone 43-0266 - Brasília DF.




SAN-ARTES GRÁFICAS LTDA.
IMPRESSOS EM GERAL
Pontualidade e Perfeição
CLS 414 - Bloco C - Loja 13 - Fone 43-4204 - Brasília - D.F.

Figura 25: Convite do Coral Villa-Lobos (parte II)
Arquivo: Blog Colégio D.r. Elpídio de Almeida – Prata.

ANEXO IV:



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS - CEP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO - HUAC



DECLARAÇÃO DE APROVAÇÃO DE PROJETO

Declaro para fins de comprovação que foi analisado e aprovado neste Comitê de Ética em Pesquisa – CEP o projeto de número CAAE: 69850817.0.0000.5182, Número do Parecer: 2.227.182 intitulado: “**MENTE SÃ EM CORPO SÃO**” A Educação Física e o desporto na cultura escolar do Colégio Estadual de Campina Grande (1968-1979).

Estando o (a) pesquisador (a) ciente de cumprir integralmente os itens da Resolução nº. 466/ 2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que dispõe sobre Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, responsabilizando-se pelo andamento, realização e conclusão deste projeto, bem como comprometendo-se a enviar por meio da Plataforma Brasil no prazo de 30 dias relatório do presente projeto quando da sua conclusão, ou a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

Daniel Ferreira Gonçalves de Oliveira
Daniel Ferreira Gonçalves de Oliveira
Coordenador CEP/ HUAC

Nita

Campina Grande - PB, 12 de Setembro de 2017.

Rua.: Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José, Campina Grande – PB.
Telefone.: (83) 2101 – 5545. E-mail.: cep@huac.ufcg.edu.br

Figura 26: Parecer do Comitê de Ética

Fonte: Arquivo pessoal da autora

ANEXO V:



DIÁRIOS ASSOCIADOS PRESS S/A, - D.A Press pessoa jurídica de direito privado, com sede em Brasília/DF, no SIG Qd. 02, n. 340, inscrita no CNPJ sob o nº **00.605.329/0001-86**, na qualidade de legítima cedente do **Diário da Borborema**, autoriza **NITA KEOMA LUSTOSA DE SOUSA, CPF [REDACTED]**, a ter acesso ao arquivo digital deste microfilme, para fotografar, no fim e no prazo a seguir especificados.

Obra	Data da produção ou publicação	Especificação do material	Finalidade / Âmbito da Circulação
Diário da Borborema "O lance requer pensar", capa.	18 de outubro de 1970	PÁGINA	TRABALHO ACADÊMICO
Diário da Borborema "Povo prestigiou a abertura das olimpíadas do exército", capa.	20 de agosto de 1978	PÁGINA	TRABALHO ACADÊMICO
Diário da Borborema "Ginkana do Diário fez a estudantada vibrar", última página.	04 de outubro de 1973	PÁGINA	TRABALHO ACADÊMICO

Ao publicá-la, deve-se conceder os créditos ao **Diário da Borborema** no crédito **Arquivo DB/D.A Press**. O uso fora da finalidade designada acarretará sanções previstas na Lei de Direitos Autorais (Lei nº. 9610, de 19/2/1998).

Em caso de reformulação ou edição renovada, a reutilização da obra deverá ser previa e expressamente solicitada e terá um custo adicional equivalente a 60% (sessenta), do valor cobrado no primeiro uso.

Brasília, 16 de fevereiro de 2018.

Castro
Pedro de Castro
Assistente Técnico

Figura 27: Autorização do Diários Associados Press/S.A.

Fonte: Arquivo pessoal da autora

ARQUIVOS E ACERVOS

“Arquivo morto” da Escola Estadual de Ensino Médio e Profissionalizante Dr. Elpídio da Almeida-PRATA (Acervo físico);

Biblioteca de Obras Raras Átila de Almeida - UEPB: Arquivo DB/D. A. Press. (Acervo físico);

Biblioteca Municipal da Cidade de Esperança - PB. (Acervo físico);

Biblioteca Central Blanche Knopf - PE. (Acervo físico);

Blog Museu Virtual Esportivo de Campina Grande. (Acervo virtual);

Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (Acervo virtual);

Blog Colégio Dr. Elpídio de Almeida - PRATA (Acervo virtual);

amigos_estadual_prata/Facebook (Acervo virtual);

Retalhos Históricos do Colégio Estadual da Prata (Acervo físico);

Setor de Documentação e História Regional- SEHDIR (Acervo físico).